

CAMINHOS DE JOÃO BRANDÃO

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

COMPANHIA DAS LETRAS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
CAMINHOS DE JOÃO BRANDÃO

POSFÁCIO
Paulo Roberto Pires

COMPANHIA DAS LETRAS



Sumário

História do animal incômodo
  O cavalo
  Opiniões
  A cauda
  A situação complica-se
  Final
Para um dicionário
Telefone
Diabos de Itabira
José de Nanuque
O chope e a passagem
Impróprio para mineiro
Conversa de casados
A mesária
O amigo que chega de longe
Bombas sobre a vida
  A fugitiva
Nova canção (sem rei) de Tule
Tudo de novo
O Rio em pedacinhos
O outro nome do verde
Dias que eles inventam
  Do papai
  Diploma
  A nova aurora
  Namorados no mundo
FMI

Escolha
O PTT
Descanso de garçom
A eterna imprecisão de linguagem
Na fossa
Acertado
A cápsula
No festival
Um livro, um sorriso
Antigamente
A datilógrafa
O indesejado
Os olhos
O importuno
O novo homem
O jardim em frente
Nós, antiguidades
Perigos e sonhos
  Este Natal
  Para cada um
O nome
Inativos
Encontro
Exercício de/sem (?) estilo
União nacional em três dias
A lixeira
O dono
Entre a orquídea e o presépio
Memorial das águas
  Dois no Corcovado
  Voluntário
  Na treva
  O telhado
Na escada rolante

A festa acabou
O beijo nos lábios
Sebastião explica-se
Cabral, em sua estátua
Queixa de uns óculos errados
Escolha seu batente
Casamento
Requerimento conservador
Um chamado João
Guignard na parede
Surge o poeta da flor
Que dia é hoje, Leninha?
História do cidadão no poder
João Brandão salvará o país?
Nova bossa: a qualqueridade
Começou assim o novo governo
Pedras no caminho de JB
Final (sem drama) da crise
O morto de Mênfis

Nota da edição

Posfácio
O alter ego de todo mundo,
PAULO ROBERTO PIRES
Leituras recomendadas
Cronologia

Enquanto discutem com erudição
os entendidos
que bicho é a crônica
— gênero literário ou número de show*,*
mescla de conto e testemunho,
alienação ou radar —
meu amigo João Brandão
vive sua vida entre a rotina palpável
e a aventura imaginária,
e eu vou cronicando seu viver
com a simpatia cúmplice que me inspiram
o ser comum e sua pinta de loucura
mansa,
pois na terra alucinada que nos tocou,
ainda é virtude (*até quando?*)
cumprir sem violência
o mandamento de existir.

HISTÓRIA DO ANIMAL INCÔMODO

O CAVALO

Este Natal, deram a João Brandão um cavalo. Ele ia ficar radiante: sempre desejou cavalgar, jamais possuiu animal. Já andou por fazendas e sertões, montando animais alugados. Era a primeira vez que tinha um cavalo de seu, perspectiva de alegria muita. O diabo é que seu cavalinho era de tamanho muito inferior ao natural; não revelava a menor inclinação para galopar, trotar ou mesmo andar de chouto: a rigor, não andava mesmo nada. Para falar claro: era um cavalo de cerâmica. E cabia dentro do escritório, mas impedindo resolutamente a passagem.

— Que vou fazer com este cavalo? — interrogou-se João Brandão, tropeçando numa cadeira. A dor da pancada no joelho impediu-o de responder a si mesmo, e o cavalo tampouco parecia disposto a escolher um destino. Ali o puseram, ali ficaria. Há presentes incômodos. Se o presente assume a forma inusitada de cavalo, fica-se com raiva da espécie, tão nobre e gentil, mas incompatível com a vida em apartamento. Também ocorreu a João ter raiva do amigo que o mimoseara com objeto de tal porte.

Pois o cavalo era pequeno para cavalo, mas enorme para decoração. Do tamanho de um jumentinho de puxar charrete de criança no parque? Talvez maior até. João procurou a fita métrica de costura da mulher, mediu a altura do bicho. Estava abaixo do metro e cinquenta de um manga-larga comum, mas excedia os noventa centímetros de um jegue. Com a medição, ficou esquecido o desejo de sentir raiva do presenteador. Mas o desejo voltou, e João teve vontade de devolver o cavalo.

Ideia tão grosseira não podia permanecer muito tempo em seu espírito. Acudiu-lhe outra menos irritada: passar adiante o cavalo, aproveitando este resto de ano, em que os retardatários se presenteiam. Dar a quem? Não queria para seus amigos o que não queria para si. Entretanto, haveria entre eles algum de gosto menos fino, ou de sala mais vasta, onde o animal pudesse pastar em pensamento sua erva imaginária. Passou em revista

relações menos chegadas. Mandar um cavalo daquele tamanho a um pouco mais que conhecido dava muito na vista. Além do mais, obrigava a retribuição. Já pensou o que poderia chegar, em agradecimento? Um camelo de plástico, talvez.

João lembrou-se daquele conto de Tchékhov: o médico que recebe do cliente agradecido, proprietário de loja de antiguidades, um candelabro de bronze, sustentado por mulheres nuas, um tanto marotas. "Agradeço, mas não posso botar isso em meu consultório", diz ele. O cliente insiste: "Não me faça esta desfeita, doutor. É uma obra de arte muito apreciada. Pena é que falte a outra peça, pois trata-se de um par. Mas logo que eu consiga a outra, venho trazê-la para o senhor". O médico, vencido mas inconformado, oferece o candelabro a um advogado que lhe ganhara uma causa. Mas este não pode expô-lo no escritório, frequentado por senhoras. Passa-o a um ator cômico, que, sendo ator cômico… Ele também não quer o candelabro, e vende-o ao antiquário. Este, feliz da vida, leva-o em triunfo ao médico: "Doutor, aqui está a segunda peça que eu lhe prometi!".

João recuou, pensando que o cavalo podia voltar uma, duas vezes, para sempre. Enchendo seu escritório e sua vida.

Que fazer? Fica para a próxima.

OPINIÕES

Prometemos ao leitor a continuação do caso do cavalo. Segundo as normas da boa narrativa, hoje se informaria o que fez João Brandão para livrar-se da importuna alimária de barro, ganha pelo Natal. O relato inicial que fizemos, porém, despertou tamanha repercussão que julgamos de nosso dever consignar aqui algumas reações colhidas em diferentes círculos. Em encontros de rua, pelo telefone, em cartas e telegramas, choveram comentários e palpites, cada um considerando lá de sua ótica a situação brandoniana:

Telefonema do sr. Leonel Pinto, gerente do Bazar Ao Tudo de Bom: "O cavalo foi adquirido em nossa loja e é uma obra d'arte. Desculpe, mas o sr. João Brandão não sabe apreciar o que é belo!".

Bilhete da costureira Cacilda Melo, do Andaraí: "Tanta gente passando fome, e alguém se lembra de comprar uma inutilidade desse tamanho para dar de presente a quem não precisa de nada, pois acho que o sr. João Brandão é homem de fortuna!".

O crítico Fernando Py, na Livraria Leonardo da Vinci: "O João está querendo repetir o caso do piano, no conto de Aníbal Machado. Acaba atirando o cavalo ao mar, na Barra da Tijuca. Não há originalidade nisso".

"Falta de assunto." (Um desconhecido, pelo telefone)

"A questão dos objetos imprestáveis, muitas vezes, caros e geralmente feios, com que se dão presentes" — observa o sr. Ranulfo Prates, economista — "merecia análise do ponto de vista da seletividade da produção. Um país de faixas irregulares de desenvolvimento, como o Brasil, com carência de bens e serviços essenciais, não pode permitir-se o fabrico ou a importação de produtos que tais, alheios à demanda nacional mais urgente. Esperemos que se tire do caso em tela uma lição."

O pintor Reis Júnior: "Não gostaria que João Brandão se lembrasse de oferecer-me o cavalo. Mas notei uma falha na história: de que cor é o cavalo? Que tal a modelagem? Parece com os cavalos de De Chirico ou com os de Delacroix?".

"Li a crônica, fui correndo jogar no cavalo e ganhei um tutu bem bonzinho. Muito obrigada, seu CDA!" (Uma vizinha que não quis dar o

nome)

"Por que não faz rifa da estátua do cavalo, em benefício de uma obra de assistência social? Sou tesoureiro da Associação de Auxílio aos Maridos Abandonados e Desempregados, que luta com os maiores problemas financeiros, sendo eu próprio um deles. Coopere, seja um dos nossos sócios honorários, sr. Brandão!" (Apelo do sr. Indalécio G. Matoso, rua Parintins, 207, casa 3, Jacarepaguá)

"Abominável frivolidade cronista constitui pecado contra Espírito Santo." (Telegrama de frei Domingos Engels, da Igreja Progressista)

"Eu por mim dava o cavalo ao Jockey Club, que não poderia recusá-lo. Rimei sem querer, é o hábito." (Do trovador Matias Farias)

"Cavalo dado não se olha a idade, presente não se recusa nem se joga fora. João Brandão tem de ficar com o cavalinho, ainda mais agora que o caso se tornou público e o amigo dele vem a saber." (D. Rosita Landowsky, do Curso de Etiqueta de Botafogo)

Lya Cavalcanti, à porta da Sociedade Protetora dos Animais: "Presente de Natal vai sempre com endereço errado. Brandão é dos que não querem nem periquito em casa, quanto mais cavalo. Diz a ele que mande o cavalo lá pra casa. Não faz mal ser de louça, eu trato dele assim mesmo".

Prosseguiremos.

A CAUDA

A generosidade de Lya Cavalcanti, dispondo-se a ficar com o cavalo de João Brandão, bastaria para dar remate à história que vamos narrando, se as coisas neste mundo deslizassem no rumo natural; não deslizam. Só depois que o Brasil inteiro, graças a este e outros órgãos de divulgação, havia tomado conhecimento do presente, é que o distraído JB, revendo o cartão que acompanhara a dádiva, pôs reparo nestas palavras, escritas do outro lado: "Este cavalinho, saído da Cerâmica de Santo Antônio do Porto, é mágico. Move-se à meia-noite e anuncia o que vai acontecer no dia seguinte. Não indagues como e por quê, nem contes a ninguém este prodígio; do contrário, ele emudece e te morde".

Qualquer pessoa que lesse tal coisa não a levaria a sério. Para João, tudo é a sério, inclusive o sério, quanto mais um cavalo mágico. Fez boca de siri e aguardou a hora "da meia-noite que apavora". Não chegou a apavorar, embora faltasse luz da Light; a luz do entendimento de Brandão, espevitada pela incursão na área do maravilhoso, dava para criar condições de serenidade. E foi nesse ambiente de paz, com a lanterna de pilha funcionando, que a cauda do animal começou a mover-se de modo particular, como se desenhasse letras. João, bom leitor de criptogramas concret/praxistas e documentos oficiais, decifra tudo. Não lhe foi difícil perceber que o cavalo o saudava jubilosamente com a alegria de ver-se acreditado e consultado. Hoje em dia, ninguém consulta ninguém, sequer o dicionário; o resultado é a guerra no Vietnã, os desquites litigiosos, o indivíduo sair sem guarda-chuva num dia de sol e molhar-se todo, para citar só três exemplos.

Finda a saudação cortês, o cavalo calou-se, isto é, recolheu o movimento do rabo. "E o silêncio amplo e calado, calado fica." O animal não era desses de sair badalando novidades. João que lhe perguntasse, e responderia. Foi o que nosso amigo concluiu, vendo-o passar da comunicação ao recesso. Então JB falou: "Cavalinho meu, profeta ou o que quer que sejas, dize: que farei amanhã de bom ou de mau?".

Prontamente a cauda ondulou e descreveu a resposta: João não faria nada de bom; esqueceria compromissos; fingiria não ver, na mesa da Minhota,

alguém que lhe prestara um benefício há anos; sem querer, esmagaria um besouro na praça General Osório; mentiria; assistindo a um filme de Sophia Loren, o estuque do teto do cinema lhe cairia em cima. Enfim, tudo errado, feio, penoso, nenhum gesto de grandeza ou felicidade compensatória.

Voltou o cavalo à sua rigidez, e João mergulhou em tristeza. Seria esse o dia seguinte? Não poderia evitá-lo, retocá-lo, compô-lo? "Cavalinho meu, ave ou demônio que negrejas (sei lá o que és), dize, dize: posso deixar de viver o dia de amanhã? Me dá um endereço onde eu arranje uma droga que melhore esse negro dia?"

"Isso eu não posso" — abanou a cauda —, "a Saúde Pública proíbe. Mas sossega: do esquecimento dos compromissos não virá mal ao mundo nem a ti; no Brasil isto nem se nota. O homem do restaurante estará entretido com a bacalhoada e não perceberá tua ingratidão; nem poderá perceber, pois não te prestou serviço algum, tu é que o confundiste com a cara do outro. O besouro estava com as asas partidas, não poderia viver. As mentiras… Ora, as mentiras. O estuque não te matará; apenas um susto. No fundo, teu dia será indiferente, ou neutro. Vai dormir."

Assim falou a cauda, e o resto será contado a seu tempo.

A cauda de um cometa e a cauda falante de um cavalo equivalem-se: ambas fascinam o ser humano. Deprimido embora pelos anúncios que lhe transmitia o raro animal, João Brandão não lograva fugir ao seu encantamento. Passava o dia esperando meia-noite, e, em chegando esta, interrogava o futuro próximo. Na rua, sua fisionomia filtrava mistério, pelo que um agente federal suspeitou que ele cogitasse de subverter o regime promovendo eleições diretas, ou outra enormidade no gênero. Daí a pouco era convidado a depor em lugar secreto, sobre seus secretos desígnios. Não se surpreendeu: o cavalo já o prevenira de que teria complicações com o SNI, e que algo de grave iria acontecer.

Trataram-no com a maior cortesia; como o interrogatório se prolongasse por oito horas a fio, serviram-lhe galinha assada e sorvete de morango. João nada revelou, sabendo que a inconfidência lhe custaria dentada de cavalo. Isso não impediu que seu apartamento fosse visitado e vasculhado, e se descobrisse o cavalo. Objeto de cerâmica, daquele tamanho, era anormal, pelo que os agentes o levaram para averiguação. O aparelho de identificação eletrônica detectou os poderes sobrenaturais do animal, e logo o ministro Gama e Silva o requisitou para saber como seria o dia seguinte, e os mais seguintes, do governo da República.

O cavalo quis furtar-se à curiosidade ministerial. Não era informante público, e a infinita operosidade do marechal Costa e Silva e seus auxiliares excedia sua capacidade individual de prever todo um dia de realizações.

— Fale assim mesmo — pediu-lhe o professor Gama.

— Posso não. Coisa demais.

— Fale, fale.

— Amanhã ele vem ao Rio para descansar de Brasília, ou vai a Brasília para descansar do Rio. Inaugura uma fábrica de fósforos sem fogo, distribui medalhas e recebe cumprimentos. Baixará a taxa de juros a meio por cento e subirá o dólar a quatro cruzeiros novos e cinquenta. A inflação será contida às dez da manhã; os preços subirão às doze e às quinze e trinta, mas isso não terá nada que ver com a inflação. O Andreazza…

— Chega — interrompeu Gama. — Esse cavalo não tem nada de original. Pensei que ele fosse dizer alguma novidade, e fica nesse patati, patatá!

O animal — que a esse tempo já fora fichado, fotografado, filmado, declarado elemento subversivo de segundo grau, para ser de primeiro teria de passar da palavra à guerrilha — foi transportado a lugar incerto e não sabido.

Aqui começam as idas e vindas, os mil passos preocupados de João Brandão para restituir à liberdade o profeta de cauda. Sentia-se moralmente responsável por sua segurança, e até já lhe nutria afeição. Correu ao dr. Plínio Doyle para que este requeresse a medida legal conveniente. O advogado fora a Nova Friburgo em busca de documentos sobre a estada de Machado de Assis naquela cidade, em 1878, e sua pesquisa nos arquivos levaria duas semanas. João apelou para outros causídicos. Todos se esquivaram. João fora detido? Não. Então, como requerer *habeas corpus*? Para cavalo não cabe requerer *habeas corpus*. (Isso, depois de recorrer ao general Garrastazu, ao líder Ernâni Sátiro, seu comensal nos almoços da editora José Olympio, ao dr. Rondon Pacheco, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Em vão.) Que fazer, que fazer? Caminhamos para o desfecho.

FINAL

"Tu não me buscarias se já não me houvesses encontrado." Este pensamento, ou algo parecido, de Pascal apresentou-se, em sua ambígua luminosidade, a João Brandão, após muita busca e muito malogro.

O cavalo desaparecido habitava em seu íntimo, João o levava consigo, pouco importando que a aparência física do objeto se subtraísse a seu olhar. Desistiu, pois, de procurá-lo. Não se procurando, acha-se. Um amigo de Juiz de Fora contou-lhe que vira desembarcar ali, de viatura militar, volumoso objeto recoberto de lona, transportado sob escolta munida de metralhadoras. Era o cavalo, evidentemente.

JB dispõe de boas relações em Juiz de Fora. Seguiu para lá, disfarçado em comprador de antiguidades. Para não comprometer ninguém, deixaremos de relatar como foi que ele, sem punhal automático na biqueira do sapato, sem raio *laser* e outros babados próprios de Flint & James Bond, conseguiu penetrar às vinte e três horas na dependência da IV RM onde se guardava a sete chaves o animal. Também omitiremos as circunstâncias em que o retirou de clausura e iniciou a volta ao Rio de Janeiro. Anotaremos apenas que a lua refletida no Paraibuna parecia acumpliciar-se com a aventura: não era bastante clara para denunciar nosso homem, nem tão enrustida que o fizesse perder o rumo. Lua docemente mineira. Daí, quem sabe? Talvez as próprias autoridades, cansadas de guardar o cavalinho, e não sabendo o que fazer dele, houvessem favorecido o rapto. O cavalo tinha a especialidade de dizer coisas desagradáveis ou tristes, que aconteciam logo depois. Se fosse possível inverter-lhe o mecanismo, de sorte que passasse a dizer amenidades, poderia ser aproveitado na Agência Nacional. Os técnicos do Instituto Federal de Otimismo, que funciona junto ao Palácio da Alvorada em regime de tempo integral, consultados, opinaram negativamente. Conservá-lo era inquietante: como deixar no interior de praça de guerra um ente mágico, perturbador? Preferível soltá-lo, mantendo-o sob vigilância do Dops; seu proprietário seria o primeiro a não querer divulgar-lhe o dom profético: dentada de cavalo não é mole, não.

Lá vai pela estrada, de carro, João com seu cavalinho. Pensa o que fará dele. Sabe que no futuro não terá sossego em casa. Amigos acabarão desvendando o segredo, procurarão transformar o animal em oráculo de cada um. E ele, João, sofrerá no lombo as consequências. Isso não contando com os agentes federais, que decerto hão de querer recapturar a presa (JB ignorava o pensamento último da Revolução a respeito do cavalo incômodo). E, deprimido, suspirou, plagiando Manuel Bandeira:

— Nunca mais outrora a minha vida teria sido um festim!

Num esforço de imaginação — já se sentia tão fatigado — sonhou o absurdo: voaria até Barreira do Inferno e, por artes de berliques e berloques, introduziria o cavalo num foguete meteorológico, salvando-o da ação repressiva do poder público. Levá-lo até cabo Kennedy e colocá-lo no bojo de um satélite artificial, ah, seria ótimo. Mas excederia o absurdo. Mesmo o absurdo nacional, porém, era demais para suas fracas forças.

Meia-noite. João para o carro à beira da estrada e tira o cavalo da grade. Quer conhecer pelo miúdo trabalhos e aflições que o esperam na Guanabara, nas próximas vinte e quatro horas. Para espanto seu e nosso, que não esperávamos tal coisa, o cavalo estava sem rabo. Um coronel cortara o rabo do cavalo. E o cavalo, sem rabo, não profetizava mais nada. Apenas ferrou uma *big* dentada no posterior de João Brandão, que não soubera impedir a ablação do apêndice divinatório. Na dor da mordida, João deixou cair o ex-mágico animal na estrada. Logo se transformou em cacos, e os cacos em pó, sob as rodas que passavam. Quem se decepcionar com o fim insignificante deste caso, que nos desculpe: todos os casos reais têm fim insignificante.

27/12/1967 a 05/01/1968

PARA UM DICIONÁRIO

Presenciei ontem uma cena insignificante, que me despertou desejo de fazer um dicionário. Certamente não o farei, mas aqui fica a ideia, para quem quiser servir-se. O caso é que ia pela calçada de Ipanema aquela bonita moça; ia pensativa, de olhos baixos. Tanto bastou para que, ao vê-la, um rapaz desconhecido exclamasse:

— Bom dia, tristeza!

A moça não pôde deixar de sorrir, e o sorriso estimulou o rapaz, que se aproximou, porém ela esticou o passo, e ele não tirou outro lucro de sua frase, além daquela expressão iluminada e fugitiva do rosto. Mas um sorriso já é recompensa, e quem sabe se de outra vez alcançaria mais alguma coisa?

Então me ocorreu compor o dicionário de galanteios da rua, não, é claro, para auxílio a galanteadores pouco imaginativos, pois, sem imaginação, nada feito na vida, e além do mais sou cronista austero; mas como contribuição ao estudo dos costumes do tempo, e notadamente da alma carioca.

É sem dúvida especialidade local, pela variedade e espontaneidade de que se reveste, a fraseologia dos marmanjos que se plantam à porta de cinemas, de confeitarias, de qualquer lugar, à espera da mulher merecedora de suas atenções. Ou nem se plantam: vão por aí, caçadores do acaso, com a espingarda sempre carregada, na esperança de conquistas à base de poder verbal, que é a arma deles.

Se a maioria é apenas grosseira, há os delicados e os engraçados. Atingem o alvo? Esta questão foge a meus limites. Se há tantos produtores de falas amenas para a desconhecida que passa, é que o gênero tem consumo. Quero crer, entretanto, que grande número de galanteadores cultiva a arte pela arte, como os poetas mais mallarmeanos.

Reúno sem método fórmulas que já ouvi empregadas por essas ruas, e que documentam o dom de improviso, a infinita satisfação que a existência das mulheres provoca no morador da Guanabara:

— Levo você e os embrulhos.

— Bendita natureza.

— Certinha assim, só relógio.

— Uma dessas é que eu queria lá em casa.

Os sintéticos limitam-se a dizer: “linda”, “lindeza”, “lindinha”, “coisinha”, “boneca”, “bonequinha de luxo”, “olha que boneca”, “boneca bem-feita”, “mas que boneca”, “ah, esta boneca pra mim”, “alô, doçura”, “alô, meu bem”. A admiração toma formas assim: “Deus sabe o que faz”. Deus, aliás, é muito citado pelos especialistas:

— Deus acertou a mão.

— A fórmula, só Deus.

— E ainda dizem que Deus não caprichou.

— Meu Deus, quem me dera uma coisa assim.

— Deus não se lembra de mim.

— Só Deus sabe como eu sofro.

Há os que suspiram:

— Como eu queria…

— Quem me dera uma coisa assim.

Expressões como “quem te fez, caprichou”, “me espera que eu vou”, “uma coisa dessas é que eu quero”, “deixa essa pra mim”, “material de primeira”, “com essas pernas, até eu” costumam despertar reação desfavorável. Mas o autor se defende:

— Não tem medo, que eu não mordo.

Muitos não mordem mesmo, ou não alimentam esperança de. Praticam simplesmente, a seu modo, o culto ao mito humanizado, à deusa que baixou à terra para fazer compras. São importunos, às vezes insolentes, mas há neles a capacidade de admirar e louvar, restrita a um objeto. Positivamente, não merecia ser xingado pela moça aquele outro que se saiu com esta, empolgado:

— Starletezinha de festival!

28/08/1966

TELEFONE

— O senhor é que é o senhor mesmo?

— Como?

— Estou perguntando quem é o senhor, afinal.

— Evaristo Pestana de Matos, seu criado.

— Isso estou vendo na carteira de identidade. Mas o talão de inscrição diz Abel Setembrino de Matos.

— É meu avô paterno.

— Então fala pra seu avô vir ele mesmo, trazendo a carteira.

— Isto eu não posso falar não senhor.

— Não pode por quê?

— Porque ele já é falecido desde 1952.

— Se já é falecido, nada feito. A inscrição está cancelada.

— Cancelada como, se ele foi chamado pela Companhia no jornal de hoje?

— Olha, moço, a Companhia chamou na suposição dele estar vivo. Não estando, fica sem efeito a chamada. Compreendeu?

— Compreendi não. A Companhia chamou, tá chamado. Eu vim em nome de meu saudoso avô pagar a primeira cota do telefone que ele pediu há vinte e quatro anos, quando eu era menino de colo, aliás afilhado dele.

— O senhor está é brincando. Seu avô não precisa mais de telefone.

— Mas preciso eu, que sou neto dele, será que o senhor também não mora? Este talão aqui foi conservado pela família durante um quarto de século. Meu avô, sentindo uma dor do lado esquerdo, chamou meu pai e disse: “Etelberto, tira da gavetinha do criado-mudo minha inscrição de telefone e guarda ela com cuidado. Não pude deixar um aparelho para você, mas deixo essa esperança. Não vende a inscrição por dinheiro nenhum, meu filho. Satisfaz minha última vontade”. Disse e morreu.

— É comovente, mas…

— Espera aí. Tem mais. Meu pai guardou o papel treze anos e também embarcou, coitado. Na hora de despedida, me fez a mesma recomendação.

Estou cumprindo um mandado de família, uma coisa sagrada para mim. Já lhe dei o talão. Me dá meu telefone, cidadão.

— Esse talão é de Abel Setembrino de Matos, ô homem!

— Eu sei. Meu avô, pai de meu pai. Me tocou como bem de família.

— Tocou como? Por acaso entrou em inventário, o senhor tem formal de partilha provando isso?

— Formal eu não tenho, mas tenho o talão. Quem mais senão eu podia ficar com o talão, se sou filho único de filho único de meu avô?

— Eu sei lá se o senhor é único ou se faz parte de escadinha. Nem interessa à Companhia saber quem é filho único de quem. Sabe que mais? A conversa já esticou demais. Vou chamar o próximo.

— Me atenda antes, por favor. Não vai me obrigar a ir para a televisão reclamar o direito de meu avô, nem contratar advogado. Pois eu vou, eu contrato.

— Faça o que quiser.

— O que eu quero é o telefone de meu avô, pedido em 1943!

— Retire-se, o senhor está enchendo!

— Hein?!

— Está enchendo, já disse!

— Estou é me sentindo mal… Uma coisa do lado esquerdo… uma nuvem… uma vertigem… A gente esperando desde a Segunda Guerra Mundial, e na hora de receber o telefone, ah meu Deus, o Senhor me chama para o seu seio… Não faz isso comigo, deixa pelo menos eu tomar um táxi, ir em casa entregar a meu filho Tonico este talão… Quem sabe se ele um dia…

Cai.

10/03/1967

DIABOS DE ITABIRA

Os Demônios de Itabira
serão, de fato, diabólicos,
ou meros e pobres diabos
vagamente melancólicos?

Li que, fazendo diabruras,
aturdem parapsicólogos
como os Capetas antigos
aturdiam sábios teólogos.

De nada vale exorcismo
contra o Demo itabirano?
Ou talvez quem o exorciza
quer ir na onda do engano?

Que Tinhoso hoje se lembra
de dizer crespas bocagens,
se todas elas agora
são as flores da linguagem?

Entra, Canhoto, no embalo,
vai ao teatro, ao cinema.
Vê lá se terias chance
de enrubescer Ipanema.

Fazes correr os sapatos,
por si, à frente dos pés?
Qualquer mágico de esquina
faz isso e inda faz mais dez.

E nem carece ser mágico,
que este truque a gente sabe:
o povo corre e não pega
as tabelas da Sunab.

Meu Pé-de-Pato pernóstico
no vazio do Cauê:
a tuas artes prefiro
as do Saci-Pererê.

Ele apenas assobia,
não quer saber de Latim,
que já saiu do currículo
como a pedra sai do rim.

Estás desatualizado,
se queres obrar o mal.
Ele hoje em dia se usa
é na escala universal.

Quebras pratos: nem ao menos,
como a Vale do Rio Doce,
fazes desertos na mata,
a fogo, a machado, a foice.

Desculpa-me a rima torta,
pois Torto também te chamas.
Mas por que tão micho surges,
sem esplendores e chamas?

E por que em Itabira
teus cascos foram parar?
Se nas terras do sem-fim
havia tanto lugar?

Se aí onde tu aspiras
a chatear meio mundo,
não tens sorte, meu Carocho,
nem no espaço de um segundo?

Pois a ironia da terra
que deu Tico e deu Fernando
Terceiro e deu Minervino
ri de quem a está gozando.

E goza, por sua vez,
os seiscentos mil Diabos,
sem recorrer a água benta
nas pias e nos lavabos.

Os diabos de Itabira
— juro — não são diabólicos.
São meros e pobres diabos
sem assunto, melancólicos.

23/07/1967

JOSÉ DE NANUQUE

Como se não bastasse o excesso de população deste mundo, os homens estão detectando a existência de outros mundos habitados, no espaço sideral, e suspiram, emocionados: "Não estamos sós". E quem disse que estamos sós, se andamos tão acotovelados pelas avenidas da Terra? Pois, como se tudo isso não fosse suficiente, correm às matas de Nanuque e de lá retiram à força José Pedro dos Santos, último *promeneur solitaire* de que havia notícia, o homem que vivia com uma fogueira acesa, espantando onça e, sobretudo, gente.

— Venha, rapaz! Queremos que participe das maravilhas da civilização!

— Vocês me arranjam casa pra morar?

— Bem, isso atualmente está difícil, José.

— Emprego?

— Só se você for concursado, e houver vaga.

— E comida?

— Depois nós conversamos. Venha depressa, estão nos chamando de outras galáxias!

José recalcitra: estava tão bem ali! Não paga aluguel, não preenche o formulário do imposto de renda, não faz fila para nada, não tem horário nem patrão, come carne variada, segunda-feira paca, terça peixe, quarta aves, quinta raízes e tubérculos, sexta frutas, sábado…

— Mais uma razão para vir. Está desfrutando privilégios, e todos são iguais perante a lei!

Outra razão forte: os fazendeiros de Nanuque reclamavam contra esse homem estranho, embrenhado no mato, fazendo Deus sabe lá o quê. Em vão José alega que os ajuda, espantando onça com o seu facho noturno. As onças não devem ser espantadas, sustentam a beleza selvagem da região. Esse homem não trabalha na lavoura, como os outros; não produz, não rende, e, embora não pese a ninguém, pesa globalmente no espírito de todos, com o seu mistério. O fato de não produzir não é o mais grave; tolera-se cá fora, à luz do dia, honradamente: mas no interior da mata?

Que ideia faz esse sujeito do contrato social? Nenhuma. Está se ninando para o contrato social. Não é possível. Tragam José para perto de nós, ele tem de aprender ou reaprender a vida apertada que levamos.

José tem medo. Os homens, as cidades, os códigos, até os prazeres intervalares dos civilizados lhe dão medo. O motor de sua volta ao estado natural foi menos o amor à natureza do que o pânico. Em cada homem vê um perigo, em cada situação uma ameaça, em cada palavra uma condenação. Com as árvores e os bichos ele se entende. Nu e experimentado, conhece e domina o ambiente em que vive sem maiores riscos. Na cidade não praticara ação criminosa, e foi isso precisamente que o fez embrenhar-se na mata. Inocente, faltavam-lhe as provas negativas de sua inocência; se cometesse qualquer malfeito, poderia mentir e salvar-se, mas, estando puro e desarmado diante do sistema, como mentir, senão confessando a falta imaginária, e, portanto, condenando-se? A solução era virar bicho. Virou, com êxito.

Agora trazem José para a capital, incorporam-no ao estranho maquinismo, ao estatuto sombrio, inexplicável; ele é condenado a viver como os outros, no grau inferior. José está salvo ou perdido? O certo é que nunca mais brilhará, na mata de Nanuque, aquele foguinho solitário.

Todos são iguais perante a lei.

Não estamos sós.

18/04/1965

O CHOPE E A PASSAGEM

Nicanor, ascensorista, expôs-me seu caso de consciência. Um caso com a Leopoldina.

— Entrou mulher na sua vida, Nicanor? Casado há tão pouco tempo!

— Não senhor, Leopoldina é a estrada de ferro.

Sucede que Nicanor mora — morar é força de expressão, ele passa a noite — lá para as bandas de Cordovil, e vem para o batente no trem de subúrbio da Leopoldina. Paga pelo transporte a inexistente, a irreal quantia de dez cruzeiros.

— Eu achava barato, pra que vou mentir ao senhor que não achava? Me parecia uma camaradagem especial, uma largueza de quem pode pra quem não pode; até rico tem disso, quando está bêbedo. Era o único troço barato na vida. Como tudo mais está pela hora da morte, ficava uma coisa pela outra, quer dizer, não chegava a ficar, mas amolecia. E eu gostava, eu gosto da Leopoldina.

— Realmente, ela foi uma mãe para você.

— Não foi? Por isso é que estou muito chateado comigo mesmo.

— Não entendo, Nicanor.

— A Leopoldina está me convidando a pagar mais vinte cruzeiros pela passagem.

— Então? Não é justo?

— Justo ela diz que é, mas eu não acho não.

— Nicanor!

— Vou ligar o rádio de pilha para o senhor escutar. Não, faz muito barulho, eu resumo, eu resumo. A Leopoldina e a Central vendem por dia oitocentas e vinte mil passagens a dez cruzeiros. Cada passagem custa, batata, sessenta cruzeiros. O prejuízo é de quarenta e um milhões por dia. Então elas propõem à gente rachar o prejuízo, cobrando trinta cruzeiros.

— Boa solução.

— Boa como, se a estrada, quando tudo aumenta duzentos por cento, cobra só metade do custo da passagem, e a gente agora fica sabendo que

está roubando dela?

— Roubando nada, Nicanor. Ela mesma é que queria o prejuízo. Você não vai fazer a greve do passageiro por causa disso?

— Aí é que está. Não posso aceitar este sacrifício da Leopoldina, mas vir de a pé é fogo, e de táxi só se eu fosse o motorista ou o atropelado.

— Esqueça essas coisas. Excesso de escrúpulo é doença.

— Ela própria é que me bota isso na cabeça, gritando no rádio e na televisão, de cinco em cinco minutos: "É justo você pagar mais por um chope do que por uma passagem de subúrbio? É justo? É justo?". Aí, eu respondo cá dentro que não. Aí ela grita que o justo é pagar a metade da passagem. Aí, com a ideia de justiça me formigando na sinagoga, eu sinto que o justo é pagar o preço exato, e fico danado comigo porque, verdade verdade, prefiro pagar trinta a sessenta, e se possível continuar mesmo nos dez, que que há? Mas aí a demonstração me enche tanto que acabo com vontade de gritar: "Cobra logo sessenta! Cento e vinte!".

Ia explicar a Nicanor que ele sempre pagou muito mais do que dez cruzeiros pela passagem; que, sem o perceber, paga o preço de uma cervejaria, e nós também, que não viajamos pela Rede Ferroviária Federal; todos pagamos o *deficit*. Mas preferi oferecer-lhe um chope, no balcão.

— E quem disse que eu bebo? Penso logo no trem e sinto remorso. Aí, perde o sabor.

22/04/1964

IMPRÓPRIO PARA MINEIRO

— Ah, o senhor é de Minas — observou o porteiro, depois de examinar a carteira de identidade. — Então não pode entrar. Este filme é impróprio para mineiros.

E assim João Brandão foi barrado à porta do cinema, no Grajaú, quando se dispunha a passar duas horas vendo figuras na tela. Não se surpreendeu, porque tudo pode acontecer, e geralmente acontece, com exceção de duas ou três coisas. Preferiu contornar a proibição, invocando atenuante:

— É, de fato eu reconheço que sou mineiro, não posso negar. Mas escute aqui: não resido em Minas Gerais. Será que o filme não é impróprio somente para os mineiros em exercício por lá?

O porteiro abanou a cabeça. Não entrava nessas indagações. João desenvolveu o pensamento:

— Decerto a Censura está velando pela boa formação dos mineiros que acabaram de nascer, e estão sujeitos a tentações, digamos, até catorze, dezoito anos. Mesmo que pretenda proteger também os mineirões maduros, como é o meu caso, há de ser dentro do ambiente de Minas, das tradições mineiras, que a Censura deseja preservar. Fora de Minas, ela quer preservar o quê?

Mas o empregado não se dobrou a esses sofismas. E como João insistisse:

— Sabe de uma coisa? É melhor o senhor falar com o gerente.

O gerente procurou ser afável:

— Por que o amigo não vem ver o programa de Tom e Jerry, na matinê de domingo? A Censura liberou os desenhos, para mineiros de qualquer idade. Venha cedo, compre uns chicletes e esqueça as dores da semana. Este filme de hoje, é impossível.

— Se eu fosse cearense, podia entrar?

— Cearense pode.

— E gaúcho?

— Gaúcho também pode.

— Sergipano?

— Sergipano pode, amazonense pode, francês pode, turco pode, vietnamita pode — foi dizendo o gerente, e não era com mau humor, era com a serenidade de quem cumpre o dever e obedece à lei.

— Quer dizer que se eu me naturalizasse turco, podia…

O gerente encarou-o:

— O senhor faz tanta questão de assistir a filmes impróprios para mineiros, a ponto de trocar de nacionalidade?

— Questão não faço. Pergunto por curiosidade.

— Então eu lhe satisfaço a curiosidade. Estou com as instruções da Censura no bolso, vou ler para o senhor: "Art. 109, §7o. Os mineiros, ora colocados expressamente sob a tutela espiritual do Serviço Nacional da Censura, não se eximirão a essa tutela, mesmo que renunciem à cidadania, para o que se firmarão os necessários convênios internacionais".

— É, não tem saída não. Estamos no mato sem cachorro. Mas por que a proibição vigora fora de Minas?

— Não sabe? Porque havia mineiros que saíam de lá para verem os filmes proibidos onde eles não são proibidos, isto é, no resto do Brasil. E não eram poucos viajantes. O trânsito ficava congestionado nas rodovias, aviões lotados com dois meses de antecedência, uma confusão. Mineiro é fogo, cavalheiro.

— E de quem partiu a ideia de proibir certos filmes aos mineiros?

— Partiu de uns tantos mineiros.

João Brandão desistiu de compreender, consultou o relógio, resolveu:

— Vou à opereta!

19/06/1966

CONVERSA DE CASADOS

Ora, dá-se que o jovem casal completou trinta e seis anos de união, e eu resolvi entrevistá-lo. Quem sabe se os dois teriam alguma receita de felicidade? Levei um questionário indiscreto. Primeira pergunta:

— Como é que vocês conseguiram passar tanto tempo juntos?

Os dois, a uma voz:

— Não foi tanto assim. Um terço (doze anos), dormindo oito horas por dia.

— Mesmo assim, meus caros!

Ela esclareceu:

— Havia o trabalho dele, que nos separava durante a maior parte do dia.

— E ela passou a maior parte da vida no cabeleireiro — completou ele.

Eu: — Cabeleireiro, trabalho e sono: será isso a vida em comum?

— Não — disse ela sorrindo. — Há os intervalos.

— De qualquer maneira, trinta e seis anos! É um latifúndio.

Ela: — Bem, brigamos o necessário. — Está satisfeito agora?

Eu: — Ainda não. Brigas feias, dessas de atrair vizinho?

Ele ponderou: — Como quer você que uma briga seja bonita? Brigamos como foi possível. Confesso que a iniciativa geralmente era minha. Ela, porém, provocava sempre.

— Ele trazia os motivos da rua, às vezes bem visíveis — informou ela.

— Outras vezes, os motivos vinham da cozinha — emendou ele. — O homem gosta de variar, pelo menos de sobremesa.

— Mas depois das brigas… — insinuei.

— Sim, era bom — admitiram ambos.

E cada um por sua vez:

— Nos primeiros tempos, ele punha bilhetes debaixo do travesseiro, pedindo perdão. Tenho um arquivo.

— Ela, de desgosto, jejuava. Gostando tanto de bife!

Ficaram recordando.

— Ele mentia muito.

— Ela me chamava de mentiroso justamente quando eu falava verdade.

— Ele era impaciente.

— Ela fazia de boba, me enervava.

— Ele tinha ódio de me ver doente. Embora sentindo pena, e querendo ajudar, virava onça.

— Eu também não podia adoecer, os cuidados dela eram excessivos. Doente precisa de paz.

— Algum dia, no íntimo, você pensou em matar sua mulher? — arrisquei.

— Mais ou menos. Quando ela comprou um tapete horroroso.

— E você já pensou em envenenar seu marido?

— Nunca. Mas tinha medo de que outra mulher o fizesse.

— Vocês discutiam por causa de dinheiro?

Ele, satisfeito: — O dinheiro não dava para isso.

Ela: — Não posso me queixar. Ele nunca me negou nada.

— Ela teve a esperteza de nunca me pedir nada que eu não pudesse dar.

— Que foi que preservou o lar de vocês, nos momentos difíceis?

Ela: — O tricô, que apura as virtudes femininas, e o hábito.

Ele: — A poltrona, o cãozinho, o hábito.

Eu: — Só isso?

Os dois: — E tudo mais.

— Quanto tempo leva para um se acostumar ao outro?

Ele: — Uma semana. Mas durante os primeiros vinte anos, uma vez ou outra, a gente se estranha ao acordar. E isto salva da rotina.

— Qual o papel dos filhos no casamento?

Ele: — Educar os pais. Poucos o conseguem.

— Vocês se educaram?

Ele: — Não. Continuamos a achar nossa filha mais moça do que nós. A verdade é que, nascendo depois, ela sabe muito mais. Os pais são rebeldes ao ensino.

Ela: — Ele é sofisticado. No fundo, coruja como os outros.

— Qual foi o presente de aniversário que ele deu a você?

— Um colar de pérolas barrocas.

Ele: — Para me fazer lembrado. Ela diz que sou uma pérola — mas barroca, isto é, imperfeita.

Ela: — E eu dei a ele um barbeador elétrico. Para lembrar que marido não deve ficar com a barba crescida quando não sai de casa.

— Vocês se casariam de novo?

Como resposta, beijaram-se. Não aprendi nenhum segredo, mas afinal o segredo de todos os casais antigos deve ser mesmo esse.

03/06/1958

A MESÁRIA

— Eleições, eleições, ora pinhões! — exclamou o amigo dos feriados, que nesse 15 de novembro gostaria de comemorar a seu modo a data republicana: estirado na cama até mais tarde, e na areia da praia por tempo indefinido; depois, jantar por aí, com chope bem tirado; e, finalmente, na noite cálida…

Chovia e tinha de votar; a venda de bebidas estava proibida, a fim de evitar que ele sufragasse a princesa Grace Kelly para senador, e exigisse posse imediata da eleita.

— Que República é esta — disse para si mesmo — que o marechal Deodoro proclamou com tanto sacrifício, doente e obrigado a montar a cavalo assim mesmo. Nem os feriados são livres, nem sequer se pode beber alguma coisa à saúde da democracia!

O ambiente da rua era de tédio em pingos. Só os quatro fuzis ensarilhados, a cem metros de cada seção eleitoral, contrastavam a monotonia com a força, garantindo a tranquilidade do pleito e, ao mesmo tempo, causando o leve susto que todo cidadão pacato experimenta diante de uma arma tão respeitável — quanto mais de quatro.

Ainda bem que, na sua seção, há uma bonita mesária. Este ponto deve ser creditado ao sistema vigente. No Brasil de seu avô, dizem, as mesas eleitorais eram constituídas de senhores de cara mais chata que o próprio voto. Hoje, pelo menos há moças que dão prazer aos olhos do eleitor.

Aquela, porém, estava triste e mordia os lábios, como se o espetáculo democrático lhe parecesse decepcionante. Embora não a conhecesse, ele perguntou-lhe baixinho:

— Está sentindo alguma coisa, senhorita?

— Fome — respondeu ela também baixinho, com um sorriso encabulado.

Passava de duas horas, e a marmita do Saps, prometida não se sabe por quem, não aparecera. O presidente da seção disfarçava as ânsias do

estômago, o outro mesário roía chocolates. Ela não queria engordar, mas também assim não!

Foi o tempo de ele entrar na cabina, votar em Xiz e em Cruz (dois candidatos que estão recebendo votação espetacular) e correr à lanchonete mais próxima. Voltou com um copioso sortimento de sanduíches e refrigerantes e, passando à frente dos portadores de senhas, depositou sobre a mesa cívica a sua contribuição alimentar para a regularidade do processo eleitoral.

— Oh! para que o senhor foi se incomodar! Mas eu aceito sim, estava quase desmaiando.

O presidente da mesa ia reprovar a intromissão indébita do eleitor, mas a fome e a sede eram casos de força maior; e, além de sanduíches, havia coxinhas de galinha, que eram o seu fraco. Poderiam acusá-lo de suborno? Estava acima dessas coisas. Cedeu. O outro mesário lamentava-se:

— Para que fui comer chocolate, perdi o apetite.

Os eleitores que esperavam o momento de votar, que tivessem paciência. A mesa também era humana. Estavam ali desde sete horas, sem café ao menos.

Comer à vista de todos, nessas condições, não é nada agradável, mas a moça nem ligou. Comia com graça, entre discreta e informal. E com os olhos agradecia ao despenseiro desconhecido — agora não tão desconhecido assim, guardara-lhe o nome, lido no título. Ele, no fundo do salão, correspondia-lhe. Nunca se sentira tão bem numa seção eleitoral. Era bom votar, ver os outros votarem em Xiz ou em qualquer. E pela semáfora dos olhos, ficou estabelecido que a mesária e o eleitor se veriam logo mais, concluído o trabalho eleitoral.

Assim, à margem da eleição, os dois se elegeram — quem sabe se até por mais de quatro anos? E verificaram que, mesmo sem chope, pode ser delicioso comemorar a República.

18/11/1966

O AMIGO QUE CHEGA DE LONGE

O amigo chega de longe — de há quarenta e oito anos. Está novo em folha, em sua magreza de folha. Tem o rosto marcado pelo tempo? Como se não tivesse. Os cabelos são pretos, a voz mansa e baixa, como antigamente, como sempre. Sobretudo, o modo de ser e o próprio ser não mudaram. É minha mudança que eu toco, diante de sua permanência. Então me divirto chamando-o de velho, por outras palavras. Invento, a meu favor, uma absurda diferença de idades. Ele sorri e desmente, sereno. Tem de seu lado a memória — essa memória do espelho, a cuja superfície as coisas boiam com o relevo e a cor naturais. E vêm as coisas. O jogo era simples preliminar à entrada em matéria.

Entramos nela com apetite regulado, sabendo que essa fome não passa nunca, por isso mesmo não precisamos dar-lhe toda a corda. Para instruir-me do nosso passado comum, principalmente do meu passado, vou puxando reminiscências por um fio fraco. E isso? E aquilo? E aquele cara — como é mesmo que se chamava aquele cara? que certa noite, no bar… A resposta vem precisa, sem vaidade de memorialista, e me devolve à situação antiga. Não é diálogo de mortos, de uma a outra cova. É ida ao quarto de guardados, que não se abre todos os dias.

Os guardados estão em ordem, graças a ele, que não tem fama de organizado, enquanto eu, o arquivista profissional, sinto que por mim a arrumação jamais se faria. Sem tristeza os tiramos da arca, miramo-los, notamos este ou aquele pormenor que ficou preciso considerado de perto, e, depois, voltamos a depositá-los onde dormiam. Sem tristeza. Até com a miúda, reflexiva alegria dos proprietários de velhas lembranças.

Assim conversamos na sala tranquila. É noite, em algum lugar desfilam escolas de samba. Mas o Amigo, de passagem pela cidade, não quis ir ver o desfile, desdenhou programas. Escolheu a noite para me, nos fazer companhia. Pois temos o direito de usar este pronome no singular: nós. Mas declará-lo seria quebrar o mistério dessa unidade. Sou eu que me visito, se ele me procura, discreto, entre longos intervalos que o Correio

não costuma preencher. Guarda-se para os encontros pessoais, quando o gesto, o olhar, a voz, mais do que os assuntos, fazem diálogo.

Essa constância a meu dispor, essa fixidez de raízes fundas, entretanto, não excluem um feixe de acontecimentos individuais, de que não participei, melhor diria: que me foram poupados. Ele sofreu sozinho, não o assisti. E não me traz a presença de seu sofrimento, senão a notícia de o haver dominado em perseverante combate. Recolheu de tudo o agradecimento à vida, a surpresa do milagre. A mim só me dá o melhor, como se o melhor fosse o normal, à margem de todo esforço.

Chovendo. As vidraças molhadas dão mais aconchego à sala, protegida do rumor e do vento; chove apenas para os outros, os que não receberam o Amigo, recebendo-se a si mesmos, os que vão procurar o espetáculo, satisfação vinda de fora. Uma criança aproxima-se, examinando o visitante. As crianças estão sempre examinando os mais velhos, avaliando-lhes a humanidade. Este saberá comunicar-se, ou é apenas um adulto a mais, sem sabor de gente? O Amigo saca do bolso a pequena palha de milho, o canivetinho, o naco de fumo recendente. Preparação do cigarro: mágica pura, aos olhos de menino de cidade grande. Requinte final, o pequenino laço de palha no meio do cilindro, para que ele não se desmanche se o fumante o guarda para mais tarde. Pergunta ao garoto: "Você tem fósforo?". O menino, orgulhoso de fazer fogo, acende-lhe o cigarro de palha. Ficam amigos, à luz do pequenino círculo esbraseado. Uma luz que vem de há quarenta e oito anos.

01/03/1968

BOMBAS SOBRE A VIDA

A FUGITIVA

A última bomba H estava irredutível. De modo algum abandonaria o seu refúgio lodoso, a setecentos e cinquenta metros de profundidade, no Mediterrâneo.

— Não faça isso com a gente — suplicavam-lhe três mil oficiais, técnicos, mergulhadores, marinheiros e praças, empenhados há quase noventa dias em sua recuperação, e que por fim a localizaram naquele fundo de mar, bem encolhida, bem desiludida.

— Daqui vocês não me tiram — respondeu-lhes a bomba. — O primeiro que me tocar, eu explodo. Talvez este tempo de verbo não exista, mas pouco estou ligando à gramática de vocês. À gramática e ao resto. Estou farta! Farta!

Os expedicionários insistiam. Aquele domicílio era impróprio para ela; não ficava bem a uma bomba nuclear, talhada para altas missões, dormir no fundo das águas, que nem peixe fugindo à caçada submarina. Que desmoralização para um artefato de vinte megatons! Era em seu próprio benefício que a estavam querendo tirar dali.

— Hmmm — resmungou a bomba, sem se deixar convencer.

— Vamos. Suas companheiras de viagem caíram em terra, não deram trabalho. Foram logo recolhidas, e até agradeceram nossa solicitude em reavê-las. Uma bomba normal gosta de voar, voar sempre sobre a Terra inteira, divertindo-se com o turismo aéreo nos bombardeiros. Não é para destruir nada, nem sequer para assustar ninguém, pois vocês viajam incógnitas. É por prazer. E você recusa esse prazer que nós lhe oferecemos?

— Prazer! Prazer! Que prazer sente uma bomba em não explodir! Afinal, que fizeram as colegas em território espanhol?

— Coisinha à toa. Apenas contaminaram as plantações em torno de Palomares, mas nós indenizamos os lavradores. Não queremos que nossas

bombas deem prejuízo a ninguém. Uns pobres-diabos até ficaram radiantes: há muito tempo que não viam dinheiro, e dólar, jamais.

— Quantos mortos?

— Fora os tripulantes dos aviões que se chocaram, nenhum. Você mesma, aí dentro d'água, não assusta o pessoal. Nosso embaixador em Madri e o ministro do Turismo da Espanha vieram tomar banho lá em cima, para provar que você não é de nada. Venha, já está ficando tarde.

— Estão vendo? Eu não sou de nada! Nenhuma bomba é de nada! Para que foi, então, que nos fizeram?

Como ninguém respondesse, ela continuou:

— Vocês, ao nos criarem, não deram somente uma nova angústia à humanidade. A nós também nos rechearam de angústia. Ficamos ansiosas por explodir — e nada. É hoje, é amanhã, e nunca se resolve. Acabamos ficando mais angustiadas do que as populações que se angustiam por nossa causa. E vocês fazem disso um jogo, vocês e os outros. Estávamos com grandes esperanças no Vietnã, mas qual o quê. Vamos envelhecendo, outros engenhos nos passam para trás, amanhã a Lua será ocupada e equipada com armas fantásticas, astros e planetas entrarão no brinquedo, e nós apodrecendo por aí, sem uso, sem préstimo. Por isso aproveitei o desastre de avião, e caí fora. Quero me livrar dos homens.

Falando, falando, deslocou-se entre as rochas, para melhor esconder-se. A turma aproveitou o movimento e fisgou-a, alçando-a à superfície, sob protesto. Esta não escapa à sorte de voar sobre a Terra. Depois de recondicionada.

Nem elas escapam.

10/04/1966

NOVA CANÇÃO (SEM REI) DE TULE

Há muito, há muito, muito tempo
um Rei de Tule, apaixonado,
jogou ao mar a taça de ouro
em que bebera todo o amor.
E Goethe fez uma canção
desse amor e dessa áurea copa
que o pobre Nerval traduziu
(*il la vit tourner dans l'eau noire…*)
e mais Gounod e mais Berlioz
espalharam pelos teatros
líricos, o nosso inclusive.
Foi há tanto, nevoso tempo!
Já não se jogam taças de ouro
numa varanda sobre o mar
nem em qualquer outro lugar.
E Tule é outra. Mas que vejo?
Que objeto é esse lançado
às profundas do Mar de Baffin
quando até as óperas mudam
de tom, em seu texto eletrônico?
Nem é um só, mas três ou quatro
alfaias de um rei dolorido
a desfazer-se de lembranças
inefáveis, no fim da vida?
E é ouro mesmo? Não: plutônio
(o duzentos e trinta e nove)
e urânio, seu irmão-primo
(o duzentos e trinta e cinco)
tão juntos como outrora juntos
em amoroso contubérnio

o rei e sua amada estavam.
Sob a blindagem protetora,
o idílio desses elementos
é de infernal doçura, mas
cuidado: se o detonador
detona, o mundo vira caco
ou pó de caco, pois amor
com tal potência em megatons
é antes símbolo de morte
do que uma rima para flor.
Focas em pânico: “Por que
nos remetem para depósito
esses invólucros letais
seguidos de uma caixa negra
com cabalísticos sinais,
se nenhum crime cometemos
em nossas solidões claustrais?”
Esquimós repetem em coro
a angústia das focas, o medo:
“Ninguém pode viver tranquilo
nem ao menos neste degredo?
Que presente é este, sem dó,
agredindo a paz do esquimó?”
“Calma, filhinhos” — uma Voz
ressoando não se sabe de onde,
esclarece, pede desculpas:
“Foi apenas um acidente
em treinamento de rotina
que dia e noite, mês a mês,
ano a ano, nossos motores
(oito) dos B-Cinquenta e Dois
vêm fazendo no mar das nuvens
com esses mimosos engenhos
tão amoráveis e perfeitos

e de prodigiosos efeitos
para o fim de lembrar ao Homem
que viver é graça precária
dependente de nosso arbítrio,
e portanto não facilite
se não quer converter-se em cinzas
sem sequer urna cinerária.
São bombas, sim, mas bombas bentas
pelo nosso santo desejo
de dirigir bem este mundo:
Já não espada de justiça
nem lanterna do entendimento,
nem quimeras que a mente atiça
e se esfumam no vão do vento.
Fiquem quietas, amigas focas,
caros esquimós, *bocca chiusa*:
não se mexam em suas tocas,
que não é hora de alaúza."
Disse a Voz. Seu ensinamento
verruma os arcanos gelados
para atingir a consciência
dos mínimos seres terrestres.
Ninguém mais joga copa de ouro
ao mar, nem há mais Rei de Tule.
Mas, de vez em quando, uma bomba
(ou três ou quatro) se diverte
fazendo o úmido trajeto.
Goethe também já não existe
para compor sua canção,
nem Nerval nem os mestres músicos
dos velhos tempos do Oitocentos.
Então, este simples escriba
claudicante na versiprosa,
eis que tentou versiprosar

mais um caso de bomba ao mar.

26/01/1968

TUDO DE NOVO

Até que você não pode queixar-se, meu mano: o astrólogo previu sua morte em 1966, e quem morreu foi o astrólogo. E não foi você que o matou; foi uma ceia de Natal *à gogo*. É certo que, durante o ano, a profecia esvoaçou em torno de você que nem pernilongo enxerido; enxotada, vinha de novo e zumbia. Mas também é certo que ninguém parecia rejubilar-se com ela; a afeição de uns e, para outros, o fato de você não deixar vaga em cartório nem em diretoria de banco terão contribuído para isso. E a vidinha foi tocada pra frente, sem lances históricos nem medalhas, mas igualmente sem IPM. Em suma, individualmente, o ano lhe foi camarada. As dores maiores foram cívicas; a bem dizer, tristezas à beira-mar, que o mar se encarrega de repelir, com seu espetáculo de grandeza e força. Quem mora perto dele encontra sempre intimação para acreditar na vida. E esse país, mano, lembra o mar, coisa grande e bela em si, na variedade de formas, de ímpetos ritmados.

Agora, você vai repetir aquela velha brincadeira de começar tudo de novo, isto é, de fingir que, sem conscientizar (eta palavrinha antipática) que está fingindo que. Não importa. Esse faz de conta de começar outra vez (desta vez, melhor) é uma das astúcias do homem para manter alerta o seu lado menino, e o lado menino hoje cresceu tanto que faz a gente ter certa esperança na humanidade. Essas roupas moderninhas de cavalheiros e damas, que pelo menos divertem, esses jogos, essas coleções de miniaturas, esses campeonatos de canto de curió, tudo que é infantil no comportamento adulto, inclusive e principalmente a ambição de chegar à Lua cada qual primeiro que o outro, são as minhas razões de confiar. Confiar é exagero, mas de esperar alguma coisa de bom de meu semelhante, isto é, de você, de mim mesmo.

E não me venha, no dia 2, com a lamentação de que isso e mais aquilo e aquilo outro subiram tão de preço a partir de 1o de janeiro, que tudo agora vai ser mais impossível do que já era no dia 31 de dezembro, quando as impossibilidades reunidas e somadas desde a fundação do país pelo

almirante realizaram esta maravilha: era praticamente impossível viver, e vivia-se. A vida é talvez um milagre dentro do qual subjugamos todas as negações. Não há imposto de circulação de mercadorias nem alta da gasolina nem nada que impeça o milagre cotidiano de alguém acordar e rever-se no mesmo espelho e sentir que o rosto lavado perde a fadiga sebosa do rosto noturno, e tudo é um vir a ser. Você, aliás, é doutor de Salamanca em filosofias baratas, e com elas tem divertido o seu caminho já longo. Distraia-se em cultivá-las, mano, enquanto não vem outro astrólogo de luneta mais sábia.

E para que esta conversa não resulte demasiado individual em tempos de comunicação reclamada a todos para todos, invente aí qualquer coisa que possa alcançar o seu vizinho e despertar nele o desejo de comunicá-la a outro vizinho, e este a outro, e outro a outro, até os grandes da Terra, tão coitadinhos na solidão do poder; invente qualquer coisa, olhar compreensivo, gesto, palavra. Não achou? Então recorra ao dicionário, tire de lá paciência, tire boa vontade. Use-as. Não há melhor chiclete, meu mano, para a humanidade mascar.

04/01/1967

O RIO EM PEDACINHOS

Ao sair do Túnel Novo, o ônibus em que ia João Brandão foi retido pela patrulha de uniforme alvinegro, que pediu documentos aos passageiros. O comandante saudou-os:

— Sejam bem-vindos. Os senhores entraram em território do município de Botafogo, precisam identificar-se. Mera formalidade.

Mera formalidade, o município do Flamengo também exigiu que João e companheiros mostrassem ser todos boa gente. Vigilância de fronteiras, para averiguações e possível devolução de clandestinos aos municípios de Ipanema e Copacabana.

No município do Castelo, a coisa foi mais demorada. Tendo verificado que o asfalto era calcado quase exclusivamente por veículos de outras comunas, a Câmara de Vereadores instituíra pedágio, cuja cobrança se fazia com rigor, e cuja arrecadação seria aplicada na admissão de fiscais de pedágio.

À entrada do município de Presidente Vargas, o motorista foi convidado a exibir certificado de sanidade mental, e os passageiros, apólice de seguro contra desastre, medida essa tomada pela edilidade local para pôr cobro aos acidentes de tráfego, ou remediá-los. No município do Mangue, pediu-se a todos carteira de saúde.

Ao passar pelo município de Maracanã, Brandão notou o bolo de gente que se dirigia para o estádio, e, esquecendo que tinha de tratar de negócio no município de Mangueira, desceu para assuntar.

Era o I Congresso Guanabarino de Municípios, que ali se instalava, com delegações de três membros de cada unidade — o prefeito, um vereador, um qualquer do povo — pois o estádio não comportava mais do que isso.

As bancadas da Zona Sul sentavam-se do lado da sombra, e as da Zona Norte, do lado do sol, ou seja, à direita e à esquerda, embora algumas, irrequietas, mudassem de posição; as do Centro não tinham onde sentar-se. Dentro de cada bloco, entretanto, era visível a separação entre municípios

limítrofes. Delegados de Catete e Laranjeiras, por exemplo, guardavam entre si distância correspondente ao largo do Machado.

A vasta assembleia, em ambiente de agitação, discutia problemas da coletividade, à luz da autonomia municipal. Como os municípios mantivessem pontos de vista irredutíveis, não era possível chegar a entendimento, sem embargo de esforços desenvolvidos pelo município do Salgueiro, cujos representantes outros não eram senão diretores de sua escola de samba, líderes naturais da reunião.

O município da Catacumba propôs que se recorresse a Khruschóv, o da Vila do Vintém dirigiu um apelo à Aliança para o Progresso, o da rua da Alfândega vangloriou-se de já ter organizado sua Aliança para o Progresso Municipal, vulgo Saara, o do Alto da Boa Vista preferiu colocar-se acima dessas coisas, o da Praia do Pinto reafirmou sua fé em d. Hélder, e outros acharam que a solução não está no BNDE, mas no banqueiro José Luiz de Magalhães Lins, pai de todos.

Vigário Geral declarou que não reconhecia os casamentos processados em Inhaúma, Barra da Tijuca protestou contra migrações internas que mareiam sua reputação, Governador manifestou desejo de ser ilha outra vez, Gamboa e Mauá brigaram pelo imposto de exportação, e Moça Bonita, confrangida, confessou que, a continuar assim, prefere mudar de nome.

A certa altura, delegados de origem petebista apresentaram indicação alegando ser imperativo social que todos os municípios tenham seus institutos de previdência, e imperativo econômico a criação simultânea de institutos dos principais produtos da Guanabara, inclusive o siri e o broto.

A ideia unificou os congressistas, e foram imediatamente criados esses órgãos, mas logo os delegados brigaram de tapa, porque todos queriam ser nomeados, e João Brandão, ante o universal tumulto, deu no pé. Com tanta *malasorte* que quebrou o dito, e não pôde ser medicado no hospital mais próximo porque não era domiciliado no município. Até hoje não chegou em casa. Deve ter arranjado complicação num desses municípios por aí, mas são tantos que não me animo a procurá-lo sem o auxílio da Interpol.

27/04/1963

O OUTRO NOME DO VERDE

Disse ao broto do Castelinho que seus olhos eram gonçalves, e ele riu da brincadeira. Esclareci que não estava brincando, os olhos eram gonçalves mesmo, gonçalvíssimos.

Com vossos olhos gonçalves,
Senhora, cativo tendes
Este meu coração mendes.

Os camonistas, que são muitos e graves, ainda não chegaram a acordo sobre o significado de "mendes", aplicado a coração: uns não lhe acham sentido especial, além da mera jovialidade poética; outros (e prefiro a lição destes) sustentam que coração mendes é coração rico de afetos. Quanto a "gonçalves", também ainda se discute, mas deixemos pra lá a glosa erudita de Michaelis & outros: aceitemos logo que olhos gonçalves são olhos verdes, da cor dos olhos do gato, de que certa espécie, na Espanha, é conhecida por *gonzalo*. O broto em questão é o tipo do gato gonçalvino. Se esta explicação não satisfaz, há ainda a cor verde do gonçalo, bichinho português comedor de folha de parreira; a uva chamada gonçala; e a hortaliça da Índia, chamada gonçalim (palavra de Guimarães Rosa, não parece?), que o velho Aulete dicionarista devia ter provado, pois a qualificou de muito boa.

— Como você sabe coisas, puxa!

Confessei-lhe, em meu saber de ignorâncias feito, que as aprendera todas naquela manhã mesmo, folheando o poeta e indo aos dicionários. Sei tão pouco a respeito de olhos e de mulheres que os portam! Muito menos que Machado de Assis, por exemplo, que, sem ser oftalmologista ou opticista, poderia reivindicar título de doutor em olhos, e, o que é mais, em olhos femininos. Não há mulher que ele pusesse em conto ou romance, de quem não informasse precisamente a cor, tamanho ou expressão dos olhos: garços, vulgares, de touro, mortais, da capa da última noite, bonitos de

perto, submissos, viçosos, noturnos sem mistério, cheios de mistérios do Nilo, cálidos, grandes que deviam ter sido infinitos quando moços, literalmente de fogo, capazes de paixão e mando, opacos, compridos e agudos, menos sabedores mas dotados de um mover particular — para não falar nos faladíssimos de ressaca, ou de cigana oblíqua e dissimulada. Estes todos não os referi à moça, por me faltar memória para tanto, mas agora os estou revendo no repertório de personagens do velho Machado. Não resta dúvida: técnico em olho de mulher, o criador de Capitu.

A jovem — bem o senti — ficou feliz em batizar de novo seus verdes olhos, que guardam todo o mistério implícito nesse tom, se aplicado a pupilas felinas e femininas, e, pois, merece tantos nomes quantos sejamos capazes de inventar. Então me veio a fantasia, que comunico a algum leitor inclinado a brincos vocabulares, de dar novos nomes às cores, ou pelo menos aos olhos e a seus atributos.

Cada qual terá liberdade de chamá-los como lhe aprouver ou como puder, com sua imaginação. Olhos castanhos podem ser "guimarães", pretos ficariam bem como "novilembros", azuis talvez aceitassem passar para "golfinhos" ou "clitandros". Pode-se abrir mão da analogia ou da sugestão, nem é necessário apelar para ciências naturais e sutilezas semânticas. O namorado achará, de estalo, a palavra que, na conjuntura, defina os mutáveis olhos da namorada; gente mais vivida será mais cautelosa, ponderando três ou mais nomes, até cunhar o qualificativo exato. Há no mundo tantas cores quantos modos de sentir. Também o número de palavras é infinito; depende de achar a que nos convém. "Quando emprego uma palavra", disse Humpty Dumpty a Alice, no País das Maravilhas, "ela significa exatamente o que eu desejo que signifique; nem mais nem menos." Neste momento, não estou particularmente inspirado, e fico nos olhos verdigonçalves, de tão gonçalvesco ou gonçalante verdor, que se derramam neste escritório qualquer, nesta rua, nesta manhã, e tudo resulta luminosa, oportunamente gonçalves, ao influxo da garota verdigonçala do Castelinho.

20/03/1965

DIAS QUE ELES INVENTAM

DO PAPAI

Naquele tempo não existia o Dia do Papai. Existia só o papai. Seu aniversário natalício era comemorado conforme o gosto e as posses dele mesmo. Certos papais não apreciavam festa de aniversário, a data passava em branca nuvem. A maioria, entretanto, observava o costume de comemorar-se, ou mais propriamente, deixava que a família tomasse a iniciativa da comemoração. Aí, a família abancava-se em torno da mesa de jantar, comia-se e bebia-se muito melhor do que nos dias comuns: sem comparação. Em casas opulentas, chegava-se a matar um capado, encomendava-se uma caixa de cerveja para parentes e amigos, que não eram convidados; surgiam espontaneamente. Vinho, não era necessário comprar na hora; o papai prevenido (eram todos prevenidos) mantinha em casa um serviço de engarrafamento do tinto, adquirido em pipotes. Ele, porém, nunca se embriagava. O papai sabia beber. No máximo, ficava mais conversado, mas isso era de sua obrigação, dirigir a conversa e entreter os que não fossem de casa. Talvez houvesse entre os comensais o secreto desejo de exceder-se nas libações, mas o exemplo do papai não estimulava o impulso. Nem por isso as garrafas deixavam de esvaziar-se.

Este era o dia de se festejar o papai, mas não era dia; era aniversário. Mesmo a perspectiva de jantar mais farto, com direito a bebida geral, inclusive das crianças (vinho misturado com água, para fazer a saúde do papai), não chegava a formar um dia. O papai era abraçado, beijado na mão pela manhã, e jantado à tarde, mas não ganhava, no intervalo, a categoria de herói ou de monumento. Continuava ele mesmo, cuidando do serviço que lhe competia no ano inteiro, na vida inteira, salvo se o aniversário caísse em domingo ou dia santo. Ninguém pensava em dedicar-lhe o dia todo. Seria exagero, e o papai não admitia exagero, a começar nos presentes, que nem havia obrigação de dar-lhe; se fossem dados, seriam bem simples, porque as coisas dáveis eram em geral simples, antes do aparecimento do eletrodoméstico.

A extrema importância do papai estava em que ele, por assim dizer, não se fazia notar. Não que fosse insignificante. Pelo contrário, enchia toda a casa, ele era a casa. De tanto sentir-lhe a presença nos menores atos da vida, de tanto saber seu olho vigilante acompanhando os passos a distância, inclusive e principalmente nas ocasiões de pecado, em que a prática era sempre atravessada pelo pensamento: "Que diria o papai se soubesse disso?". E a imaginação o fazia presente, dobrando o prazer da infração pelo gozo e temor combinados, pois o papai, embora ciente de tudo, não podia impedir a falta nem fulminar o faltoso; era como se o papai não fosse uma pessoa, um corpo, mas a lei e o ar. E o ar e a lei não se impõem em termos físicos, existem simplesmente.

O Dia do Papai, com muitas outras providências correlatas, veio tornar o papai uma figura diversa, entre estátua (de frente) e meu chapa (de fundo). Consagramos-lhe um Dia, como à Bandeira, às Nações Unidas, ao Funcionário Público, a veneráveis abstrações. E pondo de lado, ao mesmo tempo, tal abstração idealística, vamos levar ao papai, se ele estiver em casa (pois não se sabe nunca se ele está, o papai agora anda meio planetizado, e nós também), vamos levar-lhe, comprada não com o dinheirinho nosso economizado, mas com o dele mesmo, uma esferográfica dourada, uma garrafa para uísque em cerâmica e couro, muito bacanas, tão bacanas que, depois de oferecê-las ao referido, reivindicamos para nós mesmos o uso dessas utilidades. O papai achará bárbara essa lembrança. Mas aqui pergunto eu: será que o papai ainda existe? Desconfio que o existente é o Dia do Papai.

14/08/1966

DIPLOMA

— Olha o diploma da mamãe! Quem tem sua mamãe deve lhe oferecer este diploma!

Era atrás do edifício da *Noite*, na passagem lamacenta onde se aglomeram vendedores de canetas automáticas de dez cores, e outros artigos. O rapaz aproximou-se da banca onde se exibiam os diplomas. Pediu licença para pegar num deles, enquanto o vendedor continuava gritando a mercadoria sentimental.

Mirou e remirou o papel com atenção.

— Onde é que bota o retrato?

— Que retrato? — inquiriu o camelô.

— O meu, para oferecer a ela…

— Ah, compreendo, o cavalheiro quer oferecer um retratinho a sua mamãe. Muito bem, pode colocar sua bonita estampa nas costas do diploma, está vendo?

Timidamente, o rapaz formulou a objeção:

— Mas, se ela enquadrar o diploma e pendurar na parede, o retrato fica escondido nas costas.

— Perfeitamente, nesse caso ela pode pendurar o quadro de costas, e o amigo fica aparecendo.

— Isso não. Eu queria botar meu retrato na frente do diploma, junto disso tudo que está escrito aí.

— Não tem problema, cola aqui neste canto, fica até mais interessante.

O rapaz tirou um embrulhinho do bolso, tirou do embrulhinho sua fotografia em tamanho de postal, aplicou-a sobre o diploma, no lugar indicado pelo vendedor. Reconheceu, consternado:

— Cabe não.

— Cabe sim. Com licença, cavalheiro. Olhe como ficou bacana.

— Assim ele tapa as letras da escrita.

— Ora, só umas letrinhas. A maioria das palavras continua visível. Que importância tem tapar algumas palavras? O cavalheiro cobre elas com o carinho da sua fotografia.

O rapaz continuava indeciso. Dar um diploma a sua mãe, no Dia das Mães, era ideia nova, excitante. Não entendia bem o que fosse diploma, porém, certamente, sua mãe o merecia; e se o diploma levasse o retrato dele, deixava de ser um diploma qualquer, oferecido a qualquer mãe. Mas como, se não tinham previsto o lugar para o retrato do filho?

— Vai levar? — perguntou o camelô, desejoso de fechar o negócio e voltar à pregação oratória — pois eles gostam ainda mais de falar à multidão do que de vender.

— Bem… eu levo. Corto o peito do meu retrato, assim ele cabe sem ofender as palavras. E como é que eu faço para mandar para Inajaroba?

— Onde fica isso, meu chapa?

— Sergipe, então não sabe?

— Até este momento não sabia, mas não tem problema. Enrola, bota no Correio, vai de avião.

— Chega todo esbandalhado.

— Então, passa ali na papelaria e pede para botar enchimento, fazer uma embalagem bem legal.

— Mais um favorzinho, moço — e o rapaz baixou a voz e a cabeça.

— Vai dizendo, vai dizendo.

— Pode ler para mim o que está escrito aí? Eu não gostava que minha mãe recebesse o diploma sem eu saber o que estou mandando dizer nele…

— Com todo o prazer — e leu com ênfase, para o rapaz e para o grupo em redor, a declaração de amor de um filho a sua mamãe, em forma de diploma.

19/05/1966

O rapaz, assistente de produção, telefonou-lhe da TV, pedindo que comparecesse ao programa do Dia dos Namorados.

— Deve ser engano, eu…

— Não é engano não, queremos que o senhor preste homenagem aos namorados, em nome dos poetas do Brasil.

— Eu não tenho procuração dos poetas, meu filho. Como é que posso falar em nome deles?

— Então fale em seu nome mesmo.

— Fale o quê?

— Manifeste sua simpatia aos namorados, faça a promoção. O senhor sabe como é, não sabe?

— Se eu sei como é? Todo mundo nasce sabendo, não carece ensinar. Olhe, o Concílio Vaticano já foi muito mais longe.

— Não é isso. O que desejamos é que o senhor dirija aos namorados do Brasil, pelo menos aos namorados da Guanabara e das cidades alcançadas pelo nosso canal, uma mensagem de fé, uma palavra de ternura e de poesia.

— Será que eles escutam?

— Ah, quanto a isso não tenha a menor dúvida. Nosso índice de audiência, comprovado pelo boletim do Ibope…

— Não é o número de telespectadores que me interessa. O que eu gostaria de saber é se eles são mesmo namorados, se estão na ativa, em exercício. Duvido que um namorado de verdade perca tempo com essas coisas. Mesmo se estivesse disposto a me ouvir, eu preferia não incomodá-lo.

— Que pena, estou vendo que o senhor não quer colaborar.

— Com os namorados? Eles dispensam colaboração.

— Não, com o programa. Um momento. A produtora do programa está aqui ao lado e deseja falar com o senhor. Vou passar o fone.

Passou.

— Alô? Muito prazer. Meu assistente talvez não tenha explicado bem. Nosso programa vai aos receptores às quatro da tarde. A essa hora,

naturalmente os namorados não devem estar nos ouvindo, os mais moços estão no colégio, e os mais… taludos por aí, eu sei. Quem fica em casa, de receptor ligado, são os vovôs e as vovós. Venha saudá-los no Dia dos Namorados, venha!

— Minha senhora, eu…

— É preciso fazer com que eles continuem a sentir-se namorados até o fim da estrada, pois não é mesmo? Ou senão, que voltem a ser namorados, como na aurora da vida. Vamos, dirija-lhes este apelo, o senhor fará isso tão bem!

— Eles hão de querer ficar em paz, e um apelo desses, não acha que iria perturbá-los?

— Que nada! Se perturbar, será uma perturbação eugênica, uma sacudidela! Os vovozinhos vão adorar!

— A questão é que eu também sou vovozinho, minha senhora. Não lhe parece que ficaria um pouco sem modos eu dirigir-me nesse sentido aos colegas, principalmente às colegas de faixa?

— Absolutamente. Fica ótimo: um vovozinho liderando os demais vovozinhos e vovozinhas para uma cruzada romântica. Ah, o senhor não avalia o sucesso que terá um programa desses. Vamos, já agora apelo para o seu altruísmo, o seu senso de responsabilidade. Não deixe uma ideia dessas cair no chão como jaca podre! Fica intimado a comparecer já e já ao nosso estúdio e combinar comigo uma série de programas sobre "A Segunda Aurora da Vida"!

— Minha senhora, recuso-me absolutamente a esse desfrute!

— Ah, o senhor não considera o benefício social, o seu próprio benefício! Não defende, depois do direito de nascer, o direito de namorar! Bola preta para o senhor, e passe bem!

13/06/1965

NAMORADOS NO MUNDO

Na Tanzânia, país africano socialista, os namorados recebem do governo duas coroas de flores, ele as azuis, ela as vermelhas, todos os sábados pela manhã, durante três meses. Findo esse prazo, faz-se a união.

A delegação de notáveis, na Caxemira, oferece ao jovem par uma cabra em cujo pelo eles mergulham demoradamente a mão esquerda, para aprenderem a doçura na convivência. Sobem depois a um alcantil, e bebem o vinho da perfeita alegria.

Para merecer o título de namorado, no atol de Minicoy, do arquipélago das Maldivas, o rapaz deve tecer um cinto de fibra de coco, do tamanho da cintura da moça a quem pretende fazer a corte. A colocação do cinto é festiva, entre danças e libações que se prolongam por três dias.

Instituiu-se na Tailândia a bandeira dos namorados, com uma cabeça de licorne representando a unidade, em fundo branco e cercadura azul; eles carregam sua miniatura quando vão a festas ou ao cinema, e o distintivo faculta-lhes redução no preço das entradas, e preferência em transportes coletivos.

No Mali, antigo Sudão Francês, a namorada ganha um bolo de arroz do namorado, em troca do primeiro beijo; dentro do bolo, esconde-se um amuleto que tornará o amor perene, se a namorada não o quebrar com os dentes. O amuleto é presente da municipalidade.

O pensamento da namorada, em Uganda, há de ficar preso ao pensamento do namorado por um fio resistente, que ele estenderá entre as duas casas; daí as ruas ficarem cobertas pela rede de linhas. Ninguém se atreve a cortá-las, sob pena de pagar multa de um cargueiro de amendoim, ou ser deportado para Tanganica, por falta de pagamento.

Os namorados de Montego Bay, Jamaica, trocam primeiras juras na intimidade do bosque especialmente destinado a esse fim, e no qual as autoridades mantêm uma reserva de pássaros canoros.

Namoro em Camarões do Sul é honrado com cerimônias públicas; estende-se na rua uma passadeira amarela, em que só o par de namorados pode pisar, enquanto parentes e amigos lhe jogam flores; no meio da

passadeira, os dois se sentam e entregam-se a carícias de primeiro grau, ao som do Hino das Almas Irmãs, entoado pelo coro infantil.

No Vietnã do Sul, mesmo por entre aflições de guerra, os namorados podem visitar os monges budistas e beneficiar-se com suas práticas afetuosas, pela manhã, quando é mais fácil assimilar o Samdrogakaia, ou corpo de amor perfeito.

Fundou-se em Camboja a Escola de Namorados, de matrícula gratuita, onde se ensinam cortesias e mimos do amor em língua tao, e se preparam anéis e outros objetos de açúcar, que a namorada presenteará ao seu escolhido, para significar-lhe ternura.

Em certas aldeias de ilhas da Polinésia, o par de namorados que mais se destacou pela graça e efusão amorosa na festa da colheita passa a dirigir a comunidade, como rei e rainha, durante um ano, e nenhum deles jamais foi deposto.

Etc. etc. Extraio estas notícias da obra admirável do dr. Claudius Lovemaking, da Universidade de Illinois, *Outline of Cupid's Power in the World*, ou da minha imaginação, como ao próprio livro? Não interessa. Achei de meu dever confortar os namorados nacionais com a visão de honras, regalias e carinhos que bem merecem e que, por aqui, certamente lhes são desconhecidos. Pois ao namorado nacional falta-lhe mesmo o banco de jardim, e sobram-lhe dores de cabeça.

12/06/1966

FMI

Ao vento do Parque dançam
as bandeiras.
Unem-se os povos finalmente
em torno do Direito Especial de Saque?
Baixa a taxa de juros como baixa
a temperatura?
Ou apenas glorificamos
o mistério do sorveteiro que devolve
NCr$ 600 ao Míster distraído?
Oh, salve honestidade
super
do sub
desenvolvido.

Mas tantos Governadores me intimidam
poderosos concentrados linguistranhos
em frente ao mar que nada sabe de Finanças
e propõe a grandeza sem governo,
o mar profundo em frente ao Fundo.
Qual dos dois colossos me conforta
a solidão do ser entre moedas
em que não está gravado o simples Nome
do Mundo?

Da passarela vejo o pássaro
que esvoaçando vira BIRD e no seu bico
biririco
leva o financiamento a curto prazo
e longa espera. Meu destino
em que junta de ricos e de pobres

se resolve ou dissolve
no *catch* do ouro contra o dólar?
Depressa, a Brocoió,
ao Maracanã, ao Golden Room,
onde o Fundo se esqueça de si mesmo
e boie na florínea superfície
de langues amavios.
Excesso de liquidez ou falta de,
matéria é de piscina
ou de pequenos bares de Ipanema
onde o comércio internacional não vale
um chope bem tirado e seu diadema
de espuma.

De espuma e pluma e samba rodeemos
o fero Fundo a fim que as frágeis
flébeis economias sobrevivam
ao sol latino ou africano
à custa de primários objetos
de troca, sob o pálio
protetoral dos Grandes que decidem
a hora do Sol e a hora de cair
orvalho.
Grácil recepcionista, toma tento
com esse Governador ou Delegado
que quer levar ao extremo a ajuda técnica
para o desenvolvimento.
Não é qualquer projeto que convém
aos países e às jovens criaturas
que Deus, lá das alturas,
embelezou com arte refinada.

Ao vento dançam
bandeiras e bandeiras no ar que

é todo vibração no Parque,
e dos jardins um trevo brota
de quatro pétalas, flor de tráfego.
Que discutem os homens no areópago
do mercado mundial?
Pergunto — e não responde — a uma gaivota
junto de Kirti Bista, do Nepal,
que me serve de rima e de silêncio.

29/09/1967

ESCOLHA

— O doutor é um ilustre experiente, no que eu estou capacitado. Então, queria um apoio de vossos altos poderes.

— Obrigado pela confiança, Norgentino. Se eu puder ajudá-lo…

— O doutor e mais nenhum é que tem o habite-se. Giro numa dessas situações anuviadas, compreende? que um tem de ver pelo de cima e pelo de baixo, no preto, no branco e no furta-cor, diagonal.

— Então me conte seu problema.

— Ressalvante, o problema ainda não entrou em órbita, mas eu quero saber se devo ou não caçar o dito.

— Como assim, Norgentino?

— Vou clarear o figurino. Estou pensando em casar.

— Bravo! Um rapaz como você, trabalhador, ganhando bastante, com a cabeça no lugar, decerto que faz bem em casar.

— O doutor muito me favorece com essa predicação. No porém, é escolher a noiva.

— Mas você não tem uma em vista, não está namorando?

— Não dou sorte em novela, doutor. Sou um decepcionado repetente, com raiz e fatos passados. A noiva ainda é toda segredosa, nas dúvidas do aprazimento.

— Não entendo. Pelo menos há uma moça com quem você simpatiza, e de quem deseja aproximar-se.

— Nenhuma, e contando bem são três.

— Norgentino!

— Darei por explicado em curtas linhas. O doutor tomou tenência daquele programa de casamento pelo rádio? Pois sou ouvinte matutino do próprio, na minha condição de solteiro sem comunicatividades. E há três donzelas moças se oferecendo e pedindo o particular dos informes.

— Com tanta moça aí pela cidade, para escolha direta, você vai encomendar ao rádio! Pois se confia nesse processo, escolha uma das três.

— Somente apenas, que uma é loura, outra é morena e outra é jambete.

— E qual a sua preferência nesse particular?

— Como estou num confessionado de mão própria, prefiro as três.

— Assim, não. Veja qual a que bole mais com o seu sentimento. E repare em outras qualidades menos físicas, procure conhecer bem as moças, dar-se a conhecer também.

— No concomitante das demais prendas, elas empatam.

— É mesmo?

— Todas artistas em costura, cozinha e decoratividade do lar. Não são de queimar nota de dez mil em futiliquês. O que mais apreciam no homem é o carinhoso, o veludo.

— Entre elas, uma terá encanto especial para você. Ou não?

— A bem dizer se digo bem, não dou fiança. O que sei é o propalado. Nem as fotografias fui considerar na rádio.

— Então vá e decida.

— Me avexa pedir logo o dossiê das três, que são a Flor de Neblina, a Circeia e a Gemini-II.

— Pelo nome, a terceira é que parece mais destinada ao casamento.

— É a jambete. Mantenho com elas o diálogo em altos níveis, na base do longe. Mas estão me pressionando, querem o certo e o visível.

— E então?

— Então, o doutor trabalha numa empresa que tem computador eletrônico. Se eu trouxer os dados informativos legais das três, o doutor bota na máquina perguntando com qual eu devo casar? Diz que em Zurique já é lei oficial. Se o doutor me coadjuva e a máquina responder com clareza clara, eu caso no positivo e já nomeei meus padrinhos: o dr. Guimarães Rosa e Vossa Magnificência!

12/10/1966

O PTT

Ao saber que o Ato Institucional no 2 extinguira os partidos políticos, a proprietária do prédio alugado ao PTT (Partido Tradicionalista Transistorizado) botou as mãos na cabeça: — E agora, José?

Se o partido estava proibido de existir, quem lhe pagaria o aluguel? Um partido tão bom, tão pontual: pagava sempre dia 1o, salvo se caísse em domingo ou feriado; aí, pagava de véspera. Nunca tivera o menor aborrecimento com o inquilino. O próprio tesoureiro vinha trazer o dinheiro no envelope. Educado, de pouca conversa, esperava no corredor; convidado a sentar-se na sala, agradecia: estava bem assim; "Nem cafezinho o senhor aceita?" "Obrigado, acabei de tomar no diretório, aliás preciso voltar logo, estamos em sessão permanente, o momento político é muito melindroso".

D. Melisa não insistia, porém não deixava de renovar o convite todo mês. Simpatizava com o tesoureiro, senhor mais para sessenta anos do que para cinquenta, aliança no dedo, circunspecto, fisionomia de quem guarda altos segredos políticos e não irá revelá-los a troco de gentilezas. De resto, d. Melisa queria lá saber de nenhum segredo nacional, estadual ou municipal. Orgulhava-se, é certo, de ser senhoria de um partido político — e que partido: tradicionalista, como convém à nossa formação cristã; e transistorizado, isto é, moderno, atual. Não a convidaram para inscrever-se nele, nem d. Melisa aceitaria: é dos que votam com a consciência, e a sua lhe recomendava: "Confia nos homens, não nos partidos".

Confiava no tesoureiro, tanto que não exigira contrato de locação. Ele se apresentara com a ata da fundação do partido e com o dinheiro na mão, disposto a pagar seis meses adiantado; ela aceitou três, e no fim do prazo dispensou o pagamento por antecipação. O partido funcionava lá há bem cinco anos, sem dor de cabeça para ela. Agora cerra as portas, vai-se o inquilino ideal. Arranjará outro, mas quem garante que será tão sério quanto esse?

Dia 1o o tesoureiro apareceu na forma do costume, disse-lhe que não se preocupasse. O partido continuaria a ocupar a casa. Como, se o AI-2 acaba com os partidos? — O nosso é diferente — explicou-lhe o tesoureiro. — O ministro da Justiça reconheceu que temos organização especial, por assim dizer apartidária, ou superpartidária; nosso principal objetivo é manter e cultivar as tradições morais, adaptando-as à era tecnológica; a senhora não conhece nossos estatutos, se conhecesse, havia de gostar. — Então continua meu inquilino? — Continuamos; o PTT não pode parar.

D. Melisa ficou tão satisfeita que contou a novidade às amigas. Não era apenas senhoria de um partido, mas do único partido sobrevivente à chacina do AI-2. O único? Uma das amigas contou para o marido, este duvidou: gostaria de saber que partido era esse, onde, como funcionava etc. A dúvida foi transmitida a d. Melisa, que não gostou nada do ceticismo do marido de sua amiga. Ela própria não sabia muito a respeito do PTT, mas, uma vez que duvidavam de sua palavra, iria à sede, pediria os estatutos, era capaz até de inscrever-se, por que não?

Pegou o ônibus para o bairro distante, desceu em frente à sede do PTT. Não tinha tabuleta, porta e janelas estavam fechadas. Tocou longamente a campainha. Ia desistir, pensando em voltar outro dia, quando ouviu sair lá de dentro um fio de musiquinha pré-carnavalesca: “Ui, ui, ui! roubaram a mulher do Rui!”. Decerto o zelador ouvia rádio, não escutara a campainha. Bateu com força na porta. Bateu tanto que ela se entreabriu e ia fechar-se rapidamente, mas d. Melisa empurrou-a, enérgica, a tempo de ver o tesoureiro e uma loura, ambos de *short*, correrem desabaladamente em direção ao quintal, onde se extinguiu para sempre o Partido Tradicionalista Transistorizado.

24/12/1965

DESCANSO DE GARÇOM

A confeitaria esteve fechada bem uns seis meses, para obras. Passando pela calçada, os antigos frequentadores já não tinham esperança de voltar ao lanche costumeiro, pois qualquer casa que se fecha para remodelação, já sabe: vira banco ou companhia de investimentos muito sofisticada, com letras na porta de vidro dizendo assim: Kredytar, Finanlys, Ríkox…

Pois aquela, desmentindo a lei econômica, reabrira confeitaria mesmo, e tão moderna que muitos clientes se sentiram enleados ao entrar em local antes de conhecida modéstia; o estabelecimento exigiria talvez fregueses também remodelados, de gabarito mais alto. Pouco a pouco foram regressando, se abancando. Era tudo novo, menos o garçom, a louça e o talher, "Por sinal que talher e louça também estão pedindo reforma, hein, Belisário?".

Belisário, garçom boa-praça, admitiu que sim. Até já fizera ver isso ao gerente, ponderando-lhe que numa casa tão bacana aqueles elementos inferiores destoavam; o pessoal acabaria espalhando que a firma não aguentou o repuxo das obras, ficou sem grana para miudezas.

— E ficou mesmo — respondeu-lhe o gerente. — Belisário, vê se te manca, tá?

Belisário remeteu-se ao silêncio. Aos patrões não adianta ajudar; pois que se danem. E foi cuidar da vida, que não anda mole.

— Estou vendo pela sua cara, Belisário. Você encolheu, rapaz!

Aí, ele me confiou que passara seis meses comendo só uma vez por dia, e não era comida de banquete. Para variar, durante um mês, somente almoçava; no mês seguinte, jantava apenas. Dessa maneira, reeducou o estômago e pôde sobreviver. Mas o Otacílio, esse, "já reparou no Otacílio?".

Otacílio, um baixote, gordo, servia no setor da esquerda. Passeei os olhos pelo salão, não o encontrei.

— Pois é aquele ali, no lugar de sempre. O senhor não reconheceu? Natural. Perdeu vinte quilos com as obras. Quase abotoa o paletó.

Luva-de-Pelica, um todo cheio de salamaleques, perdera quinze e teve de voltar para Miracema. João Velho, dez; João Novo, onze; outros ficaram entre dez e doze quilos. Toda a turma emagrecera. O salário fora pago pontualmente pela firma, porém sumiram as gorjetas, e é gorjeta que sustenta um homem.

— Mas, Belisário, vocês podiam se defender com biscates, servir em reuniões, casamentos.

— Não, doutor. Biscate é sagrado: fica para os colegas aposentados pelo Instituto.

Admirei a generosidade de Belisário e de seus pares da ativa, e ia louvá-la, mas ele não deixou:

— E daí, se a gente pega a xepa deles, eles vêm de sarrafo em cima da gente, morou? Tem muito aposentado bom de briga, e lá um dia a gente vai ser um velhinho igual a eles, tem de pensar no amanhã e no depois de amanhã… Não vale a pena chupar jabuticaba dos outros.

— E que é que você fez durante esse meio ano?

— Eu? Nada. Tempo havia de sobra, dava vontade de aproveitar, mas aproveitar como? o quê? Ficava de mãos abanando, esperando uma bandeja, um bule de chá que não aparecia. Até o barulho da louça, os gritos para a cozinha faziam falta. Então ia para a porta das confeitarias espiar os colegas de mais sorte, que trabalhavam, com uma inveja deles, do cansaço deles! Meu garoto mais moço, de quatro anos, veio me servir, de brincadeira, dizendo que agora eu é que era o freguês, queria com pão alemão ou pão de Petrópolis? Mineral com gás ou sem gás? Quis achar graça, mas foi me subindo um nervoso, empurrei a mão do garoto, a louça caiu no chão, se espatifou, ele saiu chorando… Sabe que mais? A patroa me dizendo sempre: "Belisário, some de minha presença que tu está me enchendo!". Sumir pra onde? Gostei não, doutor. Descanso de garçom é fogo. Quer mais umas torradinhas?

20/11/1965

A ETERNA IMPRECISÃO DE LINGUAGEM

— *Que pão!*

Doce? de mel? de açúcar? de ló? de-ló-de-mico? de trigo? de milho? de mistura? de rapa? de saruga? de soborralho? do céu? dos anjos? brasileiro? francês? italiano? alemão? do-chile? de fôrma? de bugio? de-porco? de-galinha? de-pássaros? de minuto? ázimo? bento? branco? dormido? duro? sabido? saloio? seco? segundo? nosso de cada dia? ganho com o suor do rosto? que o diabo amassou?

— *Uma uva.*

Branca? preta? tinta? moscatel? isabel? maçã? japonesa? ursina? mijona gorda? brava? bastarda? rara? de galo? de cão? de-cão-menor? do-monte? da-serra? do-mato? de-mato-grosso? de-facho? de-gentio? de-joão-pais? do-nascimento? do-inverno? do-inferno? de-praia? de-rei? de-obó? da-promissão? da-promissão-roxa? verde da fábula de La Fontaine? espim? do-diabo?

— *Ô diabo!*

Lúcifer? Belzebu? Azazel? Exu? marinho? alma? azul? coxo? canhoto? beiçudo? rabudo? careca? tinhoso? pé de pato? pé de cabra? capa-verde? romãozinho? bute? cafute? pedro-botelho? temba? tição? mafarrico? dubá? louro? a quatro?

— *É uma flor.*

Da-noite? de-um-dia? do-ar? da-paixão? de-besouro? da-quaresma? das-almas? de-abril? de-maio? do-imperador? da-imperatriz? de-cera? de-coral? de enxofre? de-lã? de-lis? de-pau? de-natal? de-são-miguel? de-são-

benedito? de-santa-cruz? de-sapo? do-cardeal? do general? de-noiva? de-viúva? da-cachoeira? de-baile? de-vaca? de-chagas? de-sangue? de-jesus? do-espírito-santo? dos-formigueiros? dos-amores? dos-macaquinhos? dos-rapazinhos? de-pelicano? de-papagaio? de-mel? de-merenda? de-onze-horas? do-norte? do-paraíso? de retórica? neutra? macha? estrelada? radiada? santa? que se cheire?

— *É uma bomba.*

De sucção? de roda? de parede? premente? aspirante-premente? de incêndio? real? transvaliana? vulcânica? atômica? de hidrogênio? de chocolate? suja? de vestibular de medicina? de anarquista? de são-joão e são-pedro? de fabricação caseira? de aumento do preço do dólar? enfeitada? de zoncho? de efeito psicológico?

— *É um amor.*

Perfeito? perfeito-da-china? perfeito-do-mato? perfeito-azul? perfeito-bravo? próprio? materno? filial? incestuoso? livre? platônico? socrático? de-vaqueiro? de carnaval? de cigano? de perdição? de-hortelão? de-negro? de deus? do próximo? sem olho? à pátria? bruxo? que não ousa dizer o nome?

— *Vá em paz.*

Armada? otaviana? romana? podre? dos pântanos? de varsóvia? de *requiescat*? e terra?

— *Vá com Deus.*

Qual?

(*A Paulo Mendes Campos, o.d.c.*)
18/02/1968

NA FOSSA

Estar na fossa era, até poucos dias, uma situação de adultos, que para saírem dela recorriam a analistas, depois de consultarem inutilmente doutores escoceses engarrafados. Agora, a fossa recolhe também crianças recém-nascidas, que não dispõem de tais recursos técnicos. Como aconteceu nessa Vila Nova Granada, em Belo Horizonte, onde ia passando um garoto de dez anos, filho de lavadeira e entregador de roupa, e ouviu um chorinho débil.

Vindo de onde? Da estrada não podia ser, que não passava mais ninguém. Nem havia casa nas imediações. O chorinho vinha da terra, ou mais propriamente de uma fossa, aberta a pequena distância. O menino aproximou-se e viu lá embaixo, a catorze metros de profundidade, boiando em meia escuridão, a lata de gordura que servia de berço a uma recém-nascida.

— Tira-me da fossa — pedia o chorinho.

Então o menino Celso fez o grande gesto de sua vida: amarrado a uma corda, baixou àquele feio recinto, e trouxe à superfície a menininha chorona. Qualquer que seja o futuro de Celso, haverá sempre em sua biografia moral a anotação deste gesto: salvou uma vida com risco da sua. A bem dizer, já pagou sua dívida ao mundo, e pagou-a antes de dever qualquer coisa. Valente menino Celso, obrigado. Você mereceu a medalha e o louvor que se conferem aos heróis. Jornais reproduzem o seu retrato, em que todos identificamos aquele traço de beleza da alma, que desejaríamos encontrar em nosso próprio retrato. Você desceu por nós àquela fossa. Em casos de perigo e valor, costumamos confiar nos bombeiros, pois nos sentimos um tanto pesados para semelhantes áfricas. E uma fossa, então, materialmente falando… Nossa fossa psíquica é diversa, e sofisticada. Mas os bombeiros, por sua vez, dificilmente fariam o que você fez, corpo leve e breve, a descer pela fossa estreita. A circunstância favorável do corpo não desmerece o seu ato, e mesmo o

realça, pois o corpo menino estaria pedindo a alegria de uma pelada, não a descida à fossa.

Como toda vez que admiramos a criança porque ela executou uma proeza de adulto, há um pouco de… ressentimento em nossa admiração: um de nós, todos nós deixamos de cumprir a obrigação heroica. É o garoto nos dando lição. E dando também vontade de voltar a ser garoto para fazer o que ele fez. Mas:

O coro admirativo dos adultos não é unânime. Os pais da criancinha que chorava na fossa não tinham o menor empenho em que ela vivesse. Quem a depositou na lata de gordura e jogou-a à fossa, pesa-me dizê-lo, foi a própria mãe. Do pai nem se sabe quem seja, mas sabe-se que não desejou sua vida. A bem dizer, o gesto de Celso conta com a reprovação cordial desses dois. Principalmente com a reprovação materna, que desejava ocultar o nascimento, e agora o vê proclamado com uma estridência bem mais penosa do que o cochicho de comadres que ela temia.

Quanto à menininha, se chorava para sair da fossa, é porque seu poderoso instinto vital reagia contra o propósito aniquilador, manifestado pelos pais. Reivindicava o famoso direito de nascer, que é direito de viver e procurar alegria, à margem do controle da natalidade. O pequeno Celso fez sua parte para atendê-la. Resta saber se nós, que aplaudimos seu *beau geste*, estamos preparados e dispostos a fazer dessa menininha da fossa um ser razoavelmente integrado na vida, ser que não precise jogar recém-nascidos na fossa. Duvido.

28/09/1966

ACERTADO

A senhora estendeu a mão com o dinheiro da passagem. O trocador fez cara enjoada:

— Não tem nota de mil?

— Como?

— A senhora não tem aí uma nota de mil cruzeiros? Nem de quinhentos?

— Mas por que eu vou lhe dar uma nota de quinhentos ou de mil cruzeiros, se tenho o dinheiro certo da passagem?

— Para trocar.

— Muito agradecida. Não estou precisando de troco.

— Hoje só dá acertado. Assim é impossível!

Um passageiro entrou na conversa:

— Não entendi bem o que o senhor disse a esta senhora. Quer repetir?

— Eu disse que hoje só dá acertado, e é mesmo.

— Acertado o quê?

O trocador encarou-o, penalizado com sua ignorância:

— O dinheiro certo da passagem, né.

— Cada vez entendo menos. Então o senhor prefere não receber o dinheiro certo da passagem?

— Prefiro.

— Engraçado. Os senhores vivem pedindo aos passageiros que facilitem o troco, porque não têm notas de vinte, de dez e de cinco cruzeiros para dar de volta, e quando a gente satisfaz o pedido, muitas vezes tirando até o dinheiro do cofre dos garotos, vêm os senhores e dizem que assim não é possível! O que não é possível é os senhores acharem que não é possível!

O trocador, mudo. Intervém outro passageiro:

— O senhor está coberto de razão. Ele tem que aceitar o dinheiro trocado dessa senhora.

— Eu aceitei — explica o trocador.

— Aceitou, reclamando.

— Aceita! Aceita! — gritaram alguns em pé, na parte traseira do ônibus.

— Calma. Ele já aceitou — disse o primeiro homem. — Agora vamos pedir a ele que explique por que não queria aceitar. Temos o direito de saber a verdade.

— Verdade! Verdade! — clamou o coro.

— Pode-se saber por que motivo o senhor quer exigir dos passageiros o absurdo de dificultar o troco?

Intimidado, o trocador não sabia como responder.

— Vamos, explique.

— Explica! Explica! — desafinou o coro.

— Mais uma vez peço calma — disse o inquiridor, já compenetrado das responsabilidades da função que se atribuíra. — Estamos diante de um caso original, talvez, até certo ponto, de um fenômeno: o indivíduo que prefere ter mais trabalho, mais incômodo na vida. Pode ser até que se trate de alguém cujas células cerebrais funcionem de maneira diferente. Vamos lá, rapaz, explique por que motivo você prefere prejudicar a si mesmo, ao público e à empresa.

— Ah, isso não. À empresa não — atalhou depressa o trocador. — Eu estou é ajudando a empresa. Vou explicar ao senhor. De manhã saí da garagem com um monte de notinhas de vinte, dez e cinco cruzeiros. O chefe me disse: "O gerente quer ficar livre desse dinheiro micho, vem aí o cruzeiro novo e ninguém mais quer saber de notinha, de centavo! José, manda brasa!". O senhor quer ver? A gavetinha está atochada, essa lata também, o saco debaixo de meus pés também, e eu estou sentado num pacote de notinhas miúdas, espia só! — e levantou-se para mostrar.

21/11/1965

A CÁPSULA

Todo mundo foi ver a Gemini v no Passeio Público (até a enchente esteve lá, uma noite). Todo mundo, menos ele. Não que se colocasse fora da era espacial ou abominasse os Estados Unidos. Deixou de ir por preguiça. É daqueles que, para participarem de um acontecimento histórico, exigem que o acontecimento se verifique no bairro, de preferência na rua onde moram. Em horário cômodo.

Mas chegou o neto de longes plagas, doido de vontade de ver a cápsula, e sem condições para ir sozinho ao centro da cidade. Pediu ao avô que o levasse.

— Nunca! Está um calor de lascar.

— A gente toma uns sorvetes e vai em frente.

— Sem um pingo d'água em casa!

— E daí? Pra ver a Gemini não precisa de água. Astronauta é que precisa de muita, pra não desidratar no espaço.

— Amanhã nós vamos, menino.

— Amanhã a cápsula sobe pra Petrópolis e não volta mais ao Rio. Você parece que não lê jornal!

Impossível resistir. Os dois se mandaram para o centro. Lá estava, no jardim, convidativa como um circo, a barraca de plástico encerrando a supermáquina. "Que chateação!" — pensou o velho. O neto pensava exatamente o contrário. Tanto que, mal avistou a barraca, acelerou o passo, deixando o avô a distância. Em disparada entrou no recinto.

A progressão nas duas escadinhas laterais era lenta, porque os visitantes queriam ver bem a cápsula; alguns o faziam com ar entendido, de quem já entrou em órbita e é íntimo do Schirra e do Cooper. Certamente, para o garoto o ideal seria que todos fossem embora e ele tomasse posse da cápsula. Mal subiu o primeiro degrau, estendeu as mãos para o plástico da cobertura, alisou-o como quem faz carícia. Depois, os dedos passaram ao revestimento metálico. Apalpava a matéria com força, para testá-la, talvez para comunicar-lhe toda a sua emoção.

— Olhe para dentro, repare no painel, nos assentos do piloto e do copiloto — sugeriu o visitante de trás, vendo que o garoto não desatava.

Mas ele não tinha tanto olhos de ver quanto mãos de pegar. O tato procurava convencer-se da materialidade da cápsula, esgotar a percepção; depois, a vista que entrasse com seu jogo. Meteu a unha no casco de titânio, querendo tirar uma lasquinha que fosse. Conseguiu uns fiapos, recolhidos imediatamente ao bolso da camisa. Depois arranhou a bandeira norte-americana pintada na fuselagem. Sem a menor intenção de desacato: para conseguir uns grânulos de tinta vermelha das listras, que serviriam, com os fiapos, de eterna recordação e comprovação do encontro, se os colegas duvidassem.

Pressionado pela fila, teve de descer do outro lado, mas avisou: "Vou subir muitas vezes". E subiu e desceu tantas vezes, contornando a barraca, que mais parecia a própria cápsula, dando voltas à Terra. Já agora, eram os olhos que desfrutavam a viagem. Tiravam fotos retinianas de cada instrumento, cada botão, cada partícula prestigiosa do prestigioso conjunto.

E não descansou. Concluído o voo orbital, aterrissou junto ao funcionário incumbido de dar explicações a quem quisesse. Crivou-o de perguntas, discutiu pontos técnicos da próxima alunissagem. A certa altura, o funcionário coçou a cabeça:

— Isso eu não sei informar, me faltam dados… Desculpe.

Ao voltarem para casa, confidenciou ao avô:

— Soprei em cima do vidro, para deixar o meu hálito. E risquei como pude minhas iniciais.

De sorte que o avô regressou sem ter visto propriamente a Gemini V, mas ainda a está observando, perfeita, em pleno voo, na fisionomia grave do garoto, que ainda não regressou do cosmo.

26/01/1966

NO FESTIVAL

Na janela Carolina
não viu o tempo passar.
Eu bem que mostrei a ela:
São os do Norte que vêm,
que vêm para dar exemplo
com Suassuna e Capiba.
Enquanto isso Guarabira
que é Guttenberg também
vai demolindo o castelo
(será de Garcia d'Ávila?)
uma pedrinha e mais outra.
Aparece Margarida
em seu terraço roqueiro
(ah, esse Rio comprido!),
exclama: Calma, filhinho,
que tu me botas abaixo.
Mas Gut, que nem Botafogo
em dia de goleada,
vai cantando seu olé
em som fechado de olê.
Marinheiro, olê… Lá vai,
lá vai nessa travessia
onde o nome de Maria
— é Maria a toda hora,
é Maria atrás do som,
da cor, da dor, do pistom —
de tão repetido serve
de "como vai" e "bom dia".
Como é bom dizer bom-dia,
diz o netinho do Souto

enquanto papa um biscoito.
Ó Maria Madrugada,
ó Maria Minha Fé,
acorda que na alvorada
quero bem quente o café.
Sou de Oxalá. Não sabias?
Quem sabe não vai dizer,
não mete a mão em cumbuca,
foi pago pra não falar,
por mais que reclame Tuca.
Filho de branco e de preto,
eu sempre quis só cantar
de serra, de terra e mar.
Eu troco o não pelo sim,
não tranco meu coração.
E quem será que inventou
não só o tempo da flor,
não só o tempo do amor,
mas esse instante de luz
que é esperança de aurora
sob os líricos auspícios
de nosso caro Vinicius?
Eu bem que mostrei sorrindo,
ó meu amor infinito
(infinito enquanto dura),
todas as coisas do mundo,
se queres, te quero dar.
— Fala baixinho… Ninguém
é capaz de compreender
meiguices de Pixinguinha
em tempos de desamor.
E sem ligar pra ninguém,
andarilho Pingarilho,
venho de terras distantes.

No sertão de minha terra
outro vento está soprando.
E tudo se transformou.
A vida como ela é
se impõe, Geraldo Vandré.
Dá vontade de gritar,
mas o que ouço em redor
é choradeira em novelo,
rala dor de cotovelo.
Por que a lágrima vã
que turvou o teu olhar
em canto não se converte
noutra estrela da manhã?
Bem faz o Chico: se a estrela
caiu e murchou a rosa,
ei-lo que mostra à janela
de floresta, céu e mar:
— Oh que lindo… Carolina,
meu doce, minha menina,
não deixa o barco partir,
não deixa a banda passar!

25/10/1967

UM LIVRO, UM SORRISO

— O senhor deseja?

— Vim atender ao apelo da Secretaria de Educação: “Dê um livro e…”.

— Ah, muito obrigada. Pode deixar comigo o pacote.

— Não há de quê. E a segunda parte do apelo?

— Que segunda parte?

— “… e ganhe um sorriso.”

— Pois não, cavalheiro. Vou chamar uma garota do primeiro ano, e ela sorrirá para o senhor.

— Pensei que o sorriso fosse da professora.

— Sendo de criança, tocará mais sua sensibilidade. As crianças é que vão ler os livros doados desinteressadamente pelo público.

— A senhora também poderia lê-los. Me daria uma grande satisfação.

— Certamente que vou examiná-los, antes de serem incorporados à biblioteca escolar. É meu dever.

— Gostaria que, além de dever, fosse um prazer.

— Assim o espero. O senhor, naturalmente, escolheu bons livros.

— O melhor que pude. Tanto que preferi não dar obras alheias, nas quais não pudesse confiar cem por cento. Isso que aí está é uma coleção completa de minhas obras. Repare que eu não disse: uma coleção de minhas obras completas, porque infelizmente ainda não apareceu um editor esclarecido que se animasse a tal empreendimento.

— Que pena. São livros adequados à infância, suponho.

— São livros para qualquer idade, qualquer público. Não me dirijo a nenhuma classe de leitores em particular. Dirijo-me ao Brasil, dirijo-me ao mundo.

— Ah.

— Se a senhora permite, abrirei o pacote e lerei trechos esparsos de cada volume.

— Desculpe, mas no momento estou tão ocupada, o senhor não calcula.

— Só cinco minutos. Três minutos. Que são três minutos?

— Vai me perdoar, é impossível. Depois eu leio.

— É o que sempre me dizem: "Depois eu leio, deixa aí que eu leio". Lerão mesmo? Pedi audiência ao ministro Roberto Campos, custei a ser recebido, quando principiei a ler o trecho referente ao planejamento eficaz, ele interrompeu e disse: "Depois eu leio". Creio que ele ainda não teve tempo, pois não mudou nada até agora no Brasil.

— O senhor deve insistir com o ministro, talvez mude.

— Pensa que foi só com ele? Foi com o general Costa e Silva, com o ministro Nei Braga, o dr. Austregésilo de Athayde, o reitor Pedro Calmon, o presidente do Banco da Habitação, o Vicente Feola… Porque meus livros têm de tudo, para tudo. Mas não são lidos. Então ouvi o apelo do professor Benjamim de Morais e disse comigo: "Os adultos não me topam. Vou às crianças e ainda ganho um sorriso das professoras". Fiz duzentos pacotes iguais a este, e…

— Não lhe parece um tanto… pesado para crianças, esse tudo de que o senhor fala?

— Muitas vezes a criança sustenta em suas frágeis mãozinhas uma verdade que os adultos não podem suportar. Isto é de Ruskin. Ruskin ou outro de que não me lembro o nome. Com o auxílio das professoras, os alunos encontrarão em meus livros a chave de muitos problemas. A senhora, então, que é uma professora tão graciosa…

— Bondade sua.

— Bondade não, é mesmo. Vamos, prometa que vai fazer chegar minha palavra às novas gerações! Não fui eu que tive a ideia, foi o governo que me pediu para dar os meus livros. E quero em troca o seu sorriso, não vai me dizer que a senhora não sabe sorrir!

Ela ia sorrir, para se ver livre dele — mas já chegavam três outros senhores, com três outros pacotes — e a professora fugiu.

24/06/1966

ANTIGAMENTE

I

Antigamente, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé de alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava manta e azulava, dando às de vila-diogo. Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

Havia os que tomaram chá em criança, e, ao visitarem família da maior consideração, sabiam cuspir dentro da escarradeira. Se mandavam seus respeitos a alguém, o portador garantia-lhes: "Farei presente". Outros, ao cruzarem com um sacerdote, tiravam o chapéu, exclamando: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo"; ao que o Reverendíssimo correspondia: "Para sempre seja louvado". E os eruditos, se alguém espirrava — sinal de defluxo — eram impelidos a exortar: "*Dominus tecum*". Embora sem saber da missa a metade, os presunçosos queriam ensinar padre-nosso ao vigário, e com isso punham a mão em cumbuca. Era natural que com eles se perdesse a tramontana. A pessoa cheia de melindres ficava sentida com a desfeita que lhe faziam, quando, por exemplo, insinuavam que seu filho era artioso. Verdade seja que às vezes os meninos eram mesmo

encapetados; chegavam a pitar escondido, atrás da igreja. As meninas, não: verdadeiros cromos, umas teteias.

Antigamente, certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegados com a boca na botija, contavam tudo tim-tim por tim-tim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde judas perdeu as botas. Uns raros amarravam cachorro com linguiça. E alguns ouviam cantar o galo, mas não sabiam onde. As famílias faziam sortimento na venda, tinham conta no carniceiro e arrematavam qualquer quitanda que passasse à porta, desde que o moleque do tabuleiro, quase sempre um "cabrito", não tivesse catinga. Acolhiam com satisfação a visita do cometa, que, andando por ceca e meca, trazia novidades de baixo, ou seja, da Corte do Rio de Janeiro. Ele vinha dar dois dedos de prosa e deixar de presente ao dono da casa um canivete roscofe. As donzelas punham carmim e chegavam à sacada para vê-lo apear do macho faceiro. Infelizmente, alguns eram mais do que velhacos: eram grandessíssimos tratantes.

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtysica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, asthma os gatos, os homens portavam ceroulas, botinas e capa de goma, a casimira tinha de ser superior e mesmo XPTO. London, não havia fotógrafos, mas retratistas, e os cristãos não morriam: descansavam.

Mas tudo isso era antigamente, isto é, outrora.

03/06/1961

II

Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais, e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés, sem tugir nem mugir. Nada de bater na cacunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua nem

escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro *smart* calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo-d'água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha. O melhor era pôr as barbas de molho diante de um treteiro de topete: depois de fintar e engambelar os coiós, e antes que se pusesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco. O diacho eram os filhos da Candinha: quem somava a candongas acabava na rua da amargura, lá encontrando, encafifada, muita gente na embira, que não tinha nem para matar o bicho; por exemplo, o mão de defunto.

Bom era ter costas quentes, dar as cartas com a faca e o queijo na mão; melhor ainda, ter uma caixinha de pós de pirlimpimpim, pois isso evitava de levar a lata, ficar na pindaíba ou espichar a canela antes que Deus fosse servido. Qualquer um acabava enjerizado se lhe chegavam a urtiga ao nariz, ou se o faziam de gato-sapato. Mas que regalo, receber de graça, no Dia de Reis, um capado! Ganhar vidro de cheiro marca barbante, isso não: a mocinha dava o cavaco. Às vezes, sem tir-te nem guar-te, aparecia um doutor pomada, todo cheio de nove-horas; ia-se ver, debaixo de tanta farofa era um doutor da mula ruça, um pé-rapado, que espiga! E a moçoila, que começava a nutrir xodó por ele, que estava mesmo de rabicho, caía das nuvens. Quem queria lá fazer papel pança? Daí se perder as estribeiras por uma tutameia, um alcaide que o caixeiro nos impingia, dando de pinga um cascão de goiabada.

Em compensação, viver não era sangria desatada, e até o Chico vir de baixo vosmecê podia provar uma abrideira que era o suco, ficando na chuva mesmo com bom tempo. Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a do degas! Macacos me mordam se estou pregando peta. E os tipos que havia: o pau para toda obra, o vira-casaca (este cuspia no prato em que comera), o testa de ferro, o sabe com quem está falando, o sangue de barata, o dr. Fiado que morreu ontem, o zé-povinho, o biltre, o peralvilho, o salta-pocinhas, o alferes, a polaca, o passador de nota falsa, o mequetrefe, o safardana, o maria vai com as outras… Depois de mil

peripécias, assim ou assado, todo mundo acabava mesmo batendo com o rabo na cerca, ou simplesmente a bota, sem saber como descalçá-la.

Mas até aí morreu o Neves, e não foi no dia de são nunca de tarde: foi vítima de pertinaz enfermidade que zombou de todos os recursos da ciência, e acreditam que a família nem sequer botou fumo no chapéu?

08/05/1965

A DATILÓGRAFA

A Associação dos Antigos Alunos do Professor Penaforte é modelo do gênero. Os associados pagam pontualmente as mensalidades, reúnem-se cordialmente em almoço no último sábado do mês, e agora resolveram editar um boletim: publicação modesta, trinta e duas páginas, que divulgue êxitos profissionais dos colegas, movimento da AAPP, essas coisas.

Pequeno aumento nas contribuições não afeta os Antigos Alunos, todos bem de vida ou a caminho de. O menos bem é talvez dr. Ariosto: ainda não pôde abrir mão do empreguinho burocrático, ou não soube transformá-lo em doce cargo de muita remuneração e zero obrigação. Grande praça, dr. Ariosto: sempre disposto a ajudar, a fazer força, de modo que o lugar de redator-secretário do boletim lhe cabe indiscutivelmente, como lhe coube o de tesoureiro da AAPP, sem falar em todas as demais funções da diretoria, nos casos de impedimento temporário, isto é, permanente, de colegas ocupadíssimos, além de ilustríssimos.

Redator-secretário pressupõe existência de outros redatores, inclusive redator-chefe… mas deixa, Ariosto escreve para mim este artigo, pois no sítio lá em Pires do Rio o fim de semana é danado de barulhento. E assim por diante, dr. Ariosto dá conta de tudo, escreve, reescreve o que os outros alinhavaram mal-mal. Só que os originais precisam ser uniformizados. Datilógrafa esmerada, rápida, como encontrá-la? D. Jerusa, colega de repartição, precisa de uns bicos: só o cabeleireiro leva metade do ordenado. Há tempos pedira a dr. Ariosto que, se soubesse de algum servicinho de máquina em embaixada, não deixasse de avisá-la: esses boletins mimeografados, sabe como é? Pois ali estava o boletim, não de embaixada, mas de uma associação de gente distinta, que paga corretamente. D. Jerusa lamentou-se: fora atacada por esse monstro moderno, alergia. Não pode nem ver papel, quanto mais lidar com ele.

O bom dr. Ariosto resigna-se a ser datilógrafo de si mesmo e da AAPP, em sigilo. Como tudo que faz tem o selo do capricho, a AAPP felicita-o por ter arranjado uma datilógrafa perfeita. O presidente pergunta-lhe se, além de

perfeita, é bonita. Ariosto sorri, quer omitir a informação, o outro insiste, ele admite que não é feia.

— Pois traga a moça aqui, para a cumprimentarmos pelo serviço.

— Não convém. É muito tímida.

Toda vez que chegam os originais, batidos impecavelmente, repete-se o coro de louvores.

— E nós que ainda não nos lembramos de pagar-lhe. Quanto deve ser?

— Não se preocupem — responde dr. Ariosto. — Ela faz isso de camaradagem. Não precisa de dinheiro.

— Deveras? Não é justo. Temos de remunerar o trabalho da moça. Qual o nome dela, o endereço?

Explicou que a moça fazia o serviço por amizade a ele, e recusava terminantemente gratificação, sob pena de não botar mais o dedo no boletim; além do mais, era admiradora do saudoso professor Penaforte. A essa altura, dr. Ariosto verificou, estupefato, sua própria capacidade de mentir, ele que é a verdade em pessoa. Amizade, hem? Acabaram imaginando que a datilógrafa era namorada dele. E concluíram que ela merecia um presente, com os agradecimentos da AAPP.

— Agradecimentos que devem constar na ata — ponderou o presidente. — Essa jovem é uma pérola.

Dr. Ariosto lutou como leão para impedir a homenagem, mas, perturbado, acabou dando o nome de d. Jerusa. Saiu em disparada para avisá-la, pedir-lhe mil desculpas. Quando aparecesse o mensageiro, com um embrulho de presente e um ofício…

— Não posso aceitar — disse d. Jerusa, inflexível. — Devolvo.

— Não faça isso!

— Então mando botar na sua mesa.

Foi uma áfrica obter que aceitasse a linha completa de produtos de beleza. No ofício, além do mais, o presidente convidava-a para um chá na sede, onde receberia cumprimentos.

— Pensando bem, dr. Ariosto, eu vou. Não devo desapontar o presidente. Parece tão simpático!

Bom, dr. Ariosto não tinha nada com d. Jerusa, mas não é que o picou um vago ciúme do presidente?

08/06/1966

O INDESEJADO

Ficou tão fácil adquirir automóvel, que nem dá gosto mais sonhar com automóvel. O consórcio põe em sua casa, no relampear do desejo, o carro zero-quilômetro, revisado, com garantia de fábrica, sem taxa de inscrição, sem juros, sem pagamento antecipado de cotas, sem nada. Até sem garagem para guardar o dito; sem calçada de pedrinhas portuguesas para fazer de garagem. Até sem você jamais ter alimentado a fantasia de possuir um carro. Até mesmo… se você não existir, vem no ar o convite para o seu nome imaginário, o seu corpo indemonstrável entrarem na posse mansa, pacífica, de um automovinho, pelo sistema de consórcio.

João Brandão, o Antigo, resiste ao máximo. Seu individualismo o induz a andar com as próprias pernas, considerando-as o mais perfeito veículo aparecido sobre a face da Terra. Seu espírito coletivista leva-o a tomar ônibus, sempre que lhe parece oportuno economizar as pernas. Assim, conjugando tendências e alternando os dois meios de transporte, viveu uma existência honrada, de pedestre e passageiro, sem jamais se dar ao incômodo de possuir, gerir, restaurar e custear a máquina-automóvel, cada dia mais impossível de manter parada, pois não há onde deixá-la, a menos que um "puxador" se incumba de guardá-la por conta própria.

Tornando-se tão fácil possuir um bicho de rodas, difícil ficou sendo não possuí-lo, João que o diga. Em redor, todos o convidam a participar do consórcio. A família faz pressão, queixa-se de sua desatualidade. O consórcio, vários consórcios, qual mais vantajoso, espiam seu vulto esguio e perambulante, a ocupar nas ruas um mínimo de espaço, ele que podia muito bem ocupar toda a área social correspondente a um homem e seu carro, manifestar-se, incluir-se no grande desfile. Pois está dito nas Escrituras, Livro de São Hidramático (que por ser apócrifo, nem por isso deixa de merecer crédito, em tempos ecumênicos): "Aquele que não possuir carro, esse não chegará a tempo de penetrar a mansão do Senhor e aquele que o possuir, de preferência grande e bem equipado, esse decerto a penetrará" (15,7).

Vencido, sem ser convencido, João inscreve-se, com o secreto desejo de o consórcio estourar na próxima semana, ou vir uma lei que mande dissolver todos os consórcios, inclusive os matrimoniais, pois a mulher fora dos elementos mais ativos a coagi-lo. Inscreveu-se, a sorte estava contra ele: logo no primeiro sorteio, ganhou o zero-quilômetro. Quis denunciar o consórcio às autoridades, mas o carro já reluzia à sua porta, com fotógrafos, TV, repórteres, tudo. Homem que ganha automóvel contra a vontade é matéria de primeira página. Forçoso sorver o cálice. "Felizmente, eu não sei guiar", pensou João; "nunca aprendi, não tenho carteira" (há os que a têm nas mesmas condições, mas João é impoluto). "De sorte que o carro ficará arquivado em algum ponto — o sítio de um amigo." "Isto é que não", brada a família. A mulher tira um curso-relâmpago, habilita-se para dar mais dor de cabeça ao diretor de trânsito. João perde a doçura de andar a pé, já não o deixam trotar na condição humilhante de imotorizado.

Passar adiante a máquina? Acontece que todo mundo entrou em consórcio, todo mundo anda por aí em carro sorteado no primeiro mês, ou espera andar no segundo. João está condenado a ter carro, aliás condenação universal. (Já não resta um pedestre, nem mesmo para fins de atropelamento.) Nenhum puxador se lembra de puxar-lhe o carro na hora de catar estacionamento, encher o tanque, guardá-lo na garagem inexistente, satisfazer as mil e uma necessidades desse animal exigente. "Minhas pernas não exigiam nada disso", queixa-se JB. Esperança de ver a lata amassada, em desastre de que a mulher saia incólume? Que nada, quem mal sabe dirigir é que melhor dirige, no caos urbano. E tudo por causa do consórcio. Consórcio é fogo.

06/08/1967

OS OLHOS

Em tempos que se esgarçam na neblina dos tempos, conheci uma bela moça, a quem dediquei meus afetos. Servi-a como servem cavaleiros: sem ambição de paga espiritual, que da material jamais o impuro pensamento ousaria visitar-me. A espiritual, confesso que, vez por outra… Sim, um olhar que fosse, desses que dizem mil palavras, seria o céu em Minas, pois foi em Minas que minha paixão brotou, cresceu, apendoou, ocupou-me todo, como roça de amor plantada. Quem disse que ela me dedicou esse olhar? E achei justo que não o fizesse, justo e conforme com a lei suprema, que coloca o amor acima da retribuição. Não lhe pedi nada; nada me deu. Saberia, mesmo, que eu não pleiteava favores, lá de seu alcácer olímpico — se há alcáceres no Olimpo?

Por esta simples dúvida se concluirá que para mim era deusa, e vale a conclusão. Deusa era, e distante, se bem que no plano horizontal. Sua imagem estava presente em torno e dentro de mim, multiplicada, perturbadora. Cercavam-me seus retratos; terei comido centenas deles, em lugar de arroz e carne. Cheguei a forrar uma casa de dois andares, do patamar ao sótão, com suas representações plásticas. Pensei em forrar a rua inteira, mas para isso teria de impedir o tráfego de veículos e a passagem de pedestres que profanariam o sublime pavimento; o prefeito de Belo Horizonte recusou-se a atender-me, embora eu me comprometesse a abrir outra rua, nos fundos da casa, com a mesma largura. Escrevi para ela os melhores sonetos de Camões, usando esse pseudônimo.

Esclareço que desses retratos nenhum me foi oferecido pela moça em questão. Apareciam. Muitos eram antes motivo de desespero que de júbilo: mostravam-na sorrindo para terceiros, dançando com eles, abraçando-os, beijando-os. Nunca me queixei. Eu só olhava para a parte ideal do retrato: para ela. O pior era à noite, quando os retratos começavam a mover-se, luminosos no escuro, e eu lúcido e amoroso (pois não se tratava de delírio) via minha amada afundar-se nas maiores aventuras, perigos e amores. Nada podia fazer para impedi-lo.

Terrivelmente, assistia a tudo, bêbado de paixão, e mais nessa paixão me afogava, brejo, amazonas, oceano, e afogado amava. Com os olhos.

Durou anos a situação. Meu caso era público, vinha nos jornais. Impossível que ela não viesse a tomar conhecimento. Nem ligava. Comecei a reagir, insensivelmente. Olhava menos para suas imagens; ou olhava e não via o que vira antes. Não era o tempo que passara no rosto, era eu mesmo que não me via no meu passado. Aí ela sentiu que a coisa tinha mudado, e em 1960 apareceu por aqui com ar de quem não queria nada. Segundo me confidenciou um seu íntimo, era para bulir comigo. Não fui vê-la. Voltou agora, parece que desta vez querendo impressionar-me. Saltou à minha frente um retrato com chapéu de *cowboy*, retrato que, sorrindo, me oferecia um refrigerante. Obrigado, mito. Mas como posso imaginar-te com esse sombreiro? Como ligar-te a essa garrafinha? Não são estes os feitiços próprios a cativar-me uma segunda vez. Se me queres de novo prostrado a teus pés, não me dês nada de ti nem dos outros, que nada te requeri nunca, mas restitui-me, oh, restitui-me os meus olhos antigos, que viam na terra o que a terra não tem… Os olhos, os olhos é que são a paisagem. E mudam.

29/11/1967

O IMPORTUNO

— Que negócio é esse? Ninguém me atende?

A muito custo, atenderam; isto é, confessaram que não podiam atender, por causa do jogo com a Bulgária.

— Mas que é que eu tenho com o jogo com a Bulgária, façam-me o favor? E os senhores por acaso foram escalados para jogar?

O chefe da seção aproximou-se, apaziguador:

— Desculpe, cavalheiro. Queira voltar na quinta-feira, 14. Quinta-feira não haverá jogo, estaremos mais tranquilos.

— Mas prometeram que meu papel ficaria pronto hoje sem falta.

— Foi um lapso do funcionário que lhe prometeu tal coisa. Ele não se lembrou da Bulgária. O Brasil lutando com a Bulgária, o senhor quer que o nosso pessoal tenha cabeça fria para informar papéis?

— Perdão, o jogo vai ser logo mais, às quinze horas. É meio-dia, e já estão torcendo?

— Ah, meu caro senhor, não critique nossos bravos companheiros, que fizeram o sacrifício de vir à repartição trabalhar quando podiam ficar em casa ou na rua, participando da emoção do povo…

— Se vieram trabalhar, por que não trabalham?

— Porque não podem, ouviu? Porque não podem. O senhor está ficando impertinente. Aliás, disse logo de saída que não tinha nada com o jogo com a Bulgária! O Brasil em guerra — porque é uma verdadeira guerra, como acentuam os jornais — nos campos da Europa, e o senhor, indiferente, alienado, perguntando por um vago papel, uma coisinha individual, insignificante, em face dos interesses da pátria!

— Muito bem! Muito bem! — funcionários batiam palmas.

— Mas, perdão, eu… eu…

— Já sei que vai se desculpar. O momento não é para dissensões. O momento é de união nacional, cérebros e corações uníssonos. Vamos, cavalheiro, não perturbe a preparação espiritual dos meus colegas, que

estão analisando a Seleção Búlgara e descobrindo meios de frustrar a marcação de Pelé. O senhor acha bem o 4-2-4 ou prefere o 4-3-3?

— Bem, eu… eu…

— Compreendo que não queira opinar. É muita responsabilidade. Eu aliás não forço opinião de ninguém. Esta algazarra que o senhor está vendo resulta da ampla liberdade de opinião com que se discute a formação do selecionado. Todos querem ajudar, por isso cada um tem sua ideia própria, que não se ajusta com a ideia do outro, mas o resultado é admirável. A unidade pela diversidade. Na hora da batalha, formamos a frente única.

— Está certo, mas será que, voltando na quinta-feira, eu encontro o meu papel pronto mesmo?

— Ah, o senhor é terrível, nem numa hora dessas esquece o seu papelzinho! Eu disse quinta-feira? Sim, certamente, pois é dia de folga no campeonato. Mas espere aí, com quatro jogos na quarta-feira, e o gasto de energia que isso determina, como é que eu posso garantir o seu papel para quinta-feira? Quer saber de uma coisa? Seja razoável, meu amigo, procure colaborar, procure ser bom brasileiro, volte em agosto, na segunda quinzena de agosto é melhor, depois de comemorarmos a conquista do Tri.

— E… se não conquistarmos?

— Não diga uma besteira dessas! Sai, azar! Vá-se embora, antes que eu perca a cabeça e…

Vozes indignadas:

— Fora! Fora!

O servente sobe na cadeira e comanda o coro:

— Bra-sil! Bra-sil! Bra-sil!

Está salva a honra da torcida, e o importuno retira-se precipitadamente.

13/07/1966

O NOVO HOMEM

O homem será feito
em laboratório.
Será tão perfeito
como no antigório.
Rirá como gente,
beberá cerveja
deliciadamente.
Caçará narceja
e bicho do mato.
Jogará no bicho,
tirará retrato
com o maior capricho.
Usará bermuda
e gola *roulée*.
Queimará arruda
indo ao canjerê,
e do não objeto
fará escultura.
Será neoconcreto
se houver censura.
Ganhará dinheiro
e muitos diplomas,
fino cavalheiro
em noventa idiomas.
Chegará a Marte
em seu cavalinho
de ir a toda parte
mesmo sem caminho.
O homem será feito
em laboratório,

muito mais perfeito
do que no antigório.
Dispensa-se amor,
ternura ou desejo.
Seja como for
(até num bocejo)
salta da retorta
um senhor garoto.
Vai abrindo a porta
com riso maroto:
“Nove meses, eu?
Nem nove minutos.”
Quem já concebeu
melhores produtos?
A dor não preside
sua gestação.
Seu nascer elide
o sonho e a aflição.
Nascerá bonito?
Corpo bem talhado?
Claro: não é mito,
é planificado.
Nele, tudo exato,
medido, bem-posto:
o justo formato,
o *standard* do rosto.
Duzentos modelos,
todos atraentes.
(Escolher, ao vê-los,
nossos descendentes.)
Quer um sábio? Peça.
Ministro? Encomende.
Uma ficha impressa
a todos atende.

Perdão: acabou-se
a época dos pais.
Quem comia doce
já não come mais.
Não chame de filho
este ser diverso
que pisa o ladrilho
de outro universo.
Sua independência
é total: sem marca
de família, vence
a lei do patriarca.
Liberto da herança
de sangue ou de afeto,
desconhece a aliança
de avô com seu neto.
Pai: macromolécula;
mãe: tubo de ensaio,
e, *per omnia secula*,
livre, papagaio,
sem memória e sexo,
feliz, por que não?
pois rompeu o nexo
da velha Criação,
eis que o homem feito
em laboratório
sem qualquer defeito
como no antigório,
acabou com o Homem.
Bem feito.

17/12/1967

O JARDIM EM FRENTE

Os *big-shots* da empresa estavam reunidos em conferência. Assunto importante, desses que exigem atenção, objetividade. O presidente recomendara:

— Não estamos para ninguém. Essa porta fica trancada. Avisem a telefonista que não atenda a nenhum chamado. Nem do papa.

Começou-se por dividir o assunto em partes, como quem divide um leitão. Cada parte era examinada pelo direito e pelo avesso, avaliada, esquadrinhada, radiografada. Cartesianamente.

— Você aí, quer fazer o favor de parar com essa caricatura?

O presidente não admitia alienação. Por sua vez, foi advertido pelo vice:

— E você, meu caro, podia deixar de bater com esse lápis, toc, toc, toc, na mesa?

Estavam tensos, à véspera de uma decisão que envolvia grandes interesses. Alguém bateu à porta.

— Não respeitam! Não respeitam o trabalho da gente! Isso não é país!

Seja ou não seja país, quando batem à porta a solução é abrir, para evitar novas batidas, ou, mesmo, que a porta venha abaixo. Pois ninguém deixa de bater, se sabe que tem gente do outro lado.

O diretor-secretário abriu, de óculos fuzilantes. O chefe da portaria, cheio de dedos, balbuciou:

— Essa senhora… essa senhora aí. Veio pedir uma coisa.

O primeiro impulso do diretor-secretário foi demitir imediatamente o chefe da portaria, servidor antigo, conceituadíssimo, mas viu ao mesmo tempo diante de si a imagem consternada do homem, e a lei trabalhista: duas razões de clemência. Pensou ainda em mandar a senhora àquele lugar de Roberto Carlos ou a outro pior. Dominou-se: ela ostentava no rosto aquela marca de tristeza que amolece até diretoria.

— A senhora me desculpe, mas estou tão ocupado.

— Eu sei, eu é que peço desculpas. Estou perturbando, mas não tinha outro jeito. Moro do outro lado da rua, no edifício em frente. Meu

canário…

— Fugiu e entrou aqui no escritório? Eu mando pegar. Fique tranquila.

— Antes tivesse fugido. Morreu.

— E daí?

— Viveu quinze anos conosco. Era uma graça… Pousava no dedo…

— E daí, minha senhora?

— O senhor vai estranhar meu pedido… Eu estava sem coragem de vir aqui. Por favor, não ria de mim.

— Não estou rindo. Pode falar.

— Os senhores têm um jardim tão lindo na cobertura. Da minha janela, fico apreciando. Então agora está uma coisa. Posso fazer um pedido?

— Pode.

— Eu queria enterrar o meu canário no seu jardim. Lá é que é lugar bom para ele descansar. O senhor vê, nós temos aquele terrenão ao lado do edifício, com três palmeiras, um pé de fruta-pão, mas é grande demais para um passarinho, falta intimidade. Se o senhor consente, eu mesma abro a covinha. Não dou o menor trabalho, não sujo nada.

O diretor-secretário esqueceu que tinha pressa, que havia um problema sério a discutir. Que problema? Naquele momento, o importante, o real era um canarinho morto, e amado.

— Pois não, minha senhora, disponha do jardim. Eu mesmo vou levar a senhora lá em cima, para escolher o lugar.

Subiram, escolheram o canteiro mais apropriado, onde bate sol pela manhã, e à tarde as plantas balançam levemente, à brisa do mar.

— Não é abuso eu fazer mais um pedido? Queria que o jardineiro não revolvesse a terra neste ponto, durante três meses. O tempo de os ossinhos dele se desfazerem… Volto daqui a meia hora, para o enterro.

Meia hora depois, voltava com uma caixinha forrada de veludo azul-claro, e a reunião dos *big-shots*, que ainda durava, foi suspensa para que todos, com o presidente muito compenetrado, assistissem ao sepultamento.

06/10/1967

NÓS, ANTIGUIDADES

Passando por aquela rua de Botafogo, tive a surpresa de encontrar uma loja de antiguidades bem no lugar devido: em casa velha, de paredes azuis descascadas, pouca luz e esse cheiro de coisas prescritas que é, ao mesmo tempo, melancolia e serenidade. "Gosto disso, e, se não posso comprar as antiguidades, pelo menos aspiro tal cheiro", pensei. Tendo assim pensado, entrei no estabelecimento com ar de quem queria adquirir um bule de prata do tempo da rainha Vitória, pois para rainhas mais barrocas me falta gabarito.

O rapaz cabeludo que lá estava recebeu-me com o ligeiro enfado próprio do comerciante amigo de suas mercadorias, que delas só se desfaz depois de lhe passarem sobre o cadáver. "Vender? Nunca", parecia dizer-me o rosto de pau; "pode ver, contanto que não veja demais, que não macule com a vista minhas preciosidades. Quanto a comprar uma simples xícara… nem pense nisso."

Minimizado pelo seu frio olhar, senti-me ainda mais insignificante em face do enorme Cristo em ascensão, procedente de não sei qual mosteiro do Norte. Procedência afiançada pelo cartão. "Pobres monges", suspirei, no íntimo; "devem estar muito ruins de finanças para se desfazerem da imagem do seu Salvador, obra talvez do famoso Frei Domingos da Conceição, um desses religiosos que sabiam rezar de dois modos: pela oração e pela arte. Ou a tiraram de lá, sem que percebessem, apesar de tão volumosa?"

Fiquei imaginando que todos aqueles santos e santas imersos em penumbra significariam outros tantos sacrifícios de igrejas impecuniosas ou distraídas, e decidi recrear o espírito nas cadeiras. Cadeiras, sofás e camas são sempre coisas boas de ver; convidam o corpo a relaxar, e a alma segue o exemplo do corpo. Havia-as de d. José, d. João V, d. Maria I; uma holandesa, de barbeiro, até uma chinesa. Evidentemente, não eram para meu bico, mas usei-as todas em pensamento, burlando a vigilância do rapaz.

Daí passei a porcelanas, luminárias, bandejas, pistolas, paliteiros, castiçais. Circulava menos entre objetos do que nas épocas que representavam, com pés no século XIX e esticadas ao XVIII e ao XVII, se não mentia o catálogo. E eis que, entre um arcaz de sacristia, de 1700, e um busto-relicário de 1640, deparo com a "Louvação do Rio de Janeiro", poema em manuscrito de Manuel Bandeira, emoldurado. Olhei espantado para o moço proprietário da loja, e ia protestar contra a inclusão do mais jovem dos nossos pré-octogenários no rol de antiguidades (ele é de viajar em pé, no coletivo, e de tomar batida de limão antes do almoço, na cantina da editora José Olympio), mas o moço nem se dignou de reparar em mim; ocultava-se atrás da cabeleira desdenhosa e loura.

Mais adiante, junto a palmas de ouro da Bahia, do século XVIII, outro manuscrito emoldurado: "Tempo e eternidade", de Paulo Mendes Campos. O Paulinho, o ainda broto Paulinho, antiguidade! Essa, não. Mal voltara a mim do choque, eis que, ao lado de um genuflexório maranhense de trezentos anos, vejo claramente visto um manuscrito deste próprio Drummond que vos fala, o "Canto do Rio em sol". Já nem posso dizer se o vejo a ele, ou se é ele que me vê a mim, pisca o olho de papel, e me reconhece com Antiguidade, irmã daquelas veneráveis cadeiras e pias imagens!

Quem nos levara até ali, depois de nos emoldurar em jacarandá-da-baía, nos fichar, nos catalogar como antiqualhas? Com que intenção — primeira ou segunda? O antigo é nobre em si, pela resistência ao tempo, e por esse lado não cabia protesto; caberia talvez agradecimento. Invadiu-me a sensação histórica, para não dizer arqueológica. À luz débil de uma candeia de Vila Rica, examinei os três manuscritos, a ver se eram autênticos. Pelo amarelo e pela textura do pergaminho, e pelo floreio das letras, datavam do século XVII. Apurei o exame: da segunda metade, coisa aí de 1680 ou 90, quando Bandeira, Paulo e eu estávamos na flor de nossas caligrafias.

Não havia dúvida. Éramos *antiques* respeitáveis e patinados, entre respeitáveis e patinados *antiques*, no sobrado caduco de Botafogo. Estava cada vez mais escuro, e eu sentia a presença fantasmal dos colegas, os três reduzidos a manuscrito, incorporados ao acervo sagrado da loja… O moço

de cabeleira deu ordem para fechar as portas, não sem antes dedicar-nos um olhar, desta vez benévolo, de proprietário amigo de suas coisas. O silêncio e o sono baixaram pausadamente sobre nós. Fiquei por lá, e foi a noite.

10/04/1965

PERIGOS E SONHOS

ESTE NATAL

— Este Natal anda muito perigoso — concluiu João Brandão, ao ver dois PMs travarem pelos braços o robusto Papai Noel, que tentava fugir, e o conduzirem a trancos e barrancos para o distrito. Se até Papai Noel é considerado fora da lei, que não acontecerá com a gente?

Logo lhe explicaram que aquele era um falso velhinho, conspurcador das vestes amáveis. Em vez de dar presentes, tomava-os das lojas onde a multidão se comprime, e os vendedores, afobados com a clientela, não podem prestar atenção a tais manobras. Fora apanhado em flagrante, ao furtar um radiotransistor, e teria de despir a fantasia.

— De qualquer maneira, este Natal é fogo — voltou a ponderar Brandão, pois se os ladrões se disfarçam em Papai Noel, que garantia tem a gente diante de um bispo, de um almirante, de um astronauta? Pode ser de verdade, pode ser de mentira; acabou-se a confiança no próximo.

De resto, é isso mesmo que o jornal recomenda: "Nesta época do Natal, o melhor é desconfiar sempre". Talvez do próprio Menino Jesus, que, na sua inocência cerâmica, se for de tamanho natural, poderá esconder não sei que mecanismo pérfido, pronto a subtrair tua carteira ou teu anel, na hora em que te curvares sobre o presépio para beijar o divino infante.

O gerente de uma loja de brinquedos queixou-se a João que o movimento está fraco, menos por falta de dinheiro que por medo de punguistas e vigaristas. Alertados pela imprensa, os cautelosos preferem não se arriscar a duas eventualidades: serem furtados ou serem suspeitados como afanadores, pois o vendedor precisa desconfiar do comprador: se ele, por exemplo, já traz um pacote, toda cautela é pouca. Vai ver, o pacote tem fundo falso, e destina-se a recolher objetos ao alcance da mão rápida.

O punguista é a delicadeza em pessoa, adverte-nos a polícia. Assim, temos de desconfiar de todo desconhecido que se mostre cortês; se ele levar a requintes sua gentileza, o remédio é chamar o Cosme e depois

verificar, na delegacia, se se trata de embaixador aposentado, da era de Ataulfo de Paiva e d. Laurinda Santos Lobo, ou de reles lalau.

Triste é desconfiar da saborosa moça que deseja experimentar um vestido, experimenta, e sai com ele sem pagar, deixando o antigo, ou nem esse. Acontece — informa um detetive, que nos inocula a suspeita prévia em desfavor de todas as moças agradáveis do Rio de Janeiro. Ô Natal de pé atrás, que nos ensinas o desamor.

E mais. Não aceite o oferecimento do sujeito sentado no ônibus, que pretende guardar sobre os joelhos o seu embrulho. Quem use botas, seja ou não Papai Noel, olho nele: é esconderijo de objetos surrupiados. Sua carteira, meu caro senhor, deve ser presa a um alfinete de fralda, no bolso mais íntimo do paletó; e se, ainda assim, sentir-se ameaçado pelo vizinho de olhar suspeito, cerre o bolso com fita durex e passe uma tela de arame fino e eletrificado em redor do peito. Enterrar o dinheiro no fundo do quintal não adianta, primeiro porque não há quintal, e, se houvesse, dos terraços dos edifícios em redor, munidos de binóculos, ladrões implacáveis sorririam da pobre astúcia.

Eis os conselhos que nos dão pelo Natal, para que o atravessemos a salvo. Francamente, o melhor seria suprimir o Natal e, com ele, os especialistas em furto natalino. Ou — ideia de João Brandão, o sempre inventivo — comemorá-lo em épocas incertas, sem aviso prévio, no maior silêncio, em grupos pequenos de parentes, amigos e amores, unidos na paz e na confiança de Deus.

14/12/1966

PARA CADA UM

Aquele foi um Natal-Ano-Novo espetacular. Todos recebiam e davam presentes úteis, inúteis, mistos, indefinidos, outros. O repórter saiu indagando o que havia sido ganho por quem, e para quê. E colheu, entre muitas, estas respostas:

Que foi que ganhou a formiguinha?

Um calendário. Guardou as folhas para roê-las durante o inverno.

A roseira?

Um guarda-chuva. Teve de furá-lo com um espinho, para receber o raio de sol que ela tanto ama.

O professor de física nuclear?

O beijo da aluna, que ele estampou no lenço e depositou na caixa de charutos vazia.

O pequenino *yorkshire-setter* de Mitzi?

O corte de pelo em forma de árvore de natal, que quase o enlouquece, quando o garotão do vizinho quis acender velinhas em cima dele.

O garrafeiro da rua Capitão Salomão?

O *jingle* de Vivaldi gravado por Jair Rodrigues, bossa para atrair garrafas de cristal e garotas jambetes.

O pintor de vanguarda?

A caixa de chocolates de que saía uma lagartixa vermelha em ritmo de iê-iê-iê, badalando esta inscrição na cauda: "44 3 22 HP — Olhai os lírios da Indonésia". Para pôr na parede.

O jardim do Campo de Santana?

O carro do imperador da Golconda Maior, passando todo em ouro e glória pelas alamedas abandonadas, e o imperador mandando parar e descendo para consolar a cutia e o gato sarnento à beira do lago.

O bom carteiro Edoclécio?

Autorização escrita, com firma reconhecida em cartório, dada pelo diretor do DCT, que naquele ano era o Dom Abade de São Bento, para rasgar e jogar fora todas as cartas de cobrança, de rompimento de amor, de notícias tristes em geral, inclusive cartas magnas, que traduzem pensamentos mínimos.

O velho leão do Circo Esmeralda?

Passagem aérea de ida para Quênia, sem obrigação de volta, se lá encontrar amigos de infância, e sentir alegria em permanecer ao lado deles.

Papai Noel?

Lâminas de barbear, camisas esporte, bermudas, licença-prêmio para o resto da vida.

Paulo Autran?

Bate-papo com o velho Willie, noite adentro, na taverna de Stratford-on-Avon, entre goliardos.

A mocinha que estreou com um romance-rio intitulado *A pílula não resolveu o meu problema?*

A poltrona azul na Academia de Letras, para tomar chá em companhia de Austregésilo de Athayde e Marques Rebelo, na qualidade de titular.

O poeta experimental?

Um grilo, capaz de fazer, melhor do que o computador eletrônico, o verso não verso que ele anda procurando.

A sereia do litoral do estado do Rio?

O cantinho da Floresta da Tijuca, para repousar de seu batente marítimo.

O Vietnã?

O feriado de guerra, entre dois bombardeios. Com direito a música.

E tanta coisa mais que não cabe aqui, naquele tempo maravilhoso.

21/12/1966

O NOME

Recebi esta carta:

"Sr. CDA: Neste momento me dirijo a todos os cronistas da Guanabara em defesa de minha reputação, gravemente atingida por um equívoco, e rogo uma providência. V. S.a não ignora que a polícia vem movendo campanha rigorosa contra os galanteadores de asfalto, que molestam senhoras e senhoritas com dichotes inconvenientes, se não atrevidos. No que faz muito bem, diga-se a verdade. O Rio estava se convertendo em curral de engraçadinhos e sátiros em potencial, dispostos a tudo. E o pior é que muitas mulheres, insensatas ou sei lá o quê, ouviam e gostavam, embora não o manifestassem; sei mesmo de casos em que manifestaram, e V. S.a deduz as consequências.

"Tendo expressado solidariedade à iniciativa moralizadora, avalie qual não foi minha dolorosa surpresa diante do que me sucedeu na esquina da rua Santa Clara com avenida Copacabana. Estava eu, posto em sossego, olhando roupas de homem numa vitrina (dou minha palavra de honra que só isso), quando um amigo, do outro lado da rua, me viu e chamou: 'Paquera! Ô Paquera!'. Chamou em voz bem alta, porque esse amigo tem mania de gritar. Voltei-me para atendê-lo, quando dois punhos de ferro caíram sobre minhas espáduas e uma voz áspera exclamou: 'Está preso'. Só não caí duro porque o próprio policial que assim dissera me abotoou e me manteve subjugado. Enquanto isso, juntava gente, todos olhavam e riam, um vexame. 'Preso por quê?!' — perguntava eu, e o guarda respondia: 'Não tem vergonha nessa cara? Vamos já para o distrito'. Tentei reagir, outro policial acudiu, e lá fui eu, aos trancos, protestando, crivado de epítetos nada lisonjeiros. No distrito, apresentaram-me ao comissário: 'Este cara estava paquerando tanto que até o povo reclamou'.

"Só então compreendi. Quis explicar ao comissário e ele não deixou. Mandou que me recolhessem até que eu, pensando melhor, desistisse de ser paquera: 'Não posso, doutor. Sou Paquera de nascimento, meu nome é

José Alves Paquera, seu criado'. 'O quê?! Ainda se faz de gaiato.' Fui empurrado e metido no xadrez. Ora, a verdade é que eu me chamo assim. Paquera é minha família paterna; por sinal que meu pai, que Deus tenha, era tratado de Paquerinha pelos íntimos. V. S.a nunca ouviu falar nos Paqueras de São José do Calçado? Família de povoadores da região, muito conceituada. O velho montou lá uma fábrica de graxa, não deu certo, e nos mudamos para o Rio, onde venho mantendo limpo o nome Paquera, como corretor de imóveis. Foi aliás o que me recomendou meu pai, ao exalar o último suspiro: 'Meu filho, seja sempre um verdadeiro Paquera'. É o que tenho procurado ser. E me acontece uma dessas?

"Passei vinte e quatro horas no distrito, fui identificado criminalmente e solto depois de ouvir a recomendação pouco amável do comissário: 'Da próxima vez que você aparecer, se machuca. Dá o fora, que não quero nunca mais ouvir esse nome'. O meu nome, prezado cronista! Meu honrado nome de família, vilipendiado dessa maneira!

"Por tudo que lhe contei, venho pedir a V. S.a e seus colegas que não usem mais o termo Paquera para designar os execráveis galanteadores de rua. Chamem esse pessoal de chichisbéus, que é o nome próprio (graças a Deus fiz um bom curso de português), de peralvilhos, de peraltas, namorisqueiros, petimetres (vá lá o galicismo), cretinos, seja lá o que for; inventem um qualificativo, se estes não prestarem, mas Paquera não; Paquera é patrimônio de família, é meu sangue, minha dignidade. Os cronistas têm muita força, eu confio no poder da crônica para reparar a injustiça.

"Eternamente grato, de V. S.a, *José Alves Paquera*. Rua dos Oitis, no 912."

PS — "Esqueci-me de contar que o tal meu amigo, responsável por tudo, ao ver a confusão, sumiu. O que é a fraqueza humana! *J.A.P.*"

10/09/1967

INATIVOS

Ultimamente venho observando os inativos. Na rua ou em sociedade, procuro distingui-los do comum das pessoas. Aparentemente, não há diferença alguma. Têm exatamente o mesmo número de braços, pernas, dedos etc. que os ativos. Até agora não encontrei exemplar algum com dois pescoços ou três fileiras de dentes, o que, dado o tempo transcorrido na pesquisa (seis meses), me leva a afirmar, com certa convicção, que tal variedade não existe. Pode ser que na Amazônia, região escassamente estudada… Aqui no Sul, não vi ainda o menor traço, indício ou suspeita de um inativo monstruoso, de um inativo piramidal, incatalogável.

De modo geral, os inativos são magros, alguns magérrimos, o que não significa que não os haja gordos. São altos, baixos ou meiões. Muitos têm cabelos brancos, um número ainda maior só dispõe de escassa cobertura capilar, ou nenhuma. A dentadura deles não examinei, para não molestá-los. O andar é mais ou menos pausado, pesado, às vezes arrastado. Não me parecem interessados em disputar gincana ou *catch*. Veem futebol pela televisão; uns tantos se animam a frequentar o Maracanã, torcendo por seus clubes. Sei de dois que morreram de pênalti (cobrado contra o quadro de sua paixão). Mas o inativo-padrão gosta é de praia e de bar, cineminha, roda de pôquer, essas coisas. Gosta também — muito — de mulher, de conversar com mulher, de passear com mulher. Quem não gosta?

Em suma, os inativos são exatamente iguais aos ativos, só que com vinte, trinta anos de distância. Essa distância (para mais) eles exibem nos olhos, na pele, no andar. Mas sei também de muito ativo que mais parece inativo por essas particularidades físicas, chegando a cair pelas tabelas.

O que notei de peculiar, de específico nos inativos é uma forma de tristeza, tecida de frustração e mau humor. Por esse tipo de tristeza, estampada na fisionomia, me foi dado identificar à primeira vista qualquer inativo. Podemos chamá-la tristeza dos três por cento. O inativo é três por cento menos gente do que o ativo, e isto só foi descoberto pelo governo

federal, que nem sempre descobre coisas, mas lá de longe em longe dá uma dentro.

Ao mandar para o Congresso a proposta de aumento de vencimentos dos servidores, o governo estabeleceu vinte por cento para os funcionários em exercício (ativos) e dezessete por cento para os demais (inativos). Se o fez, após minucioso exame, é porque chegou à conclusão objetiva de que a vida para o inativo custa menos três por cento do que para o resto da população. O inativo come menos três por cento, veste menos três por cento, vê, ama, sofre menos três por cento do que a humanidade em geral. É o governo que o diz, com sua autoridade, seus órgãos de pesquisa e de análise.

Perdão, o governo voltou atrás, depois que deputados e senadores da Comissão Mista reclamaram paridade no tratamento dos dois grupos humanos, os ativos e os inativos. Inativo ganhará os três por cento, como seu irmão da ativa. Então, errara o ministro Delfim ao concluir que inativo tem necessidades menores, consome menos, vive menos? Estudos técnicos, estatísticas, testes, falharam?

Deve ter desaparecido da face dos inativos a tristeza dos três por cento. Agora (continuarei a observar, adoro pesquisas sociopsicológicas), com certeza ativos e inativos devem espelhar uma só e desapontada tristeza, a dos vinte por cento.

24/11/1967

ENCONTRO

No Alto Paranaíba, um menino é despachado para longe, feito carta aérea. Carta sem indicação de remetente: quem a escreveu não espera, não deseja resposta. O menino, de doze anos, vai viver com o padrinho em Uruana, Goiás. Não terá mais notícias da família, não saberá nunca por que o mandaram embora. Nisto se passaram cinquenta e dois anos.

Esta é uma história para enternecer pessoas em dezembro, por isso o remate aconteceu às vésperas do Natal. A rigor, nem é remate, é começo. O menino acaba de descobrir sua mãe, que supunha morta ou inexistente, figura irreal: ele com sessenta e quatro, ela com oitenta e dois. Ele está nascendo agora para uma relação de amor, pois os doze anos iniciais não contam, conta é o numeroso silêncio, a compacta omissão que durou meio século. E no fim o menino acha seu princípio verdadeiro, "*in my end is my beginning*". Em Uruana e no Alto Paranaíba, *East Coker* não é leitura corrente, o menino é apenas um lavrador que conhece a hora de plantar e colher o milho, o feijão; não cultiva ornamentos poéticos. E desta vez não o mandarão embora, sem explicação. O menino fez sua mãe nascer em Minas Gerais, eis a novidade.

Como faltam elementos para julgar um caso de 1915, não iremos acusar essa senhora humilde por se haver desligado do filho. Do pai também não sabemos. E é melhor assim, que não haja informação de antecedentes. Tudo se passou de maneira a que o encontro entre mãe e filho fosse mais um achado do que um reencontro. Os jornais poderiam ter anunciado em manchete: "Mãe aos 82 anos", ou: "Nasce menino de 64", ou ainda: "Mãe de 82 dá à luz menino de 64".

Como esse homem custou a nascer, como essa mulher custou a ser mãe — dirão as pessoas, ao verem a fotografia do homem, seus filhos e netos, ao lado da mãe-bisavó. Os dois terão muito que aprender, em curto prazo. Engatinhar, firmar os pés no chão, aprender o beijo, todas as carícias, o susto diante do menino doente, técnicas de carinho e cuidado, noites sem sono, presente de aniversário, namorar, trazer a namorada em casa para a

mãe conhecer, e isso e aquilo e tudo mais. Os dois vão juntos à escola de viver. São rigorosamente contemporâneos, colegas do mesmo banco, não sei qual é ele ou ela, dois meninos, dois velhinhos que começam?

Receio que o difícil aprendizado não se execute plenamente, pela fadiga de pesquisar, quando já é hora de ir esquecendo. Os dois estudantes terão paciência, capacidade de gravar ensinamentos e descobertas que forem acumulando? Ou um deles desistirá — qual?

O povo de Uruana lá está feliz com o duplo nascimento, e o povo de Carmo do Paranaíba também há de estar. Não teria graça que esta história acabasse mal, depois de tão comprida germinação. Porque cinquenta e dois anos de silêncio foram necessários para o alumbramento. Mas não façam muita algazarra em torno desses berços. Vamos deixar o velho menino e sua mãe menina crescerem em paz, aprenderem no seu canto o bê-á-bá do amor. Afinal de contas, este é um conto de Natal, acontecido em Minas e Goiás.

26/11/1967

EXERCÍCIO DE/SEM (?) ESTILO

Antiguanamente ar-bustos-alamondas, asas-astragais-altur(v)as alvinitentes auroras, aiai…

Bateram bum! no bombo da banda, bisões botos biguás bimbalhando, but basta de briga!

Caramelava. Cristalinos crótalos, Carmelo Claro, Clorinda carioquizando clinândrios no corcel cerúleo: cores.

Duvitativa dativa demoníaca delixiosamente daltônica Dinamene, deixa de dengues, dá-te!

Eu: Eurípides, Endimião, Eupalinos? Evtuchenko, Eckermann? Eurico-o-Enjeitado? Eratóstenes? Eluard? Empédocles? Emir Eleazar Elixir?

Fashionable: Fanfan-la-Tulipe na fossa, fumigação em falanstério, flit, flux, flato, fúria, fono-fano-fenolmicentina, favônio flébil… fiau!

Gugu geme na gaita, gargarina, grume, glostoriza o glabro guarabira, grou grandíloquo, gusa na gusla, gurunga.

Hércules, hidra no hidrante, hidrófugo, híbrido himeneu da Hileia homérida, homus homídio humúnculo, hippie, Ho-67.

Ilha. Idílio. Ilícito. Impérvio. Ilumino-me d'imenso.

Jazz? Jamais. Jesus? Jusante. Jazidas de giz, jês jazendo no jundu, juremeiros no jongo, jongleur!

Kant ou Kafka? King ou Kong? Kitch em kodackrome, kremlin e kirie. Kiss kirsch Karma.

Lalá lê o Levítico. Lulu lava o ladrilho. Loló lima o luar.

Memória, mentes, morres? Matéria, mofas? Mafamede, maças? Mini-milhafre, moteto manco, mãe-drágora, murídeo mu…

Nasal, nuciforme, noturnino, neurótico, napoleônico, nítido: NÃO.

Odaliuísque. Opositóflor, oh! opopônax. Op. Oba, oba.

Primadona palrando peristultices. Paz! Peace and pub! Plantarás pêssegos, poluirás palavras penserosas, pálida-polidamente.

Querubim e quebranto, querena & querela, quilombola ou quiriri. Quem? Quê? Quanto? Quando?

Ram’osa redonda rútila: rosa. Rosa-rainha, rosa-raíza, rosa-renda, rosa-ão, rosa-guima, ra e rós: ri.

Sabiá sabia, sábio. Sabissabiando. Sítios silêncios segredos: sonhos. Saci santo? Santana salve? Ser, sendo; serão só tu(rno).

Tinha taturana, tinha. Tinha toutinegra? Tinha. Tremores tinha. Turtuveios, tundras, tutti. Transvazava tristezas, trasgo e transflor…

Ui! Upa! Uai! Uh! Universo unipétalo, úbiquo, umbroso.

Vai, volta. Vem. Voa. Vagueia. Vigia. Variz. Vocaliza. Vende. Vive.

Walk-over whig! Words, words, words, whiskey and whit.

Xilomante, xingaraviz, xinga xerife no xiroco.

Yankee-dodle-dandy-at-viets.

Zarapelho zambro zás! ziptzuque no ziquizira, zum!

11/02/1968

UNIÃO NACIONAL EM TRÊS DIAS

Quem falou em guerra?
Chegam todos unidos:
Unidos de São Carlos
Unidos de Vaz Lobo
Unidos de Vila Isabel
Unidos de Nilópolis
do Cunha
de Manguinhos e de Padre Miguel
de Lucas, de Jardim
da Tijuca, da Ponte
do Morro do Pinto
Unidos do Tuiuti
da Vila São Luís
da Vila Santa Teresa
Unidos do Cabuçu Bangu Zumbi
Unidos (ecumenicamente) do Éden.
Restam, é certo, os Independentes do Leblon
(que antes eram Inocentes)
os de Mesquita
os Decididos de Quintino.
Uni-vos, caríssimos, e unidos todos
aos Acadêmicos do Salgueiro
do Engenho da Rainha
da Academia Brasileira de Letras
e de Santa Cruz
acolitados pelos Aprendizes da Gávea
pelos da Boca do Mato
pelos Índios do Leme,
de mãos dadas aos Cartolinhas de Caxias
aos Azulões da Torre

aos Caprichosos de Pilares
diremos aos irmãos do Império Serrano
do Império do Marangá
do Império de Campo Grande
aos de Lins Imperial
aos da Imperatriz Leopoldina:
Diletos,
chegou a hora da União Nacional.
Com todo o frevo, com todo o frevor
com todo o samba
que é uma tristeza aberta em alegria
à porta de Portela, à sombra de Mangueira
no pulo-bolo-pulo dos clubes
no tablado da Rua Miguel Lemos
de nosso mal viver faça-se um sonho
em *kodak-chrome*
coruscante de *strass* e tão tamborinado
que na pele tensa percutida
a alma ressoa, o som é dor sem amargor.
De flor no cabelo
de flor na cara
de cara de pau
de pau de arara
de arara real
no Municipal
de umbigo de fora
de fora da terra
me dê, me dê a mão
vamos pro meio do salão
com Dona Beja feiticeira do Araxá
e o Crioulo Doido decifrando
sublimes pergaminhos, oba oba.
Fuga? Integração?
Um sair de si mesmo em travesti

um encontrar-se, um dar-se, um desventrar-se
no grande aboio das manadas rítmicas
desfilando entre turistas de aço
até raiar o dia e a fantasia
desfolhar-se?
Unidos desunidos confundidos
diluídos
possuídos
do diabo dançarol e cantarinho
endemoninhados da Pavuna
festivos de Ipanema
repetentes do Fundão
abandonados de Deodoro
mutilados de Del Castilho
corruptos da Lapa Velha
humilhados de Ricardo de Albuquerque
párias do Nordeste em fogo e chuva
afogados do Amazonas párias
de toda parte vinde
vinde todos, vinde todos, vinde todos,
aqui e agora
re-unidos
num projeto de vida à flor da vida.

25/02/1968

A LIXEIRA

Um dia, quando lhe perguntarem onde é que nasceu, a moça poderá responder, sorrindo: "Na lixeira". Pois realmente foi ali que a jogaram, entre cascas de banana e borra de café, para que não vivesse; e foi dali que a retiraram, viva, para que desse testemunho: Até numa lixeira a vida pode começar.

O suposto nascimento anterior, num quarto, não vale para essa menina da rua Pedro Américo; ele se consumou na clandestinidade, a contragosto da mãe, talvez sem que o pai tivesse notícia, e mesmo sem que a mãe tivesse notícia do pai. Não era desejado, não veio precedido de amor, mas de vergonha, medo, angústia, recriminação. Quem nasce sob tais condições negativas é como se não nascesse, e a lixeira foi o instrumento providencial que ocorreu à mãe dessa menina errada, para anular, em escala individual, o efeito da explosão demográfica. Enquanto não se decide a construção de crematórios para os que acabam regularmente, aí está, para os que começam irregularmente, o incinerador do lixo doméstico. Nem seria preciso queimar a menina, com os demais detritos da casa. A morte viria logo — necessária, oportuna, benfazeja.

Mas, naquele dia, a lixeira reagiu de forma imprevista, abstendo-se de cumprir a missão que já tantas mães solteiras, desesperadas ou não, lhe confiaram. Ficou surda aos argumentos sociais, morais e econômicos que demonstram a inconveniência de salvar-se uma vida de origem equívoca e de custeio incerto. Guardou a menina como lixeira pode guardar, sem qualquer cuidado higiênico ou resquício de conforto, mas guardou-a. Não lhe abafou o chorinho com o desmoronamento de um pacote de restos de cozinha, ou a queda de uma lata vazia de pessegada sobre a cabeça. Na verdade, estimulou-a a chorar e bradar, dando-lhe ar pútrido e temperatura de fornalha, para que melhor protestasse e atraísse, pelo sofrimento revoltado, a atenção do faxineiro.

E chegou o faxineiro e tirou daquelas entranhas estranhas a recém-nascida, como o obstetra faz o parto. Estava nascendo, na porcaria, uma

criança; e outro menino não nasceu, faz muito tempo, num cocho de comida de animais, no estábulo, entre o farelo e o milho? A lixeira pode fazer as vezes de maternidade, berçário moderno para a vida que quer manifestar-se de qualquer modo e não encontra outra saída. O obscuro humanitarismo, a piedade e a simpatia dessa lixeira não salvaram, *criaram* a vida. Foi lá que a criança verdadeiramente nasceu, quando os seres humanos, a ordem econômica e os últimos preconceitos lhe negaram ou lhe impediram a existência.

A menina, mais tarde, poderá dizer com alegria reconhecida: "Devo a vida a uma lixeira, foi nela que vim ao mundo". E nós também devemos alguma coisa a essa lixeira: a lição de respeito à vida.

19/11/1965

O DONO

O dono do pequeno restaurante é amável, sem derrame, e a fregueses mais antigos costuma oferecer, antes do *menu*, o jornal do dia "facilitado", isto é, com traços vermelhos cercando as notícias importantes. Vez por outra, indaga se a comida está boa, oferece cigarrinho, queixa-se do resfriado crônico e pergunta pelo nosso, se o temos; se não temos, por aquele regime começado em janeiro, e de que desistimos. Também pelos filmes de espionagem, que mexem com ele na alma.

Espetar a despesa não tem problema, em dia de barra pesada. Chega a descontar o cheque a ser recebido no mês que vem ("Falta só uma semana, seu Adelino").

Além dessas delícias raras, seu Adelino faculta ao cliente dar palpites ao cozinheiro e beneficiar-se com o filé mais fresquinho, o palmito de primeira, a batata feita na hora, especialmente para os eleitos. Enfim, autêntico papo-firme.

Uma noite dessas, o movimento era pequeno, seu Adelino veio sentar-se ao lado da antiga freguesa. Era hora do jantar dele, também. O garçom estendeu-lhe o *menu* e esperou. Seu Adelino, calado, olhava para a lista inexpressiva dos pratos do dia. A inspiração não vinha. O garçom já tinha ido e voltado duas vezes, e nada. A freguesa resolveu colaborar:

— Que tal um fígado acebolado?

— Acabou, madame — atalhou o garçom.

— Deixe ver… Assada com coradas, está bem?

— Não, não tenho vontade disso — e seu Adelino sacudiu a cabeça.

— Bem, estou vendo aqui umas costeletas de porco com feijão-branco, farofa e arroz…

— Não é mau, mas acontece que ainda ontem comi uma carnezita de porco, e há dois dias que me servem feijão ao almoço — ponderou.

A freguesa de boa vontade virou-se para o garçom:

— Aqui no *menu* não tem, mas quem sabe se há um bacalhau a qualquer coisa? — pois seu Adelino (refletiu ela) é português, e como todo lusíada

que se preza, há de achar isso a pedida.

Da cozinha veio a informação:

— Tem bacalhau à Gomes de Sá. Quer?

— É, pode ser isso — concordou seu Adelino, sem entusiasmo.

Ao cabo de dez minutos, veio o garçom brandindo o Gomes de Sá. A freguesa olhou o prato, invejando-o, e, para estimular o apetite de seu Adelino:

— Está uma beleza!

— Não acho muito não — retorquiu, inapetente.

O prato foi servido, o azeite adicionado, e seu Adelino traçou o bacalhau, depois de lhe ser desejado bom apetite. Em silêncio.

Vendo que ele não se manifestava, sua leal conviva interpelou-o:

— Como é, está bom?

Com um risinho meio de banda, fez a crítica:

— Bom nada, madame. Isso não é bacalhau à Gomes de Sá nem aqui nem em Macau. É bacalhau com batatas. E vou lhe dizer: está mais para sem gosto do que com ele. A batata me sabe a insossa, e o bacalhau salgado em demasia, ai!

A cliente se lembrou, com saudade vera, daquele maravilhoso Gomes de Sá que se come em casa de d. Concessa. E foi detalhando:

— Lá em casa é que se prepara um legal, sabe? Muito tomate, pimentão, azeite de verdade, para fazer um molho pra lá de bom, e ainda acrescentam um ovo…

Seu Adelino emergiu da apatia, comoveu-se, os olhos brilhando, desta vez em sorriso aberto:

— Isso mesmo! Ovo cozido e ralado, azeitonas portuguesas, daquelas… Um santo, santíssimo prato!

Mas, encarando o concreto:

— Essa gente aqui não tem a ciência, não tem a ciência!

— Espera aí, seu Adelino, vamos ver no jornal se tem um bom filme de espionagem para o senhor se consolar.

Não tinha, infelizmente.

03/09/1967

ENTRE A ORQUÍDEA E O PRESÉPIO

A moça ficou noiva do primo — foi há tanto tempo. Casamento, depois de festa de igreja, era a maior festa, na cidade casmurra, de ferro e tédio. O noivo seguia para a casa da noiva, à frente de um cortejo. Cavalheiros e damas aos pares, de braço dado, em fila, subindo e descendo, descendo e subindo ruas ladeirentas. Meninos na retaguarda, é claro, naquele tempo criança não tinha vez. Solenidade de procissão, sem padre e cantoria. Janelas ficavam mais abertas para espiar. Só uma casa se mantinha rigorosamente alheia, como vazia. É que morava lá a antiga namorada do noivo — o gênio dos dois não combinava, tinham chegado a compromisso, logo desfeito. Murmurava-se que, à passagem do cortejo em frente àquela casa, o noivo seria agravado. Não houve nada: silêncio, portas e janelas cerradas, apenas. E o cortejo seguia brilhante, levando o noivo filho de "coronel" fazendeiro, gente de muita circunstância, rumo à casa do doutor juiz, gente de igual altura. A casa era "o sobrado", assim a chamavam por sua imponência de massa e requinte: escadaria de pedra, em dois lanços, amplo frontispício abrindo em sacadas, sob a cimalha a estatueta de louça da China — espetáculo.

E houve o casamento e houve o baile e houve o jantar comemorativo do dia seguinte e houve outro baile, com a quadrilha fazendo ressoar no soalho de tábuas inteiriças a música dos tacões dos homens, dos saltos das mulheres. A noiva era uma risonha morena saudável, o noivo um passional tímido, amavam-se. E lá se foram para a fazenda longe, fim do mundo ou quase, onde as notícias demoravam uma, duas semanas para chegar. Que dia sai o cargueiro? Que dia ele volta? Voltava com revistas, cartas, moldes de roupa, açúcar, fósforos, ar da cidade, vento do mundo. Começaram a nascer as meninas. Dava muita menina naquele casal. Como educá-las? A dona de casa virou professora, virou uma escola inteira, se preciso virava universidade. Era uma delicadeza, um ensinar de maneiras e finezas, que não esmaecia nunca, na solidão do mato e dos bois e dos cavalos. A casa virou jardim, alastrado de trepadeiras e gerânios, arte mais

fina era a coleção de potes de flor-de-seda, na varanda; capítulo especial, as orquídeas. Também o presépio.

O presépio ocupava um cômodo inteiro. Tinha muito de botânica, nos musgos, nos liquens, nas folhagens não perecíveis, alastrando-se pelas encostas de uma paisagem onde a escultura popular ganhava sua grande oportunidade, com a zoologia ostentando espécimes caprichados. Em conjunto, o presépio era outro jardim, interpretação talvez do paraíso, com a glória humilde do Menino erigida em centro da natureza.

Quando o pessoal se mudou para a cidade, boa parte da vida tinha escorrido na dificuldade e na pobreza, pois antigos prestígios de família já não somavam perante a realidade econômica. A moça, porém, era a mesma: grande senhora afável, na paciência, na doçura, no fervor em Cristo, no dom de dedicar-se: qualidades que não saem no jornal, não são notícia para definir, particularizar a existência, porém marcam a imagem nos que estão perto. Como sabia desdobrar-se em desvelo e compreensão diante das longas enfermidades, tudo sacrificando à obrigação, livremente assumida, de cuidar de uma velha senhora! Aceitava o encargo penoso, com a distinção e cortesia de sempre. Outros podiam queixar-se, reclamar. Não sabia a linguagem da irritação.

O marido morreu. Ela continuou ainda por dezesseis anos, sempre dama admirável, que só conheceu os salões na juventude, mas conservando a polidez e finura de quem sempre os frequentasse, e da sorte só recebesse fartos presentes. Morreu agora, sem biografia pública — mas não sei de vida mais bela, em sua discrição de mãe de família — antiga noiva que se casara há tanto tempo, foi uma festa…

03/05/1968

MEMORIAL DAS ÁGUAS

DOIS NO CORCOVADO

O sol apareceu, como no primeiro dia da Criação. E tudo tinha mesmo ar de primeiro dia da Criação, com o mundo a emergir, hesitante, do caos. Três dias e três noites a tempestade esmigalhara árvores, pedras, casas, caminhos, postes, viadutos, veículos, matara, ferira, enlouquecera. Vistas do alto, as partes esplêndidas da cidade continuavam esplêndidas, mas entre elas as marcas de destruição exibiam-se como chagas de gigante. Os homens entreolharam-se. Estavam salvos. Salvos e ilhados no alto do Corcovado.

A estrada tinha acabado, o telefone tinha acabado, a energia tinha acabado, e, por azar, não havia rádio de pilha para pegar notícias. Decerto, lá embaixo providenciavam a recuperação das estradas, mas quando se lembrariam deles, pequena fração humana junto da estátua? Daí, lá tem bar, um bar dispõe de lataria e garrafas para um ano. Não, um ano é demais, até uma hora é demais para eles que passaram meia semana isolados e fustigados pelo aguaceiro entre céu e terra.

Os mais moços não quiseram esperar, foram abrir caminho a golpes de imprudência. Mocidade pode mais o impossível do que o possível — e descer naquelas condições era mesmo coisa de doido. Com certeza chegaram a salvamento, como acontece aos doidos. Os que ficaram sentiram inveja e despeito. A turma de trabalhadores não vinha remover as barreiras caídas. O dia passou. A noite foi inquieta. Parentes lá embaixo esperavam aflitos, se é que não tinham morrido.

A mais bela paisagem do mundo — dizem os cartazes de turismo; eles também achavam que sim, mas como suportá-la na manhã seguinte, se a vista aumentava a angústia, pela impossibilidade de alcançar aqueles sítios, pura miragem?

— Evém um helicóptero! — gritou alguém, e veio mesmo, mas passou sem pousar; ia revezar a turma da torre da radiopatrulha, mais adiante. O

pessoal do Cristo que se pegasse com o Cristo, a cuja sombra trabalha — pensariam talvez as pessoas que, embaixo, cuidavam de tudo.

Dos dez que ganham a vida na montanha, seis já tinham descido. Os quatro restantes, enervados, não tinham mais de que conversar. O sol brilhando, a cidade se refazendo, eles presos ali, prisão sem grade, à espera de serem lembrados. O pico virou ilha, tudo mais era oceano sem navio.

Dois não aguentaram mais; despediram-se como presidiários antes de tentar fuga. Prometeram levar notícias dos que ficaram: o gerente e o garçom do bar.

Estes, por acaso, moram no mesmo subúrbio: Cachambi. Olham sempre na mesma direção, como se, por absurdo, quisessem distinguir o aceno de mão longínqua. Isto os reúne mais; desfaz um vínculo e cria outro, espontâneo. O gerente não é mais um velho patrão, o outro não é mais empregado. Vivem uma só experiência, fora das leis de trabalho. E se o garçom tentasse descer? Ainda é forte, pode tentar. "Você não tem obrigação de me fazer companhia." Mas ele não tenta, para não abandonar o outro: "Não iria deixar o senhor sozinho". O gerente nunca imaginara ouvir uma coisa dessas. O próprio garçom ficou espantado depois que a disse. Era pra valer. Amanhã ou depois serão recolhidos — sabemos nós, não eles. Tempo não se mede pelo relógio, mas pelo vácuo de comunicação, pela expectativa sem segurança. E nessa situação, insignificante para nós, ilimitada para eles, dois homens descobrem-se um ao outro.

19/01/1966

VOLUNTÁRIO

O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal. Ninguém lhe dá a idade que tem, ao vê-lo caminhar desempenado, botar colchão na cabeça, carregar dois meninos ao mesmo tempo, inclinar-se até o ladrilho, reassumir a postura ereta sem estalo nas juntas. Só que não se apressa, e quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ou a gritar ordens, aconselha por baixo da bigodeira branca:

— Eh lá, não te apures que é lançante.

E se o outro não entende:

— Devagar pelas pedras, amigo!

Está sempre recomendando calma e jeito; bota a mão no ombro do voluntário insofrido, e diz-lhe, olhos nos olhos:

— Não guasqueies sem precisão nem grites sem ocasião, homem!

O outro, surpreso, ia queimar-se, mas o rosto claro e amical do velho o desarma. Ainda assim, pergunta:

— Mas por quê?

— Porque senão, te abombachas no banhado, chê!

Como tem prática de campo e prática de cidade, prática de enchente, de seca, de incêndio, de rodeio, de eleição, de repressão a contrabando e prática de guerra (autobiografia oral), propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados:

— Pois não sabes que tropa grande se corta em mais de um lote pra que vá mais ligeiro?

Ajuda mesmo, em vez de atrapalhar, e procurar impedir que outros atrapalhem, o que às vezes aumenta um pouco a atrapalhação, mas tudo se resolve com bom humor. Vendo o rapazinho imberbe que queria tomar a si o caso de uma família inteira, que perdera tudo, afasta-o de leve, explicando:

— Isto não é cancha pra cavalo de tiro curto.

Nomeia o rapazinho seu ajudante de ordens, e daí a pouco a família sente que, depois de tudo perder, achara uma coisa nova: proteção e confiança.

Anima a uns e outros, não quer ver ninguém triste demais da conta. Suspende no ar o garotinho que não fala nem chora, porque ficou idiotizado de terror, puxa-lhe o queixo, dá-lhe uma pancadinha no traseiro, e diz-lhe:

— Estás que nem carancho em tronqueira, piazito! Toma lá este regalo.

O regalo é um reloginho de pulso, de carregação, que ele saca do bolso da calça como se fosse mágico — e é capaz de tirar outros, se aparecerem mais garotos infelizes.

Há confusão na calçada, parece que um descuidista arrebatou a bolsa daquela senhora. O velho vai ver o que é, procuram convencê-lo de que não vale a pena se meter:

— Vovô, se cuide!

Mas ele tem resposta na ponta da língua:

— Que está me dizendo? Eu ainda pealo de cucharra um tourito xucro!

Como o ladrão deu no pé, não houve tempo de pealar, pelo que ele volta sentenciando:

— Bem que este merecia um chá de casca de vaca!

Por cima de tudo, é velho galante, embora respeitador. Não deixa passar brotinho no salão da escola, transformada em abrigo, sem lhe dirigir um olhar aprovador, de homenagem. A bandeirante, cantando e ninando o bebê sem mãe, que a enxurrada levara até aquele porto, era tão bonita que ele não se conteve, virou poeta:

— *No mais duro pau de espinho*

Nasce uma rosa fragrante!

As moças já estão com saudade prévia dele: quando a situação se normalizar, e as feridas se curarem, o velhinho volta para o Rio Grande.

16/01/1966

NA TREVA

Ia jantar, a luz apagou, consequência do último temporal. No exato momento. Tenho à frente um lampião belga. Mas é decorativo, serve de abajur à lâmpada elétrica, tornada inútil. Tateando, batendo na quina dos móveis — quina hostil, que revela sua maldade nas trevas — procuro uma vela, uma vela, uma vela. De tantas que comprei para enfrentar a emergência, não restará nenhuma em casa? Há três meses que dura o reino das trevas. Com intermitências. À luz dos intervalos, volto a acreditar na eternidade da luz. E a luz demonstra, mais uma vez, não ser eterna; é uma cardíaca, estoura na rua, em casa, a qualquer momento. No momento em que os cardíacos escolhem para morrer: momento impróprio. A mesa estava florida, os pratos despertavam amável sinestesia de cores e odores. Mas a comida, as flores, a bela toalha desapareceram na massa negra em que também eu e você nos afundamos. Somos habitantes da noite, não de uma casa, ou de uma cidade, ou de um mundo. Este apartamento é o sítio em que as potências da escuridão marcaram encontro, e de onde nos expulsam. Expulsam para onde? Não temos para onde ir. O elevador está morto, a escada em espiral está morta, a cidade, atrás dos vidros do salão, é um defunto de membros espalhados entre morros, entrevistos ao clarão rápido de automóveis. Os carros passam mais velozes, ao longo desses restos inanimados. Não quero ver os clarões do medo. Cerro as cortinas, entre novos choques na madeira e no duralumínio: se a treva é a atual dona desta casa, não me interessa o clarão externo. Mas, e a vela? A vela onde se escondeu, que sempre está onde não a ponho, ou se põe onde não estou? Os fósforos são mais fiéis; não me largam o bolso, companheiros de minhas andanças. Mas também os fósforos costumam trocar de bolso, ou sou eu que os esqueço na roupa mudada. Neste instante da minha vida, sou apenas e miseravelmente o homem que precisa de uma vela de espermacete e de um pau de fósforo, para restaurar o ser, entre coisas adversas e influências opressoras. Não preciso de muito. Não peço ao governo que me dê estabilidade de preços, facilidade nos papéis, perdão das ofensas. Não lhe exijo que resolva o problema dos demais excedentes, além dos de medicina e engenharia. Bem sei que excedentes são a maioria

dos vivos: os que não têm acesso a isso ou aquilo, os que sobram na mesa da vida, moças que foram desamadas ou não amaram, filhos que nasceram sem que ninguém os chamasse, desquitados que ficaram sozinhos, velhos que não inspiram paciência, e muito menos ternura; os que carregam a deformação, a carência, o mal incurável. Há tantos excedentes quantos formas e casos de imperfeição. Mas não posso oferecer-lhes sequer minha simpatia. Passei a ser, dentro da torre de meus privilégios civis, um excedente a mais, o excedente da luz, escravo do negrume, catando fósforo no escuro. A treva me põe mais egoísta, mais emparedado. Nem sequer penso na confraria dos que estão sob o mesmo império da noitidão, à caça de uma velinha. Nem nos que ficaram imobilizados no elevador tétrico, na escada perigosa. Nos que se divertiam incautos, depois de um dia de calor e agitação; nos doentes, nos que agonizavam no claro e agora têm de completar a morte no escuro. Pouco antes, separara do jornal a extensa pregação do papa contra a injustiça das estruturas, para ler depois do jantar. Lendo-a, eu me tornaria mais consciente de deveres e direitos humanos, que a gente sabe, mas não pratica nem deixa praticar. Já não penso em ouvir o papa, em melhorar com seu empurrão verbal. Estou sem condições. Estou sem luz e sem esperança de encontrar a maldita vela que alumie meus passos e minha conduta. Pois de uma vela dependo para ser bom. A civilização me faltou, a engrenagem dos serviços de utilidade pública me faltou, a Light me faltou. Chega. Ficarei em pé, imóvel no escuro, para não quebrar a cabeça em algum ferro, ficarei esperando o quê? O quê? Se amanhã for racionada a luz do sol, e não aprendi a arte de viver na sombra, que torna felizes o tatu, a minhoca e o tenebrião?

31/03/1967

O TELHADO

Em janeiro choveu a potes na cidade, mas onde choveu dez vezes mais do que em outro lugar qualquer foi na Rocinha. Isso me garantiu Biguá, uma semana depois da enchente trágica. Apareceu arrasado, no escritório. Seu barraco não rolou no abismo porque Deus não quis, ou porque, a certa altura, achou que era exagero ferir assim um humilde. Mas o quartinho das crianças ficou sem telhado, os móveis fugiram na correnteza, e se vier outro toró…

— Coragem, Biguá. Pelo menos, não morreu ninguém em casa.

— Não morreu, porque pobre não morre, senão acabava a pobreza na Terra.

Os colegas ajudaram Biguá como foi possível, com roupas e um dinheirinho; não era o único atingido pela calamidade. As precisões mais urgentes foram atendidas. Restava reconstruir o barraco, e a Caixa Econômica veio em auxílio dos flagelados, seiscentos mil cruzeiros de empréstimo a cada um.

— Para mim ela não vem, que eu não tenho pistolão. Já morei na jogada.

— De qualquer jeito, taca o pedido, Biguá.

— Vou tacar, mas sei que é bobagem. Vê lá se eles dão pelota a um joão-ninguém como eu.

Dias depois, com o sorriso amargo e triunfante do pessimista, comentava:

— Eu não falei? Os engenheiros estiveram lá, viram uma porção de barracos, nem pararam na minha porta.

Mais uma semana, duas, os engenheiros pararam, assuntaram, tomaram apontamento, mas Biguá mantinha-se cético:

— Qual. Seiscentos contos, que é bom, eles não me dão.

E os meninos — sete — dormindo na casa arruinada, à luz das estrelas, quando havia estrelas. Se chovia, era um corre-corre assustado, para tirar os colchões, defender os pobrezinhos. E o vento, mosquitos, todos os males e perigos da noite, cercando a família de Biguá.

— Como é? Já chegou o tutu?

— Não chegou nem chega nunca. Eu sabia que era só pra uns, os folgados. Isso não endireita não.

Os acontecimentos passam mais depressa do que o tempo, e o tempo vai na chispada. Quem se lembra hoje do terrível janeiro? Vaga recordação, se tanto, daqueles dias e noites de pesadelo. Os que sofreram e escaparam não se queixam mais. Até Biguá, o ácido, o inconformado e descrente, silenciou — ou são os colegas que já não lhe dão ouvidos à plangência.

Até que afinal, em dia de pouco serviço ou pouca novidade, à hora do cafezinho, alguém bole naquelas horas medonhas que o Rio passou, desabamentos, mortes, a comoção geral, o impacto.

— Ah, é verdade, Biguá, e aquele empréstimo da Caixa Econômica, hem? Você recebeu?

— Custou muito, mas recebi. Micaria.

— Quer dizer que teu barraco foi consertado, e você nem contou pra gente.

— Não deu pra consertar nada.

— Espera aí, rapaz, seiscentos contos! Ou você queria trocar por um duplex?

— Vocês estão debochando, porque não conhecem meu barraco. Não adiantava botar telhado novo. Quem chegava lá e via a pobreza, nem olhava pra cima: baixava a cabeça. Eu tinha tristeza quando as colegas de minhas garotas iam estudar ou bater papo. Pobreza é apelido.

— E que é que você fez com o dinheiro?

— Que que eu fiz? Que que eu podia fazer? Me ofereceram uma televisão e uma geladeira de segunda mão, negócio bacana, todo mundo lá na Rocinha tem esses troços, só eu não tinha, dei quinhentos e oitenta contos pelos dois, foi isso que eu fiz. O telhado não tem jeito não, eu sei que não dou sorte, fico só pensando noutra enchente!

30/07/1966

NA ESCADA ROLANTE

Ora pois, o Edifício Avenida Central, todo raybanizado, com elevadores de controle eletrônico, que vou descobrir lá? Coisa que me lembra pintura de caverna, Altamira ou Cueva de los Toros: um livro de arte de 1945. Numa das livrarias, a que se chega pela escada rolante, descubro, que eu há tanto não via, o álbum *10 poemas em manuscrito*, invenção de João Condé, tiragem de cento e cinquenta exemplares mais dez para os poetas (Cecília Meireles, Augusto Meyer, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Abgar Renault, Mário de Andrade, Vinicius de Moraes e o pétreo itabirano), o prefaciador Álvaro Lins, os ilustradores Portinari, Santa Rosa e Percy Deane, e o organizador-editor Condé; tudo sem uma linha de linotipo ou tipo de caixa, em papel Goatskin Parchment, segundo reza o colofão.

O exemplar que tenho em mãos é o de no 9 e pertence, não, pertencera a Cláudio Ganns, que hoje investiga arquivos de história nas Índias Siderais. Dois poetas (Mário de Andrade e Jorge de Lima) também já se foram para onde figura e verso, decerto, são diferentes. Em dezoito anos, não mais, a novidade literária virou relíquia, e provoca-me esta cantiguinha joco-nostálgica, escada rolante abaixo:

Destes dez, já não vivem dois.
Quedê Mário, Macunaíma?
Estás no céu, Jorge de Lima?

Dos pintores, um só nos resta.
Candinho e Santa, pelo cosmo,
estarão fazendo seresta?

Pois ficamos nós. Protegei-nos
nossa, de olhos verdes, Cecília,
que sois a verde maravilha.

Caro Vinicius, tem cautela,
e, marinheiro, poupa o casco
de teu airoso barco a vela.

Longe Murilo, eis que de Roma
teu verso chega, e sou romano
ao menos uma vez por ano.

O mano Abgar, este se esconde.
Faz muito bem. É em segredo
que se goza de paz avonde.

Augusto Meyer, porcelana
que deixa filtrar o crepúsculo:
o coração é flor ou músculo?

De Schmidt contam-nos as folhas
mais e melhor que a cantilena
desta mal informada pena.

Manuel, a estrela matutina
e a da tarde brilham igual?
Viver em luz é tua sina.

No mais, o poeta sem poesia,
de invisível texto paleógrafo,
aqui rabisca novo autógrafo.

Éramos dez em manuscrito.
Oito, carregamos no alforje
a saudade de Mário e Jorge.

Que lá perpetuam um livrinho

só deles, com Santa e Candinho.

25/05/1963

A FESTA ACABOU

O BEIJO NOS LÁBIOS

Não sou de escutar conversa alheia, mas aquela mulher falava tão alto, na fila do cinema, que tive de tomar conhecimento do que dizia à outra, sobre um certo Sebastião:

— Menina, o Sebastião aprontou uma! Acabou com a festa. Nem o bolo a gente pôde comer. Porque o bolo era para ser partido à meia-noite. Minha prima não quis partir mais cedo, ela tinha razão, o pessoal come o bolo e dá no pé. Aí ela disse assim: "Bolo só à meia-noite, vocês vão se divertindo aí com a batida e os sanduíches, bolo não". Aí o pessoal começou a animar, quando chegou o Sebastião. Você sabe que o Sebastião é bom de música. Aí minha prima pediu a ele que tocasse alguma coisa, ele respondeu que não estava de bossa. Aí a turma rodeou ele, dizendo que ele estava se fazendo de tampinha de refrigerante, que só dá prêmio de automóvel de dez em dez anos, mas Sebastião nem deu pelota, de cabeça baixa, sentado, enxugando a batida. Aí a mulher do Lindolfo, aquela ruiva compridona que eu não vejo charme nenhum nela, dizem que tem, eu não vejo, chegou perto dele e disse assim com açúcar: "Sebastião, se eu pedir para você tocar, você me nega?". Aí Sebastião baixou mais a cabeça, enxugou outra batida, todo mundo estava chateado, porque ele no violão é o máximo, aí a Santuza compridona, porque o nome dela é Santuza, disse assim para todos ouvirem: "Sebastião já foi Sebastião, hoje não toca nem apito". Aí Sebastião levantou o queixo, sacudiu a cabeleira, enxugou o copinho de uma golada, tacou o violão. Menina, foi uma coisa. Que foi que ele tocou? Tudo. Chico Buarque, Noel, Caymmi, o que ele ia inventando, porque Sebastião sabe a escrita. E não parava mais. Pois aí de repente ele parou, levantou, botou o violão no banquinho com toda cortesia, foi direto à Santuza e tacou um senhor beijo na boca dela. Aí o Lindolfo que viu a coisa ficou branco, mas disfarçou, riu meio desbotado, disse assim: "Sebastião, você se esqueceu, sua mulher é aquela ali", e apontou para a Elisete mulher dele, que estava lá desde cedo ajudando minha prima

preparar a festa. Sebastião não disse uma palavra, foi em frente, beijou a Elisete na boca, mas sem aquele fogo todo. A Elisete ainda fez um jeito assim de fecho *éclair* na boca, mas deve ter percebido que o melhor era bancar a superior, afrouxou. A turma toda parada, vendo. Aí Sebastião marchou pra minha prima, tacou um beijo nela. Claro, na boca. Aí o pessoal, não sabendo o que fazer, começou a rir, um disse assim: "Ele está alto, vamos tirar ele daí". Aí o Sebastião ainda beijou mais umas duas, parou no meio da sala, disse assim: "Eu estou me despedindo de minhas amizades, porque vou morrer". E caiu duro no chão. Durinho, durinho. A Santuza deu um grito, a Elisete outro, aí o povo todo acudiu, foi aquela confusão, nada de Sebastião mexer, não tem telefone, chama táxi, leva ele pro Prontocor, o coração ainda está batendo, e tal e coisa. Resultado: botaram o Sebastião no carro, saiu uma procissão de táxis atrás dele, eram onze e meia. Aí chegou no Prontocor, o doutor mandou o pessoal sair, ninguém queria largar o Sebastião, as mulheres choravam, mais de sete chorando, sete ou dez, sei lá. Aí fecharam Sebastião lá dentro, uma enfermeira abriu a porta depois de meia hora, disse que por enquanto não podia dizer nada, era preciso um eletro. Aí tiraram o eletro, custou às pampas, o pessoal aflito, no sereno, aí o doutor veio dizendo que Sebastião estava melhor, o coração dele é perfeito, não tinha nada no coração, o que ele tinha não disse. Aí a gente ficou pensando, mas que negócio é esse, como é que Sebastião foi fazer uma coisa dessas, atrapalhar a festinha tão bacana, o bolo ficou sem partir, um bolo espetacular, você já imaginou que vexame?

Escutar conversa dos outros dá nisso: na portaria do jornal esperava-me a seguinte carta:

"Sr. CDA: A história de Sebastião, contada pela tal senhora na fila do cinema, passou-se comigo, Sebastião Lâmpada Araújo (Lâmpada não é nome de família, foi meu pai que achou a palavra bonita e acrescentou no registro). Quem contou a história não precisava dizer que é prima da dona da casa. Eu era capaz de jurar quem era; pelo jeito de falar e a mania do exagero. O senhor parece que anda de gravador na mão, estou vendo aquela madama abrir a boca para dizer tanta, não direi besteira, mas o senhor sabe o que quero dizer. Ontem no serviço fui muito perturbado por causa do seu artigo. Todo mundo me gozando etc. Sou servidor da Petrobras, e não um irresponsável como se deduz da referida conversação. Pois o que a tal cavalheira (cujo nome prefiro não mencionar em atenção ao marido dela, que merece o meu respeito), o que ela anda espalhando sobre a festa é o fim. Nada disso aconteceu, posso lhe certificar com o testemunho de amigos que não me deixam mentir. Eu, beijar a boca de damas tão distintas, salvo minha senhora que é também distintíssima mas que tenho pleno direito de oscular onde e quando bem entender, o que aliás não fiz na tal festa? Ora meu senhor, essa não. Desafio a leviana informante a provar que beijei na boca quem quer que seja, não porque as senhoras presentes não merecessem tal homenagem, mas porque a verdade acima de tudo, e além do mais sei guardar as leis da conveniência, conheço a hora e vez de beijar, a quem beijar e como beijar. Eu até sou grato à mesma senhora por apreciar meus dotes ao violão, se bem que ainda uma vez ela se enganou ao dizer que executei peças de Noel, Caymmi e Chico Buarque. Quem estava lá sabe que só executei umas coisinhas de minha lavra, pois não sou de avançar em pomar alheio, aprecio os grandes sendo um dos pequenos, porém a César o que é de César, e meu humilde repertório dá para o gasto. (Tenho mesmo umas musiquinhas gravadas que tive de dar parceria a uns caras, eles me enrolaram e o disco saiu com o meu nome reduzido para S. Lamp, reclamei, não adiantou, então deixei para lá.) Desculpe o parêntesis. Já é

tempo de narrar o que efetivamente se passou na festa em casa de minha amiga, d. Lindalva. Foi o seguinte. Eu estava possuído de atroz melancolia por motivos particulares que não vêm ao caso. Fui à festa para espairecer e não levei violão, não sou nenhum oferecido. D. Lindalva é que botou o violão sobre meus joelhos. Estava de cabeça baixa, sim; que que tem abaixar a cabeça, quando ela está povoada de tristes pensamentos? E só bebi três cálices, nada mais. Meus amigos sabem que sou homem de enxugar dez ou quinze sem perder a linha britânica. Portanto, não estava bêbado, como insinua a tal pessoa, a menos que quisesse insinuar coisa pior: que fingi de bêbado para tirar casquinha. Repilo também a pérfida referência a d. Santuza; felizmente o caro amigo Lindolfo não duvida de meus sentimentos respeitosos para com sua ex.ma esposa. Realmente me ergui e fui despedir-me das amizades, porque sentia que minha vida acabava naquele momento. Disse que ia morrer, mas morrer para o mundo, para a vida que levara até então e que não fazia sentido. Era o anseio de me espiritualizar, que aquela mulher não entenderia nunca. O beijo que dei à flor dos lábios de algumas senhoras e não na boca, na boca é muito diferente, foi um beijo místico e sublime, que Deus aprovaria, quanto mais elas. Depois me despediria dos homens. Não continuei, porque um distúrbio vagossimpático me prostrou ao chão. Levaram-me ao Prontocor porque imaginaram um ataque cardíaco. Graças a Deus, o coração está o.k. Lamento o trabalho que dei, a confusão, o bolo não partido etc. Agora sou outro Sebastião. Meu pai fez bem botando em mim o nome de Lâmpada. Ela se acendeu, e vou partir para outro caminho, mais claro. Restabelecida a verdade, perdoo minha detratora. Só o amor constrói para a eternidade. Saudações espirituais. *Sebastião Lâmpada Araújo*."

02 e 04/06/1967

CABRAL, EM SUA ESTÁTUA

— Salve, almirante! Como é, satisfeito da vida?

— Satisfeito? Acha que nessa posição de estátua, descobrindo eternamente o Brasil, eu posso estar satisfeito?

— É a glória, almirante. Tanta gente por aí querendo uma estatuazinha, um busto que seja, e o senhor se queixa de ser monumento?

— Meu filho, eu preferia estar sentado, naquela calma postura de d. Pedro II e José de Alencar. Quando recebi os dois primeiros índios que vieram a bordo, era assim que eu estava, com os pés pousados numa alcatifa, bem repousado. Por sinal que muito janota, com o meu colar de ouro no pescoço (não era nenhum desses enfeites de *hippie*, era ouro mesmo). Não leu o Caminha? O Caminha viu.

— Mas compreende que um descobridor…

— Além do mais, essa minha febre quartã, que já naquela época me punha a tremer, a tremer, qual caniço ao vento, é muito de arreliar, e coíbe posições épicas. E com essas longas pernas que herdei de meu pai — pois bem sabe que tenho dois metros de altura…

— Puxa vida. Não parece.

— Pois tenho-os, e se o estatuário fez por menos é porque tinha vista curta. E por mal de pecados, ainda os dissabores…

— Como assim? O almirante tem queixas?

— Ora, o amigo esquece que el-rei d. Manuel, a quem Deus tenha, não era lá muito de dar-me colher de chá. Quando me mandou à Índia, é porque a empresa não convinha a um Tarouca, um Vimioso, um Portalegre, sujeitos metidos a sebo, importantes demais para se arriscarem. E que me deu, depois que lhe dei o Brasil? Uma pensão de Instituto, dessas que vós aí no Brasil recebeis depois de trinta anos de batente, e mal dá para umas fatias de parida.

— Perdão, a sua tença…

— Micaria, comparada com o que ele deu ao Vasco da Gama. Ah, o Gama! Tomei nota num papelinho, aqui está: “Cargo de almirante da

Índia, com todas las honras, priminências, liberdades, poder, jurisdiçam, rendas, foros e direytos". Sabe lá o que é isso? A Índia inteira: mais que um milhão de cartórios! E conde, ainda por cima. Ao passo que eu…

— Console-se, almirante. O senhor é muito estimado por aqui. Costuma entrar até nas canções de Carnaval, que é o máximo.

— Sei eu. Mas tem clube de futebol com o meu nome e o meu brasão de duas cabras passantes de púrpura?

— Não.

— Com o nome do Vasco, tem. E por acaso o Vasco descobriu o Brasil? Diga: descobriu?

— Bem, o Brasil continua sendo descoberto todos os dias. Ainda agora, dizem que os Estados Unidos cogitam de descobrir a Amazônia. Mas o Vasco da Gama, o senhor tem razão, não consta. No máximo, passou de largo, sem reparar.

— Compensaram-me botando meu retrato numa cédula cor de abóbora, de conto de réis; que serve para… Não serve para nada. E olhe que eu vos descobri sabendo o que fazia, com intenção. Está mais do que provado. Ou não acredita?

— Almirante, não quero discutir com o senhor. O ano é de festa, a festa é sua.

— Ai de mim! estou ciente. Ouvirei discursos mil, e muitos oradores e conferencistas querem ser descobertos à custa de meu descobrimento. Não responderei a nenhum. Como estátua, não sou obrigado a isso. Mas peço um favor, um só. Tirem-me desta posição e daqui; já não aspiro a ser o Alencar em sua poltrona. O que me apetece, e quanto! é ser como o Pixinguinha, em seus setenta, numa cadeira cativa de bar, descansando de minhas navegações, ouvindo meus fados, quiçá um sambinha dos legais… O Pixinga, este sim, é que soube viver!

26/04/1968

QUEIXA DE UNS ÓCULOS ERRADOS

Doutor, esses óculos que o senhor me receitou, não consigo ver absolutamente nada com eles. Foi para eu não ver mesmo nada de tudo que me mandou comprá-los? Minto. Às vezes (poucas) enxergo tão demais, tão nítido e em relevo, que esbarro na parede colocada a trinta metros de distância, varo por ela adentro, me esborracho. Dói, doutor, dói! Horrível, isso: ver demais, em grande e de perto, nu, cru, gigantão. Quero fugir, a imagem me pega, ela é que me viu pelos meus óculos, como se eles fossem de me fazer visto, não de me fazer ver. Entende? Nem eu. Outras vezes é o contrário. Tudo ficou tão longe, tenho a sensação de que viajo a bordo de um avião, as pessoas e a cidade se distanciam para trás; vou cumprimentar um conhecido no largo da Carioca, estendo a mão, ele já está em Campinas, que Campinas coisa nenhuma, está em Manaus, em não sei onde, miudinho, sumindo. Sumiu no mapa. Esses óculos!

Mas o comum, doutor, é não ver mesmo nada do que eu preciso ou do que eu gostaria de ver. O vazio. Não, não é o escuro nem o nebuloso, que esperança. Isso já seria vantagem, compensaria de certo modo a despesa desses óculos, com sua armação tão cara que até parece mais importante do que as lentes; será ela o essencial dos óculos? Bem, não me queixo do preço. Para ver qualquer coisa hoje em dia, com clareza e precisão (e com presteza também), é preciso pagar caro. Dei duzentos contos, daria quinhentos, doutor, daria cinco mil, daria a camisa do corpo, para usar bem a minha vista e poder dizer: “Eu vejo. Eu sei como é o contorno, o volume, a dimensão, a cor, o retrato verdadeiro de cada coisa. Eu vi, o que eu vi ficou gravado em mim, não pode ser adulterado pela memória ou pela informação, meu cérebro o analisou, e eu posso dizer o que a coisa é, e como é”.

Estou-me fazendo compreender? Receio que não. O doutor está cogitando nos clientes que esperam, a fila é infinita, vai pela rua afora, pelo continente afora. Seu tempo é diminuto para atender a tanta gente que vê pouco ou confuso, através de um nevoeiro de lágrimas ou de sons e

letras embaralhadas. O doutor receitou, está receitado. Desde sempre ou desde, pelo menos, muitos séculos. Enquanto eu represento uma pequena comédia, sem dúvida, contrariando sua ciência. Os óculos estão certíssimos, meus olhos é que insistem em errar — não é isso? Há óculos para toda a variedade de olhos, mas os olhos nem sempre se adaptam, querem ver de outro modo, procuram o avesso da imagem. Se uma lei sábia tornasse obrigatório o uso de apenas três tipos de lentes — de dois — seria genial, o tipo A e o tipo B, ou se não, somente o tipo A, ou AH! (que deixaria de ser A, seria *a lente*), essas anomalias de visão teriam fim? Oh, doutor, desculpe se o aborreço, formulando hipótese tão primária. Não foi certamente para chegar a essa simplificação igualitária que o senhor estudou tanto. Foi para propor óculos diferentes, de graus diferentes, a vistas diferentes, e armações, sim, belas armações novidosas, que, se não aumentam a visão, lhe oferecem graciosa moldura. Também pode ser que os óculos, por um mandamento da nova óptica, não sejam para ver; e pode muito bem ser, ainda, que a realidade não deva ser vista, que a gente passa perfeitamente sem o registro retiniano dela; e veremos para dentro, aprofundaremos nosso eu abissal, alheios à forma incômoda dos objetos; ou não veremos nem sequer nesse poço, não adianta?

Doutor, de qualquer maneira, e no exercício do meu direito, sei lá se direito, de reclamar, reclamo contra esses óculos que o senhor me botou no nariz. O senhor, hem? se esqueceu de dizer na receita que era para jogá-los fora com a maior urgência, e usar a visão direta, fraca que fosse, míope e contingente que fosse… mas direta.

05/04/1968

ESCOLHA SEU BATENTE

Aos domingos, procuro sempre no jornal o caderno de anúncios classificados. Não leio de ponta a ponta, nem o domingo chegaria para tanto, mas percorro as colunas, e me detenho onde braceje uma forma nova de esforço humano.

O homem e a mulher aparecem aí no centro do mercado de trabalho, e o espírito industrioso revela sua capacidade de criação ou de adaptação. Tem-se uma visão do Brasil moderno, ao deparar com as demandas de técnicos qualificados, aos quais se oferecem salários de milhões. Vem entrelaçada à do Brasil de antes das duas guerras, com uma firma a procurar um burro sem rabo para carreto. Na era eletrônica, em que tudo parece submetido à máquina, dá alegria saber que empresas necessitam de operadores IBM, D84 e Front-feed, de overloquistas — em suma, de gente a quem a máquina ainda se submete.

A variedade de profissões, ofícios, ocupações, atividades que se reclamam ou se propõem à vida de hoje, não falando nas clássicas profissões liberais, tão diversificadas em mil especializações! Não sei se já foi elaborado um dicionário de trabalho; se não foi, é pegar nos cadernos de domingo, e ir tomando nota.

O indivíduo tem hoje à sua escolha um elenco vertiginoso de quefazeres; difícil não é trabalhar, é optar entre modalidades de trabalho. Pode ser bancário, se não consegue ser banqueiro; pode ser cartazista, mecânico de refrigeração, médium, relações-públicas, atleta, vaga-lume, sintequeiro, técnico de som, projetista de ferramentas, projetista-chefe de tubulações, *boy*, aeroviário, aeronauta, cosmonauta (ainda não se anuncia, mas daqui a pouco), corretor de títulos, chaveiro, pode ser controlador de prensa, pode ser desossador de açougue.

Se não lhe apetece nenhum desses caminhos, escolha então entre drageador, domador, escultor, editor, torrador, esquentador de obra, iluminador, riscador (de cartonagem), retificador (de válvulas).

Não deu sorte? Experimente halterofilista, recepcionista, monotipista, datiloscopista, colunista (social), cinegrafista, correntista, desenhista, que por sua vez se desdobra em orçamentista, propagandista, eletroprojetista, montador, mecânico, de concreto armado, de figurinos.

O senhor (ou senhora) pode ainda derivar para colarinheiro(a), buteiro(a), colchoeiro, leiloeiro, ladrilheiro, gasista, guarda-vidas, leão de chácara, *barman*, injetador de plástico, impressor em *silkscreen*, estimador de custo, *marchand de tableaux*, tratorista, lubrificador.

Meu Deus, e ainda não falei em enigmista, antiquário, analista financeiro ou de sistemas e métodos, oficial-bronzista, capoteiro, chefe de cerimonial, lancheiro, maçariqueiro, despachante, grafólogo, corretor de pneus, gerente de *marketing*, estimador de custo industrial, fresador, entrevistador!

E forneiro, homem-rã, hidrometrista, gigador e lixador de sola, ervanário, lubrificador, sonoplasta? Sem falar em chefe de controle de qualidade, ajustador de bancada de caldeiraria, montador de fotolito ou de mocassim, modelador de salto brotinho, técnico em motor de explosão, faturista, assistente de importação, assistente de crédito e cobrança, impressor de Miller, juiz de futebol, petrolista (não confundir com petroleiro), maquilador, e isso e aquilo…

Um humilde se contentará com a função de enchedor de vassoura de piaçava, que ainda as há no mundo planetizado, mas outras frentes e outras perspectivas se abrem a quem aspire a corretor opcionista, pedicuro, coordenador de vendas, pesquisador-divulgador, *disc jockey*… E concessionário de praia para refrigerantes? Na pior hipótese, chicaboneiro, que também é atividade grata ver-se rodeado de brotinhos na areia da praia. Triste profissão é a de menino, a de mocinha ou senhora, simplesmente: “Precisa-se de um(a) para casa de família”. Reconforta-me este anúncio: “Mágico para aniversário e festinhas”.

Este é o mundo de hoje: constelado de empregos, de técnicas, de possibilidades, inclusive a possibilidade de não fazer nada, que ainda é profissão, e talvez a melhor de todas: a de olhador de nuvens, sem responsabilidade de meteorologista.

17/12/1966

CASAMENTO

Aviso aos brotinhos: o projeto de reforma do Código Civil permite o casamento de meninotas de catorze anos com meninões de dezesseis.

Vem da Bahia, lançada por associações de pais e de professores, uma profecia que é protesto alarmado:

— Haverá uma febre de casamentos infantojuvenis!

Haverá mesmo? Entrevistei sobre o assunto a garota que veio entrevistar-me, pois está na moda colegiais entrevistarem cronistas, para trabalhos escolares:

— Se baixar a idade, você casa logo?

Ela não pestanejou para dar o troco:

— Casar, para nós, não é problema.

— Perguntei a você, não perguntei à sua geração.

— O senhor perguntou foi à minha geração, não a mim. E quem soprou a pergunta ao senhor foi a sua geração. No seu tempo, casar era um problema sério, não era?

— Minha filha, a gente pensava três vezes antes de casar.

— Por isso é que quase nunca dava certo. Pensava três vezes.

— E vocês vão pensar trezentas?

— Nós pensamos em muita coisa além do casamento. Claro que muitas não pensam nada, pulam e namoram apenas. Mas a turma atualizada procura olhar a vida como um todo. O pessoal do seu tempo só pensava em casar, casar para casar. As mulheres, então, eram umas possessas.

— Quem te contou isso?

— Não foi vovó, não senhor. A gente lê, reflete, conclui.

— Mas você não respondeu à pergunta. Casa ou não casa aos catorze?

— Posso casar aos catorze, posso casar aos vinte e um ou aos quarenta e um, posso não casar. Basta saber que posso. Eu é que decido a oportunidade.

— Você sozinha? O namorado não dá palpite?

— Quando eu digo que decido, quero dizer que não é o Código que decide por mim, nem meu namorado. Evidentemente, tenho de estabelecer o diálogo.

— A julgar por você, não haverá epidemia de casamentos de boneca.

— Que é isso, casamento de boneca? O senhor acha que só gente nova é que costuma não ter miolo na cabeça? Tanta gente de cabelos brancos por aí, ou já sem cabelos, fazendo bobagem. Se o Código aumentasse a idade para oitenta anos, ainda haveria casamentos errados.

— Bem, seriam todos errados.

— Outra bobagem. Nem todo velhinho sofre de amolecimento cerebral. Conheço uns bem legais, não digo que me casasse com um deles, mas acho que o casamento com eles deve ter seus encantos. São pessoas cheias de doçura, compreensivas, experientes.

— Tudo que falta ao marido de dezesseis…

— Tudo que está no marido de dezesseis, feito ouro no cascalho ou debaixo da terra. O que precisa é saber encontrar esse ouro, quando ele existe. Se não existe, o senhor compreende, não tem Código nem idade que resolva. E em muitos casos só tem mesmo pedra bruta, que fere, machuca a gente.

— Você sabe coisas!

— Eu não sei nada de especial, sei o que todo mundo pode ver por aí.

— Afinal, qual é sua posição diante dessa novidade do Código?

— Não é novidade nenhuma. Passar o consentimento de dezesseis para catorze anos é reconhecer o desenvolvimento biológico. O Código não vai obrigar a gente a casar aos catorze anos, vai? Autoriza apenas. Nós não somos tão doidas como os senhores receiam. E já sabemos alguma coisa a respeito de casamento de nossos pais, e dos pais de nossas colegas. Portanto, não se preocupem. O desquite já existia, a anulação já existia, não vamos ser nós que inventaremos o mau casamento.

— Mas…

— Com licença. Vim aqui para entrevistar o senhor sobre o papel da crônica numa sociedade em transformação, e o senhor é que está me entrevistando sobre a mulher em face do Código Civil? Não está direito.

Não tenho muito tempo, o senhor vai mas é responder às minhas perguntinhas…

06/04/1966

REQUERIMENTO CONSERVADOR

Até agora ninguém tinha reparado que éramos a República dos Estados Unidos do Brasil. República, pouca gente prestava atenção nesse substantivo abstrato; Estados Unidos, então, quem havia de saber? Não figurava nos envelopes, nas notas fiscais, na vida. Só reparando nos dizeres das cédulas é que se tomava conhecimento do nome nacional completo, mas dinheiro se recebe e se gasta sem ler a literatura nele impressa; conhece-se pela figura, e mesmo somente pela cor. Além do mais, os estados não são tão unidos assim; são apenas, e impropriamente, estados, mal traduzidos do americano, uns se queixando de serem esquecidos pela União, outros se queixando de que os supostos esquecidos são os mais lembrados da família, em detrimento dos que passam por mimados e felizes. E todos e cada um se considerando grandes nações invadidas abusivamente pelo Brasil, que não lhes respeita a autonomia, esta senhora falecidíssima. "Estados Unidos" é marca registrada do norte do continente; nós aqui somos é Brasil mesmo, curto, fácil de escandir pela torcida, em jogos internacionais de futebol, e peculiar, e aderido à alma. Não foi mau que dr. Medeiros e marechal Humberto acabassem com essa história de copiar rótulo lá de cima — pelo menos rótulo, que diabo.

Mas simplificar é uma espécie de coceira, que não larga mais a gente, depois de começada. Suprimidos os bordados do nome, já um deputado cuida de suprimir da bandeira a inscrição "Ordem e Progresso", retirando-os assim do único lugar onde viviam juntos e felizes. E Rubem Braga vai mais longe, propõe a eliminação das estrelas, que também já não são muito visíveis fora do pavilhão nacional, em nosso enfumaçado céu urbano, onde só mesmo nos versos de Orestes Barbosa é dado à mulher do morro pisar nos astros, distraída.

Vamos com calma. Aquela ordem e aquele progresso positivistas fazem-me muita falta. Decorei-os no primeiro ano primário, e o que achei estranho, a seguir, foi que nenhuma outra bandeira do mundo ostentasse qualquer palavra. Estavam todas erradas, portanto. Bem que a da

Alemanha podia exclamar, em vermelho: “Filosofia e Guerra”; a da França: “Champanha e Direitos do Homem”; a da Itália teria um fragmento do *Paradiso* de Dante: “*Affetto al su piacer*”, embora, para meu gosto, fosse preferível um verso lírico de Petrarca; Japão, Inglaterra, cada país diria ao mundo qualquer coisa que representasse tendência nacional ou fosse mensagem dessa ou daquela natureza; podia ser anúncio de gasolina ou de *bacon*, mas que fosse explícito, que estabelecesse comunicação pelo divino recurso da palavra, se não oral, pelo menos escrita.

As outras nações continuam erradas; que importa? Não gostaria de ver suprimidos a ordem e o progresso como se suprime alguma coisa de feio ou reprovável. O bom seria até pintá-los de novo e copiá-los cá fora, tornando efetivas as palavras do sonho republicano. É exato que, dentro da futura Constituição, o lema ideal seria “Ordem, Ordem e mais Ordem”, mas assim também enjoa. Por outro lado, reconheço que progresso é palavra *qui a fait son temps*, cedendo lugar a desenvolvimento, mas não é a mesma coisa: até agora, ninguém ousou fundar a Camisaria Desenvolvimento.

Quanto às estrelas, que mal faz serem colocadas fora de posição, e ninguém saber como se chamam? Chamam-se estrelas, e luzem, tremeluzem, luciluzem no céu da pátria ou na alma do último trovador, sem fazerem mal a ninguém. Pelo contrário: ajudam. Requeiro a manutenção das estrelas, da ordem e do progresso, e até da letra do Hino Nacional, que se pretende cassar, e que receio seja substituída por um logogrifo concreto-praxista.

16/12/1966

UM CHAMADO JOÃO

João era fabulista?
fabuloso?
fábula?
Sertão místico disparando
no exílio da linguagem comum?

Projetava na gravatinha
a quinta face das coisas,
inenarrável narrada?
Um estranho chamado João
para disfarçar, para farçar
o que não ousamos compreender?

Tinha pastos, buritis plantados
no apartamento?
no peito?
Vegetal ele era ou passarinho
sob a robusta ossatura com pinta
de boi risonho?

Era um teatro
e todos os artistas
no mesmo papel,
ciranda multívoca?

João era tudo?
tudo escondido, florindo
como flor é flor, mesmo não semeada?
Mapa com acidentes
deslizando para fora, falando?

Guardava rios no bolso,
cada qual com a cor de suas águas?
sem misturar, sem conflitar?
E de cada gota redigia
nome, curva, fim,
e no destinado geral
seu fado era saber
para contar sem desnudar
o que não deve ser desnudado
e por isso se veste de véus novos?

Mágico sem apetrechos,
civilmente mágico, apelador
de precípites prodígios acudindo
a chamado geral?
Embaixador do reino
que há por trás dos reinos,
dos poderes, das
supostas fórmulas
de abracadabra, sésamo?
Reino cercado
não de muros, chaves, códigos,
mas o reino-reino?

Por que João sorria
se lhe perguntavam
que mistério é esse?
E propondo desenhos figurava
menos a resposta que
outra questão ao perguntante?
Tinha parte com… (não sei
o nome) ou ele mesmo era
a parte de gente
servindo de ponte

entre o sub e o sobre
que se arcabuzeiam
de antes do princípio,
que se entrelaçam
para melhor guerra,
para maior festa?

Ficamos sem saber o que era João
e se João existiu
de se pegar.

22/11/1967

GUIGNARD NA PAREDE

— Este seu Guignard é falso ou verdadeiro? — perguntou-lhe o visitante, coçando o queixo, de um modo ainda mais suspeitoso do que a pergunta.

— Ora essa, por que duvida?

— Eu não duvido nada, só que existem por aí uns cinquenta quadros falsos de Guignard, e então…

— Então o quê?

— Esse também podia ser. Só isso.

— Pois não é, não senhor. Qualquer um vê logo que se trata de Guignard autêntico, Guignard da melhor época.

— Não ponho em dúvida sua palavra, Deus me livre. Mas nunca se sabe se um quadro é autêntico ou não. Nunca. Não há prova irrefutável.

— Mesmo que se tenha visto o pintor trabalhando nele?

— Em geral, o pintor não trabalha à vista dos outros. No máximo dá uma pincelada, um toque. Até os retratos, não sabia? são feitos em grande parte na ausência dos retratados. Todo artista tem um auxiliar, espécie de primo pobre, que imita à perfeição a maneira do mestre…

— Guignard tinha alunos; e daí? Vai me dizer que os alunos pintavam e ele assinava?

— O senhor é que parece estar insinuando isso. Eu digo apenas que assinatura pode ser autêntica num quadro falso. Veja Picasso. Picasso assina falsos Picassos por blague ou para ajudar pobres-diabos. Pode parecer maluquice, mas para mim o pintor é o primeiro falsificador de sua obra, ele se copia e manda os outros copiarem…

— Não diga uma besteira dessas.

— Vejo que não gostou. Natural, tem amor a seu Guignard, quer preservá-lo de suspeitas. Pois, meu caro, o pintor, quando famoso, não chega para as encomendas, e aí então é que assina apenas o que os outros pintam para ele. Como foi ele que mandou pintar, a falsificação é relativa, ou por outra, é endossada, fica sendo autoria. Pode se distinguir entre a falsificação original e a falsificação falsa mesmo, à revelia do autor.

— Nunca ouvi tanta bobagem na minha vida.

— O senhor acha que é bobagem? Bem, está no seu direito. Mas me diga só uma coisa: viu Guignard pintar este quadro?

— Não, mesmo porque quando comprei o quadro, ele já tinha morrido. Mas comprei de uma pessoa que o comprou de Guignard.

— Está vendo? É a tal coisa. O pintor morreu, não pode dar testemunho. A pessoa afirma uma coisa, o senhor acredita, em sua boa-fé; e assim por diante. Aí é que nunca mais se apura a verdade.

— Acho uma impertinência de sua parte…

— Perdão. Eu seria incapaz de duvidar de sua palavra e de sua inteligência. Porque acredito nas duas é que estou lhe abrindo os olhos. Não ouso pretender o título de seu amigo, mas a minha lealdade…

— …

— Porque leal eu sou, mesmo para os desconhecidos. Faço questão. Fomos apresentados há meia hora, na conversa calhou o senhor dizer que tinha um ótimo Guignard, eu fiquei curioso de ver, o senhor me trouxe aqui… Não foi?

— Foi.

— Pois então. Fiquei com medo do senhor ter um falso Guignard, e preveni. Não há razão para se queimar.

— Está bem.

— Talvez tenha feito mal em alertá-lo. O senhor vai ficar preocupado, cismado. Não desejo isso. Vamos fazer uma coisa? Para o senhor não se chatear, eu compro o seu quadro, mesmo tendo as maiores dúvidas sobre a autenticidade. Repare bem: a fluidez da pintura é demasiado fluida para ser original… Um mestre nunca vai ao extremo de sua potencialidade; deixa que os outros exacerbem sua maneira. Este Guignard é tão leve, tão aéreo, que só mesmo de alguém muito habilidoso, que procurasse ser mais Guignard do que o próprio Guignard… Não há dúvida, para mim não é Guignard. Quanto quer por isto?

— Quero que o senhor vá para o inferno, sim?

22/06/1966

SURGE O POETA DA FLOR

Disse-me que se autotitulara Poeta da Flor, e como tal queria ser tratado. Porque sua especialidade era flor.

— Tem preferências?

— Qualquer flor. Todas. Apenas, dedico menos atenção à rosa, que se tornou inflacionária em poesia (ah, Rilke e Gertrude Stein!), e ao lírio, com "i" ou com "y", de que os simbolistas abusaram. Da margarida não falo. Vou deixar passar essa onda de tecidos, xícaras, caras e pernas estampadas, e de gripe, para ver se posso fazer alguma coisa em favor da margarida. Esse pessoal é engraçado. De repente, pega uma flor e pensa que é feijão, de consumo obrigatório. Amanhã, são capazes de descobrir a georgina.

— Georgina?

— É a nossa velha dália, que tem esse nome na Europa Central. Enquanto não a tornam *hippie*, fiz este poeminha:

Dá-lhe dália Dalida
délia seiva de Scève
salve!

Gostou? Se não gostou, não faz mal. Eu gostei, eu que fiz. Repare quanta coisa pus em oito palavrinhas, a maior das quais com seis letras: uma cantora moderna, um poeta antigo com seu poema famoso, um grito hípico, uma saudação à flor, que, sendo *variabilis* na classificação científica, autoriza variações aliteradas. Certamente não notou, mas escorre seiva pelo talo do poema, em eles e esses.

— Estou notando.

— Dei um exemplo. Sabe o que é lidar com milhares, milhões de espécies florais, na maioria inteiramente inexploradas, pedindo verso, pedindo expressão? O mundo, meu caro senhor, ainda não foi inventado, pois descobrir é uma forma de inventar, e ainda ninguém cantou a flor-de-

babado e a estrela-da-república. Quero fazer um poema para cada uma das flores existentes, sem esquecer a flor-de-sola. Já tenho quatrocentos e cinquenta…

— Isso dá três livros, no mínimo.

— Farei cinquenta, farei duzentos volumes, não importa. A vida é que é curta. Sabe que tem uma flor chamada merenda, outra general, outra sapo? Flor de pelicano, papagaio, pau, fogo, gelo, casamento, cachimbo, vaca, aranha, azar? Dos formigueiros, tintureiros, macaquinhos? É flor que não acaba, e eu preciso conhecer, estudar, flagrar o princípio, o sentido de cada uma, para não fazer poema de ouvido, como se faz por aí. O nome ajuda, as conotações, a folhagem semântica. Mas e a cor? e a forma? Em orquídeas me perco: o espetáculo de cada uma requer linguagem particular, válida só para ela. Há as flores da noite e as flores do dia, impondo horário contemplatório/criativo. É preciso remitificar o cravo, o bogari, a violeta, desmitificados pela proscrição a que os condenou o concreto dos apartamentos. Sobre o jasmim, se permite, tenho isto:

Embalsamor da noite
em teu alvo festim
amor valsa o clarin-
ar, clarim no muro.

Notou esse "clarin-ar", partido de propósito, no instante em que o cara passa com a namorada, bate com o perfume do jasmineiro no muro do solar arruinado de Botafogo e para, transiluminado, como se uma trompa na madrugada o conduzisse à floresta mágica?

— É mesmo, sente-se. Mas… não receia ser acusado de alienação?

— Quem: eu, alienado? Duvido que os poetas engajados do homem-na-história, do contra-o-napalm etc. digam mais do que eu na minha cantada floral. Escute só mais este sobre a nemésia. Já viu algum poema sobre a nemésia, uma escrofulariácea?

— Nunca.

— Ninguém até hoje se lembrou de fazer, eu fiz:

No escuro da vingança
desabrocha o lampião
da justiça:
nemésia.

— Ahn.

— Se não morou, more: Nêmesis, filha da Noite, era deusa da vingança e da justiça, personificada entre nós pelo Lampião nordestino, que foi a luz de ofendidos e humilhados. A flor nemésia, o protesto nemésio. Viu? Cantando flor a gente diz tudo, e eles (o senhor sabe quem são) não podem fazer nada com a gente!

12/05/1968

QUE DIA É HOJE, LENINHA?

Leninha, que dia é hoje? 1o de maio? Puxa, ainda bem o ano não começou, já é 1o de maio? Assim, onde iremos parar! Amanhã, a gente acorda e é Natal, tudo recomeçando outra vez, não parando nunca nem para beber água, coçar a cabeça. Eu não queria que o tempo parasse, isso não. Queria que ele demorasse mais, se explicasse. O dia com vinte e quatro horas, mas vinte e quatro mesmo, e você sentindo cada hora acordada como uma coisa, um objeto que se pega e apalpa, de que matéria é? madeira, pedra, plástico, tecido, macio, áspero, quente, frio, gostoso, diferente? Isso: queria que uma hora fosse diferente da outra, na cor ou no cheiro ou no peso ou na qualidade. Mas você não sabe nunca o que é uma hora, quando ela chega e vai. Precisa sempre olhar relógio, a todo momento está consultando relógio, como se ele fosse um doutor sapientíssimo. E se acontece um defeito na maquininha, no cabelo da maquininha, o tempo fica completamente anarquizado. Tenho de consultar a máquina e a folhinha. Sem folhinha, que dia é hoje? Nenhum. Qualquer. A folhinha e o escritório de meteorologia, um esquisito escritório que diz quando você deve usar capa, guarda-chuva, roupa leve etc., o que aliás dá certo pelo avesso, ou nem. Você nunca soube, amor meu, eu também não saberei jamais quando é para andar agasalhado ou não, precisamos que uns cavalheiros digam isso para nós. E eles sabem? Eles também consultam aparelhos, mais complicados que nossos relógios de pulso. Enquanto isso, o tempo vai chispando, a ponto de hoje, pelo que você diz depois de pensar um pouco, ser 1o de maio, coisa absolutamente inconcebível e antinatural, pois outro dia mesmo era 1o de maio, como é que pode haver dois 1o de maio no espaço de uma semana, então o ano é uma semana? A vida é uma semana? Ainda estou ouvindo os discursos, as mensagens, porque o trabalho é isso, porque o trabalho é aquilo, porque a grandeza da pátria, porque é preciso fazer mais um pouco de sacrifício e tudo vai melhorar, melhorou? Depois vem o Dia das Mães, coitadinhas, os filhos se esquecem de que é o dia delas, carece que os donos das lojas buzinem com

antecedência para os ingratos se lembrarem, mas eles não têm culpa, outro dia mesmo criaram buço, engrossaram voz, estão aí velhos, caídos, borocoxôs: como podem saber que tal dia é da mãezinha querida? E vem o Dia da Abolição, o da Imprensa, o do Gerente de Banco, o da Aeromoça, sem falar no mês inteiro de Maria que nem sei se se comemora mais, nem há tempo para saber. Ai, Leninha, o que eu gostaria de saber é por que hoje é 1o de maio, e não 45 de agosto ou 2000 de setembro. E também: que é propriamente maio, esse compartimento fugidio, essa fuga na fuga do tempo? Que significaria maio para um espongiário colocado na parte inferior da "árvore da vida", como a desenhou o padre Teilhard de Chardin? Maio é invenção recente, da linguagem articulada. E por que primeiro? Primeiro de quê, se eu sei que, saindo à rua, não vou encontrar pessoas primeiras, coisas primeiras, novidades? Último de maio seria talvez o certo, se houvesse último, nessa correria da gente em cima da cacunda do tempo. Olha, Leninha, não quero discutir a questão filosófica do tempo, sou disso não de categorias de Aristóteles, o que me assusta, me preocupa, me fere, me dói, me chateia, me entristece, me revolta, me… me…, é hoje ser 1o de maio pelo que você diz, e diz porque ouviu dizer, porque leu, não de ciência própria, e eu não sentir absolutamente um sinal qualquer definidor disto que você chama de um dia determinado de um mês determinado… Como posso me explicar? Estou botando você confusa, arrancando-lhe uma noção de dia e hora, sem encher o vazio com outra qualquer. Bem, chega. Só mais uma pergunta: tem manifestação hoje? Não tem? Mas tem futebol, talvez? Ah, bom, então é mesmo 1o de maio, dia de pensar em outra coisa, pelo menos de apostar em Vasco ou Flamengo, e ganhar dinheiro à custa do esporte, genial, genial!

01/05/1968

HISTÓRIA DO CIDADÃO NO PODER

JOÃO BRANDÃO SALVARÁ O PAÍS?

Todo mundo sentiu que a situação chegara a ponto extremo de gravidade quando, no sábado, a praia do Arpoador amanheceu interditada. Não era a situação sanitária, mas a situação político-administrativo-econômico-financeiro-militar-trabalhista-educacional-vietnâmico-coreano-amazônico-ipasiano-café-soluviano-etc. O frescobol foi proibido, o *surf* também. O próprio mar recebeu intimação para não fazer muita onda; só a estritamente necessária para efeitos decorativos. Os banhistas entreolhavam-se, assustados, sem ousar comentários. Tinha chegado a hora.

A hora de quê, mesmo? O carro blindado parou junto ao edifício em frente à praia, onde reside em paz João Brandão. A alta patente desceu veloz, acompanhada de escolta, dirigindo-se ao apartamento do meu amigo. Alguns vizinhos já choravam pela sorte de João, que sairia dali preso, destinado sabe Deus a que exílio cruel, enquanto outros, menos emotivos, tomavam posição simplesmente para apreciar a cena de um bom ângulo visual.

JB matava seu problema de palavras cruzadas, quando o general assim lhe falou:

— Nobre cidadão, venho convocá-lo, em nome do marechal, para o serviço da pátria. O presidente resolveu governar acima dos partidos e dos exércitos, e para isto conta com o morador de Ipanema que tem manifestado, ao longo da existência, a mais absoluta isenção de ânimo, extraordinária lucidez, inigualável desprendimento. Acompanhe-me, sem delonga, até Petrópolis.

— Permita que eu troque este chambre pelo meu terno escuro — observou JB.

— Não é necessário, a nação não pode esperar — respondeu, peremptório, o emissário.

Assim, JB foi metido na viatura militar e conduzido à presença do marechal Costa e Silva, que, em poucas mas expressivas palavras, o pôs ao corrente da missão que lhe reservara:

— Brandão, meu caro, isso está uma droga. Todos querem mandar por minha conta, e até mandar em mim. Exigem a reforma do ministério, como se o ministério fosse um general da ativa que atingiu a compulsória. Querem que eu acabe com a Frente Ampla e mande brasa na administração. Há também uns casos de corrupção que começam a me dar dor de cabeça. Assim não vai. O jeito, Brandão, é começar tudo de novo, dando plenos poderes a você.

— Mas, presidente…

— Eu sei, eu sei que você, como paisano, não dispõe de um centavo de influência política, e que, como reservista de terceira categoria, lhe falta cobertura militar. Por isso mesmo é que o chamei. Estou farto de influências, João. Enquanto eu era candidato, ainda bem. Mas depois que cheguei à Presidência, que brincadeira é essa? Você é o único brasileiro que não quer me ensinar a governar. Pois então, está intimado a consertar o Brasil, as instituições, o ministério, esse caso do café-solúvel, os excedentes e tudo mais, até o fim do meu veraneio em Petrópolis. Quero tudo muito direitinho, ouviu? Desça a serra e não brinque em serviço.

— Marechal, eu…

— Deixa disso, seu João, não vê que estou lhe dando uma ordem? E até lá, que vou dar um mergulho na piscina. Direita volver, ordinário, marche!

Aí está João Brandão investido na tarefa de salvador da pátria, missão urgente, prazo limitado, o país de olho nele, como é que vai ser? Estará à altura do desafio? Fracassará, como os políticos e os militares? Será o Homem, o Esperado, o Tal, em frente da História?

NOVA BOSSA: A QUALQUERIDADE

A posse de João Brandão em cargo político inexistente, mas de altíssima expressão, fez-se com ausência de bambolinas e fotógrafos, diante de duas xícaras de café, no Palácio Rio Negro. A imprensa escrita, falada e cinética sentiu que era de seu dever silenciar a respeito, para não perturbar a ação do novo eminente estadista. Para surpresa do marechal-presidente, JB não lhe apresentou nenhum projeto de ato institucional estabelecendo preceitos revolucionários de terceiro grau, nem outros de nenhuma espécie.

Ficou entendido tacitamente que não era necessário baixar novas leis, por ser suficiente, e até excessivo, o número de leis em vigor. Nem por isso o Congresso Nacional sofreu o menor arranhão; continuou a fazer o que faz e principalmente o que não faz. Quanto às leis existentes, continuaram a existir na medida em que existem, sem se bulir nelas para aplicá-las (o que provocaria comoção nacional), cerzi-las ou recolhê-las ao arquivo. O *Diário Oficial* entrou a circular em branco, prestando maiores serviços aos leitores, que passaram a ter papel para seus rascunhos e para exercícios escolares de seus filhos.

A grande transformação introduzida por JB no governo republicano, e que levou uma semana a ser percebida, consistiu em uma nova atitude mental. Os brasileiros passaram a não se preocupar com a situação do país. O governo desistiu de alarmar periodicamente a opinião pública, através de medidas insólitas e declarações tranquilizadoras, declarações que produzem efeito contrário. A opinião, por sua vez, renunciou ao gosto de alarmar-se e de julgar tudo perdido.

Uma vez descontraído o ambiente nacional, os que são de folgar continuaram folgando. Logo se registraram transferências de posição. Muitos que se matavam de vigilar pela sorte do país, na economia, no setor financeiro, no trato das armas, persuadidos de que assim evitavam a catástrofe, reconheceram que era vão o sacrifício, ou, ainda, que no fundo traíam a vocação, e baldearam, com óleo e barraca de praia, para o grupo dos inocentes do Leblon. Entre estes, uns tantos admitiram que haviam esgotado os prazeres da gratuidade, e descobriram em si uma tal ou qual

aspiração de consagrar-se ao bem comum. Abandonaram a areia e o Antonio's, mas foram discretamente advertidos de que todo excesso é negativo, pelo que não deveriam empenhar-se demasiado na salvação nacional. Seja dito em honra de Brandão que ele não cassou ninguém por desobediência a essa norma implícita. Os imoderados aprenderam por si mesmos a ineficácia do exagero, da ênfase e da parlapatice. Começou então a funcionar no território pátrio um novo modo de ser, a *qualqueridade*.

Termo rebarbativo, sujeito a trocadilho, e cunhado por um catedrático da Faculdade de Ciências Políticas, significa o modo de ser de um qualquer, não herói, não iluminado, não portador de missão. No pensamento de JB, interpretado pela Agência Nacional da maneira mais simples (a *Voz do Brasil* passou a irradiar sambas de Chico Buarque e Caetano Veloso, em lugar do blá-blá-blá tradicional), qualquer um é bom para presidir o povo, desde que não se presuma a encarnação da nacionalidade nem depositário exclusivo das tradições da civilização cristã etc. etc., e experimente as receitas do senso comum. Receitas não muito divulgadas, é certo, em tempos de complexa doutrinação científica, por isso mesmo tidas por abstrusas e escandalosas. Não confundir qualqueridade com mediocridade, esta última sempre interessada em fantasiar-se de modéstia ou ostentação, aquela despreocupada de efeitos cenográfico-publicitários.

Vamos ver em que deu isso.

COMEÇOU ASSIM O NOVO GOVERNO

Primeira consequência do novo estilo de governar, implantado por João Brandão: baixou a zero a majestade da governança. O poder deixou de ser glória e risco. Quem mais se lembraria de atentar contra ele, empregando bomba de fabricação caseira, ou, simplesmente, atirando cascas de banana-da-terra no itinerário presidencial?

Por isso mesmo, extinguiu-se automaticamente o serviço de segurança, fenômeno que se reproduziu na esfera dos governos estaduais e municipais. Daí resultou aproveitarem-se inúmeros braços na indústria de alimentos e na construção de terminais salineiros, restando ainda capacidade ociosa de mão de obra, a ser absorvida gradativamente em outras atividades. A rede hospitalar do país foi grandemente beneficiada com aquela extinção: milhares de leitos puderam ser oferecidos a portadores de enfermidades comuns, sem chance até aqui. Apenas em um setor surgiram protestos. Fabricantes de equipamentos fotográficos alegaram que diminuíra de oitenta e cinco por cento a demanda de aparelhos, uma vez que os utilizados pela reportagem e turistas não eram mais destruídos com fundamento na segurança nacional. Para que os repórteres não ficassem sem assunto, os turistas sem lembranças documentais, e as fábricas sem movimento, João Brandão criou festivais paisagísticos, divulgando-se extraordinariamente, daí por diante, a incomparável, esmagadora beleza das quedas-d'água do Iguaçu.

Providência de muito alcance do nosso homem-em-Ipanema (pois julgou inútil voar até Brasília para dar conta do recado) foi instituir a moeda nacional — moedinha modesta, porém bastante sincera, a que, para evitar novos trabalhos tipográficos, deu o sabido nome de cruzeiro. Os cidadãos não queriam fazer fé na novidade, porém ao chegarem às mercearias, aos varejos de cigarros, às lojas de roupas etc., verificavam que esse dinheiro era aceito, e, mais do que isso, recebiam em troca os artigos de que necessitavam, coisa que deixara de acontecer na memória dos tempos.

O cruzeiro passou a ter valor em cruzeiros, mediante simples instrução do Banco Central, em cuja presidência JB colocara o poeta Onestaldo de Pennafort, ex-funcionário do Banco do Brasil. Daí por diante, o BC

absteve-se de expedir novas instruções, contradizendo ou complicando as anteriores. Como JB e OP conseguiram estabelecer essa moeda nem forte nem fraca, mas válida, ninguém lhes perguntou, nem eles disseram em cadeia de TV, pois ninguém cogita de indagar por que é que uma coisa é boa ou por que o mamoeiro, corretamente, produz mamões, e não cacos de vidro, como vinha acontecendo, de tempos a esta parte, insolitamente, nas chácaras experimentais do Ministério da Agricultura. Normalidade não dá manchete — e os portadores de cruzeiro-JB pensaram em outra coisa, como dizem ser de praxe entre os povos felizes.

Felizes? O *premier* Brandão não aspirava a tanto. Sabia que, em tese, melhor para todo mundo seria o governo de cada um por si mesmo, e o de todos por ninguém, mas seu espírito realista/surrealista estava longe de cultivar utopias romântico-bakuninianas. Evitou sempre dar a seu povo um exagero de bens, serviços e dinheiro, que despertasse a cobiça de outras nações, fazendo deflagrar, talvez, uma aliança das forças ocidentais e orientais contra essa boa gente brasileira, habitante do relativo paraíso terrestre.

Mas o governo — como a vida — continua.

Embora o rosto da vida melhorasse visivelmente no país, as correntes políticas iniciaram o combate a João Brandão, por entender que tal melhoria alcançada sem audiência e colaboração do *establishment* atentava contra ritos imemoriais, e mais cedo ou mais tarde se converteriam em desgraça para a nação.

A Arena, o MDB, as duas linhas do PCB e a Frente Ampla coligaram-se em Frente Mais Ampla Ainda, que, por motivos publicitários, logo passou a chamar-se Frente Pra Frente, com o objetivo de derrubar o Governo de Qualqueridade. Acusaram-no simultaneamente de imobilismo, de faquirismo, de penumbrismo, de primitivismo, de pessimiotimismo — singular combinação, esta, de atitudes mentais, que conduziria teoricamente da negação à criação, e que, na realidade, provaria a incomunicabilidade dos contrários.

Na Câmara e no Senado, denunciou-se o estranho equilíbrio orçamentário, pois que vantagem haveria em obtê-lo selecionando investimentos, extirpando gastos supérfluos, incentivando a produtividade? "Assim, até eu" — exclamou em plenário o deputado Plotino Sucupira, entre aclamações infernais. A elevação do Produto Nacional Bruto foi igualmente objeto de críticas acerbas, sob o fundamento de tratar-se de mera abstração estatística, insuscetível de verificação por uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Finalmente, o fato de não terem sido aumentados naquele mês, como de costume, o ICM, o Imposto de Renda, o Imposto de Viver, e outros tributos, causou profunda apreensão às classes conservadoras, que viam assim desaparecer em silêncio um dado constante e indispensável para a composição de custos e preços. "Onde iremos parar?" — indagavam-se mutuamente os empresários, assustados com semelhante ruptura da ordem tradicional.

No âmbito do Itamaraty, entre um cisne e outro cisne, as hábeis, discretas *démarches* de JB para tentar o afrouxamento das tensões internacionais, e o reconhecimento, por determinadas potências ditas amigas, de interesses legítimos de nossa comunidade fizeram deflagrar indisfarçável zum-zum entre expoentes militares da linha dura, incrédulos

perante o êxito diplomático que elas alcançaram. Não era fácil acostumarem-se à ideia de que fora removida a ameaça de guerra total nos próximos vinte e cinco anos (guerrinhas e guerrilhas, não), contra todos os planos e estudos da Escola Superior de Guerra, e que o Brasil, esquivando-se a amolecer a espinha, mas sem ronco d'armas, alcançara uma situação de respeito internacional. Essa, não. E se rifássemos JB, o embusteiro? Se ele fosse convidado a depor num IPM, por exemplo?

A placidez natural de João evitou-lhe zangar-se com esses testemunhos de intolerância e agressividade. Reconheceu que difícil não é fazer, é esconder que se faz. Por mais que requintasse em agir na moita, alguns benefícios tornavam-se visíveis, e como a visibilidade até então só envolvesse coisas erradas, as coisas certas, vistas à mesma luz, tinham a aparência de tortas. Precisava, pois, esconder-se ainda mais, fingir que praticava ou aprovava desatinos; mudar a imagem, em suma. Técnicos de publicidade e relações-públicas ofereceram-se para isto. Lembraram-lhe, entre outras medidas, que agravasse o problema de excedentes, fechando alguns cursos, inclusive os de engenharia operacional. Depois, criaria um sistema de cheques personativos, a serem concedidos por ele a cada excedente, a título de mesada, o que lhe daria logo uma popularidade furiosa.

JB meditava.

FINAL (*SEM DRAMA*) *DA CRISE*

Meditação de JB, no banheiro:

— Se salvo o país, o país me condena; se não salvo o país, condeno-me a mim próprio. Das duas condenações, qual a preferível? Dei a este povo o que me pareceu bom de dar: segurança sem corpo de segurança, dinheiro valendo certa quantidade de arroz e batata, trabalho para quem quisesse, um pouco mais de justiça social do que a costumeira, convívio internacional decente, alegria, alegria e mais bens que não vale a pena enumerar, pois não estou dirigindo uma fala à nação, estou meditando. E minha meditação é mais sobre o trevoso do que sobre a magnólia. O que dei não agradou. Se não desse nada, agradaria talvez? Se desse pedra, petardo e praga, seria mais apreciado? Ou é tudo a mesma insignificação, e só me cumpre ler os livros pessimistas do Antigo Testamento, na tradução do padre Matos Soares? Qual o caminho, se tem um caminho?

Satã (*de fantasia psicodélica para o baile do Municipal, interrompendo o meditante*)*:*

— Pega a espada dos condestáveis, que está guardada no armário dos Recursos Drásticos, e sai por aí, sem lenço e sem documento, mandando brasa.

JB (*com a inflexibilidade dos tímidos na vigésima quinta hora*)*:*

— Cala-te, imbecil. Não vês que espada não resolve, se resolvesse a República teria sido proclamada em 89? Daí, nem sequer sei distinguir, nessa ferramenta, o que é copo do que é lâmina. Além do mais, não percebes, ó obtuso, que com esta minha esferográfica eu estava precisamente procurando remendar o estrago produzido pelos espadachins durante esse tempo todo?

Floripes (*dedicada cozinheira-arrumadeira de JB desde 1930, suplicante*)*:*

— Patrãozinho querido, o senhor emagreceu, está perdendo as cores! Isso aí tem jeito não, desiste, o almoço tá na mesa!

Coro de vendedores de refrigerantes, vindo da praia:

— Limão, limoncito, limonete, limoncola, limoncox, laranjil, laranjol, laranlima, laranlará, é de toda *colidade*, mulher feia não paga mas bebe. Volte, seu João, a barra é azul, larga esse troço!

O colunista de esquerda:

— O melhor que pode acontecer ao mundo neste instante é a renúncia de Brandão, o alienado total, que toma chá com torradas de Petrópolis enquanto a sorte da liberdade humana se decide nas ruas de Saigon, Kon Tum, Da Nang e Ban Me Thuot, para não falar em Khe Sanh!

O bispo d. Mamede (*na TV*)*:*

— Como os senhores estão vendo, o único obstáculo ao diálogo entre a Igreja e o governo está no sr. João Brandão, inimigo nato do ecumenismo, pois não tem crença absolutamente alguma, nem sequer é ateu, o que seria ótimo para dialogar!

Um locutor, aos brados:

— O comandante Celso Franco desistiu de disciplinar o trânsito da Guanabara, e apontou como responsável exclusivo pela anarquia reinante João Brandão, que não tem automóvel e insiste em andar a pé!

Outro locutor (*tom ainda mais forte*)*:*

— Em Moscou, um grupo de manifestantes tentou incendiar a embaixada do Brasil, em sinal de protesto contra João Brandão, declarado inimigo número um da paz. Em Washington, o presidente Johnson fez saber ao embaixador Leitão da Cunha que suspenderá o auxílio da Aliança para o Progresso, caso tenha prosseguimento a política antiamericana de João Brandão.

A Voz do Brasil (*entrando subitamente no ar*)*:*

— Senhores e senhoras, atenção, muita atenção. O presidente Costa e Silva, atendendo a pronunciamentos do CSN, do EMFA, do SNI, da Federação das Indústrias e da Associação Comercial, acaba de expedir decreto declarando nulos, írritos e inexistentes todos os atos praticados ou inspirados pelo sr. João Evangelista Brandão, mandando o referido cidadão recolher-se à sua insignificância e dando-lhe como menagem a praia de Ipanema, desde o Arpoador à rua Montenegro. Boa noite.

31/01 a 09/02/1968

O MORTO DE MÊNFIS

A arma branca
e o alvo preto
não cabem
no soneto.

A mão
que move o fuzil
destrói o til
da canção.

Fica no ar
o som
do verbo matar.

Na varanda, sem cor,
os restos
do amor.

Nos vergéis da justiça
o sol faísca
sobre carniça.

O ódio e seu olho
telescópico
formam um demônio
ubíquo.

Seu nome, Legião.
Não
perdoa a vida.

Onde a vida brota
seu talo verde,
ele vai e corta.

Onde a vida fala
sua esperança,
ele crava a lança,

borda o epitáfio:
Aqui jaz,
desossada, a paz.

Na linha de cor,
na linha de dor,
na linha de horror

da caçada,
a mata é basculante
de banheiro; mais nada.

(Ou janela debruçada
sobre o carro.
Caça ou curra?)

O homem não se reconhece
no semelhante.
O homem anoitece.

O que mais o assusta,
o que mais o ofende
é a luz vasta.

O homem ignora

tudo que já sabe.
E não chora.

Sua intenção
é matar-se na morte
do irmão?

É negar o irmão
e seguir sozinho,
seco, surdo, torto
espinho?

As artes, os sonhos
dissipam-se no projeto
medonho.

Mas renascem. De lágrimas,
pânico, tortura,
emerge a vida pura,

em sua fraqueza
mais forte que a força,
mais força que a morte.

A raiz do homem
vai tentar de novo
o ato de amar.

Vai recomeçar.
Vai continuar.
Continuar.

O morto de Mênfis
continua a amar.

Ninguém mais o pode
matar.

12/04/1968

Nota da edição

A primeira edição de *Caminhos de João Brandão* saiu pela José Olympio Editora em 1970; em 1976, foi publicada a segunda. Em 1984, o autor assinou contrato com a Editora Record, que no ano seguinte lançou a terceira edição do livro, em 1987 a quarta e em 2002 a quinta. Algumas destas crônicas podem ser encontradas ainda nos volumes das obras de Drummond publicados pela Editora Nova Aguilar.

Adotou-se como texto-base para este estabelecimento a segunda edição, de 1976, da José Olympio, que corrige diversos detalhes da primeira. As edições da Record, baseadas nessa mesma segunda, foram consultadas para dirimir pequenas dúvidas. As diferenças entre essas edições são poucas e mínimas, resumindo-se a detalhes ortográficos, algumas gralhas e variações de paragrafação.

RONALD POLITO

Posfácio

O ALTER EGO DE TODO MUNDO

Paulo Roberto Pires

João Brandão é figura singular na crônica brasileira. Não é pseudônimo, como o Manassés e o João das Regras que em momentos diferentes ocultaram Machado de Assis de seus contemporâneos. Tampouco é personagem de contornos detalhados e vida própria como Tia Zulmira ou Primo Altamirando, criaturas de Stanislaw Ponte Preta — este sim pseudônimo, que acabou sobrepondo-se a seu criador, Sérgio Porto. João Brandão poderia ser definido, pelo menos a princípio, como um alter ego de Carlos Drummond de Andrade, gauche como convém ao poeta e de participação um tanto episódica em sua longa carreira de cronista. Mas a melhor medida de sua importância talvez seja mesmo este livro, que saiu pela primeira vez em 1970 reunindo publicações da década anterior.

Tão peculiar quanto o personagem que homenageia, *Caminhos de João Brandão* se quer diferente, mas resulta igual a tantas outras coletâneas de crônicas populares no país entre os anos 1950 e 1970. Diferentemente destas, quase sempre batizadas de forma aleatória a partir do título de uma das narrativas ali reunidas, sugere uma obra original e, também, um protagonista inequívoco. Mas Drummond frustra a expectativa que ele mesmo criou: João Brandão figura em apenas catorze dos 79 textos que, por sua vez, continuam em livro tão diversos em fundo e forma — entre eles há, inclusive, oito poemas — como quando publicados, entre 1958 e 1968, no *Correio da Manhã*. Nada disso, finalmente, é de todo estranho ao poeta, que em 1984 lembrava, em entrevista à filha, Maria Julieta, quanto a contingência norteou sua obra: “Vou juntando textos, crônicas e versos esparsos, mas nunca sentei para fazer um livro, na expressão rigorosa do termo”.

Para levar João Brandão das páginas de jornal para as deste livro, Drummond procurou, como sempre fazia nas coletâneas, dispor os textos numa sutil narrativa, sacrificando a cronologia em nome de um percurso possível pelas crônicas, em geral temático. Aqui, para polir o título, escreveu versos que destacam o personagem e elucidam sua importância:

[…] *meu amigo João Brandão*
vive sua vida entre a rotina palpável
e a aventura imaginária,
e eu vou cronicando seu viver
com a simpatia cúmplice que me inspiram
o ser comum e sua pinta de loucura mansa

Ainda que em vários pontos coincida com a personalidade pública do autor, João não é um clássico alter ego, não assume de forma sistemática atitudes e opiniões *no lugar* de seu criador. Se não houvesse nisso contradição, ele seria uma espécie de *alter ego coletivo*, arquétipo do cidadão de classe média do Rio de Janeiro que, na virada da década de 1950 para a de 1960, enfrenta, entre conformado e perplexo, a efervescência da política e dos costumes — estes impulsionados por ventos de libertação, aquela obliterada pela ditadura militar. Mas, como afirma o próprio autor, se na crônica, como na vida, "tudo pode acontecer, e geralmente acontece, com exceção de duas ou três coisas", fica combinado que João é, sim, o alter ego do homem comum, sem qualidades notáveis ou deslizes condenáveis.

Pelo menos em tese, os caminhos do personagem são os do cronista e pretendem ser os de seus leitores na circunstância precária daqueles tempos,

pois na terra alucinada que nos tocou,
ainda é virtude (*até quando?*)
cumprir sem violência
o mandamento de existir.

A mansidão que Drummond sugere é, àquela altura, uma marca registrada de suas crônicas, dicção que apenas se insinuava em seus dois primeiros livros de prosa, ambos lançados antes de 1954, ano em que começa a escrever sistematicamente no *Correio*. Em *Confissões de Minas* (1944) e *Passeios na ilha* (1952), havia muito mais densidade, reflexão e angústia

do que exigiria a receita da crônica brasileira em sua grande forma, consagrada que foi pela mistura justa de anedota e meditação, humor e desalento, leveza e travo.

Quando estreia no jornal dirigido por Paulo Bittencourt, Drummond escreve três vezes por semana sob a rubrica "Imagem", que de acordo com o tema poderia ser alterada para, por exemplo, "Imagens cariocas", "Multi-imagens" ou "Imagens do dia". Tendo então publicado o essencial de sua poesia — em 1954 saiu *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*, que unia versos inéditos a seus livros anteriores, de *Alguma poesia* a *Claro enigma* —, o poeta bateria ponto no primeiro caderno do jornal, em meio ao noticiário e aos editoriais. Assinava um discreto "CDA", como se as convenções jornalísticas espelhassem a modéstia que propalava ter e que deveras tinha, ele que se definia como "homem de jornal" e em 1980 avaliava sua carreira com desconcertante objetividade: "A única vocação que tive foi a de jornalista, e não a realizei plenamente". O espaço que já naquela época se consideraria "nobre" para um colunista ou articulista de sua estatura ele só ganharia em 1968, quando seus textos deixam de ser uma rubrica no primeiro caderno. Em publicidade de página inteira, o *Correio* anuncia em janeiro daquele ano o Novo Segundo Caderno, em que prometia "as mais variadas, divertidas e atualizadas seções, assinadas pelos maiores nomes do jornalismo brasileiro". Dentre eles, Carlos Drummond de Andrade, que deixa de ser uma inicial e quase sempre ocupa a capa do caderno, do qual sairia no ano seguinte para a longa temporada no *Jornal do Brasil*, onde se aposenta voluntariamente em 1984, aos 82 anos.

Foi entre o primeiro e o segundo caderno do *Correio*, entre a gravidade daquele e a leveza deste, que João Brandão começou a trilhar os seus caminhos, percorridos em zigue-zague do dia 1o de julho de 1954 — data em que aparece pela primeira vez, em "Telefone" — até as últimas crônicas de seu criador. Neste tempo, não envelheceu ou se impôs notavelmente. Assimilava de mansinho, como um Zelig mineiro, o ar de cada tempo em que viveu e assim agia em seu ritmo incerto mas obstinado. Ao lado de Drummond, observou o Brasil a partir da Zona Sul do Rio de Janeiro, situada na justa e ambígua medida da ambição

cosmopolita e do destino paroquial. Em *Fala, amendoeira*, a primeira reunião expressiva das contribuições para o *Correio da Manhã*,[1] João Brandão é flagrado morando em Botafogo e é funcionário público lotado num Instituto Nacional da Goiaba, "que, como é de domínio público, estuda as causas da inexistência desta matéria-prima na composição das goiabadas". Trinta anos mais tarde, no volume póstumo *Moça deitada na grama*, ele empina um papagaio artesanal, feito em Caratinga, enquanto seu filho caçula, como de resto todas as crianças da época, "curte o *E.T.*", o filme de Steven Spielberg lançado em 1982.

A vida de João Brandão aqui flagrada, às vésperas da ditadura e durante ela, transcorre num Rio de Janeiro de boates e cursos de datilografia, enfeitado por moças que são "uma uva", camelôs e galanteadores profissionais. Nesta cidade narrada por um cronista que diz dedicar-se "ao estudo dos costumes do tempo, e notadamente da alma carioca", conseguir uma linha telefônica é um sufoco. Mais difícil do que isso só recusar, como João o fez, a chance de tirar um carro em consórcio, pois "até mesmo… se você não existir, vem no ar o convite para o seu nome imaginário, o seu corpo indemonstrável entrarem na posse mansa, pacífica, de um automovinho". É também a cidade das iniquidades, de crianças abandonadas à própria sorte e dramáticas enchentes. Um território ironicamente mapeado em "O Rio em pedacinhos" e "Impróprio para mineiro". Na primeira crônica, João torna-se espectador inadvertido de um "Congresso Guanabarino de Municípios" em que cada bairro da cidade, alegando características e necessidades próprias, reivindica sua autonomia, numa paródia do que acontecera com a Guanabara, tornada independente em 1960. Desaparecida entre tantas fronteiras, a criatura é sumariamente abandonada pelo criador: "Deve ter arranjado complicação num desses municípios por aí", escreve o cronista, "mas são tantos que não me animo a procurá-lo sem o auxílio da Interpol". Na segunda história, vemos João barrado num cinema do Grajaú, na Zona Norte da cidade, por conta de uma portaria do "Serviço Nacional da Censura" proibindo mineiros, e somente eles, de assistir a determinados filmes. "E de quem partiu a ideia de proibir certos filmes aos mineiros?", pergunta ele. "Partiu de uns tantos mineiros", responde o gerente do cinema.

O absurdo mais ou menos sutil, marca dos dois momentos que comentei, é boa chave para entender as vidas de João Brandão. O cronista sempre o convoca para cortar explicitamente as amarras com a verossimilhança, ou por simples gosto de fabulação ou, mais frequentemente, para ampliar com a lupa da ficção o inverossímil plantado no cotidiano. Na maioria das crônicas aqui reunidas, o recurso prevalece para narrar de forma inteligentíssima e tão amena quanto possível o cotidiano dos cidadãos sob a ditadura militar. Identificado com a esquerda, Drummond manteve por toda a vida uma conflituada relação com a política, preferindo por fim o ceticismo — uma de suas marcas mais fortes — ao engajamento explícito, exemplarmente traduzido nos poemas de *A rosa do povo*.

No meio do incêndio que os comentaristas tocavam nas páginas do *Correio da Manhã*, finalmente sufocado em 1974 pelos sucessivos governos que enfrentou com estridência e desassombro, Drummond seguia em fogo brando. Como reação ao Ato Institucional no 2, baixado em outubro de 1965, imaginou, por exemplo, o dilema de d. Melisa, em pânico diante da perspectiva de extinção dos partidos políticos por receber aluguel de um deles. Logo descobre que o PTT, Partido Tradicionalista Transistorizado, dedicado a "manter e cultivar as tradições morais, adaptando-as à era tecnológica", teria sido poupado pelo regime — mas não pelas estrepolias de seu tesoureiro. Em "A mesária", as eleições gerais de 1966 são vividas como um imenso aborrecimento por um certo "amigo dos feriados", inconformado de, por força do voto obrigatório, não poder curtir em paz sua praia ou mesmo tomar um chope, proibido "a fim de evitar que ele sufragasse a princesa Grace Kelly para senador, e exigisse posse imediata da eleita". Numa cidade entediada e tensa — "só os quatro fuzis ensarilhados, a cem metros de cada seção eleitoral, contrastavam a monotonia com a força" — o relutante eleitor só encontra consolo na bela mesária e "assim, à margem da eleição, os dois se elegeram — quem sabe se até por mais de quatro anos? E verificaram que, mesmo sem chope, pode ser delicioso comemorar a República". Nesta batida, Drummond mantinha-se mineiramente no fio da navalha entre o que podia e o que devia ser dito, sempre sob o risco da fundamental e honrosa

incompreensão formulada por Machado de Assis: a de parecer frívolo aos graves e grave aos frívolos.

Avaliando sua carreira em retrospecto, o poeta fazia questão de destacar que a distância tomada do enfrentamento político direto não eliminou de sua personalidade o eventual "desejo de participar". "Quando vejo todas essas coisas", diz ele a propósito das injustiças e desmandos, "procuro, se não em verso, porque o assunto não comporta, pelo menos em prosa, na minha crônica, dizer essas coisas." Em *Caminhos de João Brandão* o recurso aos versos é eventual e de motivação variada, podendo expressar com igual contundência o horror pelo assassinato de Martin Luther King ("A arma branca/ e o alvo preto/ não cabem/ no soneto", diz a abertura de "O morto de Mênfis", que não nomeia seu protagonista, aquele que "continua a amar/ Ninguém mais o pode/ matar") ou a morte de João Guimarães Rosa, também referido indiretamente em "Um chamado João":

Por que João sorria
se lhe perguntavam
que mistério é esse?
[…]
Ficamos sem saber o que era João
e se João existiu
de se pegar.

Em "No festival", comenta com virtuosismo formal a tensão política e poética do II Festival Internacional da Canção, de 1967 (vencido por "Margarida", de Guttemberg Guarabyra), para encontrar em Chico Buarque de Holanda, que naquele ano concorria com "Carolina", a alma gêmea na alegria desencantada que os dois não poucas vezes compartilham:

Bem faz o Chico: se a estrela
caiu e murchou a rosa,
ei-lo que mostra à janela
de floresta, céu e mar:

— Oh que lindo… Carolina,
meu doce, minha menina,
não deixa o barco partir,
não deixa a banda passar!

Voltemos, pois, a João Brandão para arrematar seu retrato como, na feliz expressão do crítico e tradutor Fernando Py, "porta-voz íntimo" de Drummond. É ele o personagem central de dois conjuntos de crônicas que, publicados entre 1967 e 1968, dão o tom destes *Caminhos*. "História do animal incômodo", que abre o volume, flagra nosso anti-herói às voltas com um presente de grego: um cavalo de cerâmica que tem o dom de prever o futuro por eloquentes balançadas de rabo. Por antever, em geral, "coisas desagradáveis ou tristes", o quadrúpede e seu dono são fichados pelo Serviço Nacional de Informações e reprovados por técnicos de um "Instituto Federal de Otimismo, que funciona junto ao Palácio da Alvorada em regime de tempo integral". No entrecho das cinco crônicas publicadas no jornal, Drummond simula preocupação dos leitores com o animal, como se houvera em torno dele uma indignação pública, faz piada com personagens reais e ainda, aqui e ali, reflete machadianamente sobre as convenções das narrativas para concluir: "Quem se decepcionar com o fim insignificante deste caso, que nos desculpe: todos os casos reais têm fim insignificante".

No autoexplicativo "História do cidadão no poder", João Brandão não vive mais em Botafogo: mora agora num edifício de frente para o mar, na praia do Arpoador, de onde é levado por uma viatura militar. O temor dos vizinhos de que tivesse sido sequestrado arbitrariamente, como tantos outros cidadãos na época, mostra-se logo infundado: levado ao marechal Costa e Silva, ele descobre ter sido nomeado o novo presidente, o salvador da pátria. Instaurada uma "nova atitude mental", os brasileiros deixam de se preocupar com o país. O *Diário Oficial* circula em branco (para que o cidadão possa usá-lo como rascunho) e a *Voz do Brasil* substitui o "blá-blá-blá tradicional" por música de Chico Buarque e Caetano Veloso, que logo depois estariam para valer entre os alvos favoritos dos generais. Com João Brandão, chega ao poder a "qualqueridade", que significa "o modo de

ser de um qualquer, não herói, não iluminado, não portador de missão". Num país subitamente sem conflito, esquerda e direita se desarmam e, em pouco tempo, estão insatisfeitas. João Brandão, que em outra ocasião fora descrito como "o de alma virginal", é discretamente deposto e devolvido à sua insignificância ipanemense.

Por estas e tantas outras crônicas que o leitor já teve oportunidade de ler até aqui, *Caminhos de João Brandão* mostra-se inapelável e saudavelmente datado. Necessita, talvez como nenhum outro dos volumes de crônicas de Drummond, de que cada texto se faça acompanhar pela data de publicação. Relativiza, assim, a máxima de que a crônica é tanto melhor quanto mais se aproxima do genérico e do atemporal, atenuando através do tempo as marcas do momento em que foi produzida. E ganha mais importância como duplo documento, o da época que efetivamente reflete e da maestria do cronista profissional, aquele que assim pode ser chamado na medida em que, para começo de conversa, teima em não reconhecer distância entre notícia e fabulação.

---

1 Os outros são *A bolsa & a vida* (1962), *Cadeira de balanço* (1966) e este que o leitor tem em mãos.

Leituras recomendadas

ARRIGUCCI JR., Davi.
"Fragmentos sobre a crônica".
In: *Enigma e comentário*.
São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CANÇADO, José Maria.
Os sapatos de Orfeu.
São Paulo: Globo, 2012.

CANDIDO, Antonio.
"Drummond prosador".
In: *Recortes*.
Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

PY, Fernando.
Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade (*1918-1930*).
Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

RIBEIRO, Larissa Pinho Alves (org.).
Carlos Drummond de Andrade (Coleção Encontros).
Rio de Janeiro: Azougue, 2011.

Cronologia

1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.

1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.

1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.

1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.

1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa "Onda".

1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: "insubordinação mental".

1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.

1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, habitués da Livraria Alves e do Café Estrela.

1922 Seu conto "Joaquim do Telhado" vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.

1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.

1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.

1925 Casa-se com Dolores Dutra de Morais. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.

1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema "Cantiga de viúvo" (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).

1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.

1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica "No meio do caminho" na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.

1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.

1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.

1931 Morre seu pai.

1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.

1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.

1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.

1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.

1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.

1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção "Conversa de Livraria", assinada por "O Observador Literário". Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.

1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.

1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.

1944 Publica *Confissões de Minas*.

1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.

1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.

1947 É publicada a sua tradução de *Les Liaisons dangereuses*, de Laclos.

1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o "Poema de Itabira", de Villa-Lobos, a partir do seu poema "Viagem na família".

1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.

1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.

1951 Publica *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* e *A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.

1952 Publica *Passeios na ilha* e *Viola de bolso*.

1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.

1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les Paysans*, de Balzac. A série de palestras "Quase memórias", em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas "Imagens", no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.

1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoada*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.

1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La Fugitive*, de Marcel Proust.

1957 Publica *Fala, amendoeira* e *Ciclo*.

1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.

1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.

1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.

1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.

1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'Oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les Fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.

1963 Aparece a sua tradução de *Sult* (*Fome*), de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.

1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de "Sabadoyle".

1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the Middle of the Road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.

1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).

1967 Publica *Versiprosa*, *José & outros*, *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*, *Minas Gerais* (*Brasil, terra e alma*), *Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).

1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.

1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).

1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.

1971 Publica *Seleta em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.

1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.

1973 Publica *As impurezas do branco*, *Menino antigo*, *La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).

1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.

1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.

1977 Publica *A visita*, *Discurso de primavera* e *Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.

1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato* e *70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.

1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.

1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida*, *En Rost at Folket* (Suécia), *The Minus Sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille...* (França).

1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The Minus Sign*.

1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.

1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.

1984 Publica *Boca de luar* e *Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.

1985 Publica *Amar se aprende amando*, *O observador no escritório*, *História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).

1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the Family*.

1987 É homenageado com o samba-enredo "O reino das palavras", pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.

CAPA
Raul Loureiro
sobre obra de Alice Brill/ Acervo Instituto Moreira Salles
FOTO DO AUTOR
retrato de Carlos Drummond de Andrade pertencente ao
Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa
ESTABELECIMENTO DE TEXTO
Ronald Polito
PREPARAÇÃO
Márcia Copola
REVISÃO
Angela das Neves
Valquíria Della Pozza
ISBN 978-85-438-0479-8

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br